



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Faculdade de Formação de Professores

Jodar de Castro Roberto

**Ecos de uma voz feminina: Cecília Meireles e a “Página de Educação”
do Diário de Notícias no ano de 1932**

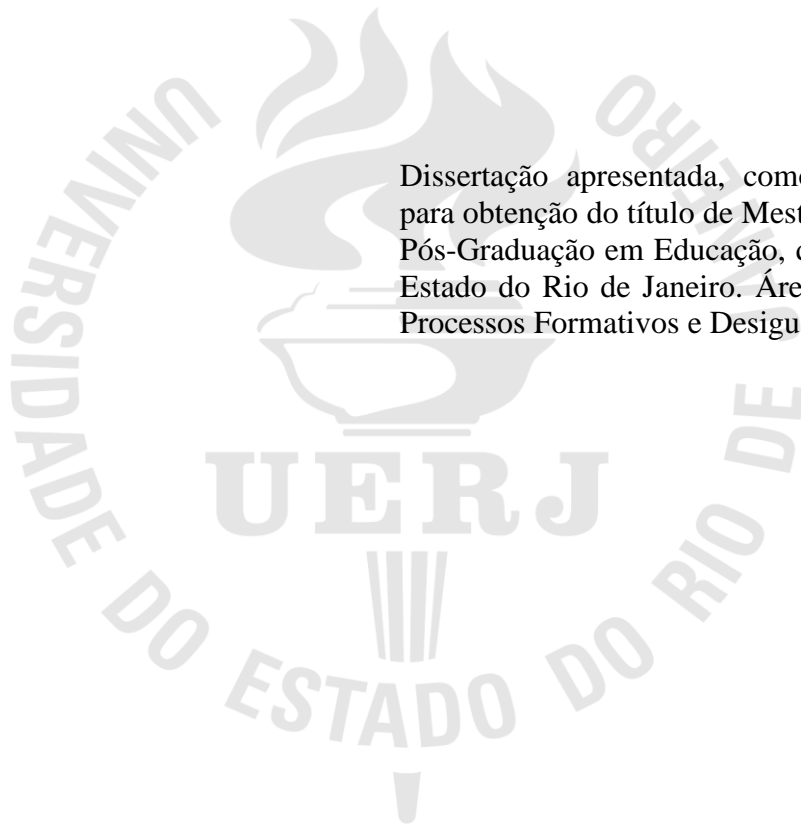
São Gonçalo/RJ

2013

Jodar de Castro Roberto

**Ecos de uma voz feminina: Cecília Meireles e a “Página de Educação”
do Diário de Notícias no ano de 1932**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Processos Formativos e Desigualdades Sociais.



Orientadora: Prof.^a Dr.^a Sonia Camara

São Gonçalo

2013

AUTORIZO A REPRODUÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

R639 Roberto, Jodar de Castro

Ecos de uma voz feminina: Cecília Meireles e a “Página de Educação” do Diário de Notícias no ano de 1932 / Jodar de Castro Roberto. – Rio de Janeiro, 2013.
149 f.

Orientadora: Prof^a Dr^a Sonia Camara
Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores.

1.Educação – História – Brasil. 2.Meireles, Cecília, 1901-1964. 3.Ensino – Meios auxiliares – Teses. I.Camara, Sonia. II.Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
CDU 37(81)

Jodar de Castro Roberto

**Ecos de uma voz feminina: Cecília Meireles e a “Página de Educação”
do Diário de Notícias no ano de 1932**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Processos Formativos e Desigualdades Sociais.

Aprovada em: 30/07/2013.

Banca Examinadora:

Prof.^a Dr.^a Sônia Camara (Orientadora)
Faculdade de Formação de Professores – UERJ

Prof.^a Dr.^a Ana Chrystina Venâncio Mignot
Faculdade de Formação de Professores - UERJ

Prof. Dr. Jorge Antônio Rangel – Fidel
Faculdade de Formação de Professores - UERJ

Prof.^a Dr.^a Libânia Nacif Xavier
Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ

São Gonçalo

2013

Para Nayalla Buarque, minha companheira, que me estimulou, brigou e me ajudou a vencer mais uma etapa da minha vida.

Para ela dedico este trabalho e peço desculpas pelas ausências, nos momentos em que Cecília Meireles tomou conta dos meus dias e noites.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, inicialmente, a iluminação espiritual e a fé que eu tenho nas forças superiores.

Agradeço especialmente a minha Orientadora Prof^a. Dr^a. Sonia Camara por essa caminhada que temos feito na vida acadêmica, muito obrigado!

A Prof^a Dr^a Libania Nacif Xavier, a Prof^a Dr^a Ana Chrystina Venancio Mignot e ao Prof^o Dr^o Jorge Antônio Rangel (Fidel) pela colaboração inestimável no meu crescimento intelectual.

Para não esquecer ninguém, ao NIPHEI-UERJ pela acolhida e as discussões no grupo de estudos.

Ao grupo Roda de Leitura da E.M. Clara Pereira de Oliveira, composto pelas Professoras Ana Cláudia, Ana Cristina, Tatiana, Flávia, Adriana e a Psicóloga Marisa, grupo que acompanhou o desenrolar da minha dissertação.

As minhas irmãs Ivone, Neuza, Vera e Vilma pelas energias positivas.

As minhas sobrinhas Érica e Amanda e ao meu sobrinho Matheus pela torcida.

Ao meu irmão Alexandre Gomes pelas trocas intelectuais, mesmo na distante Maceió.

A Lélia Vasconcelos, Antônio Buarque e Sílvia Buarque pela aposta no trabalho e no valor dos esforços.

Aos meus companheiros de discussão Professores Marco Aurélio Santana e Viviani Freitas.

A Professora Elisabete Silva, Diretora da E.M. Clara Pereira de Oliveira, pela compreensão nas minhas ausências no final da dissertação e pelo apoio ao trabalho do Grupo Roda de Leitura.

As minhas amigas-irmãs Sueli e Teresa Cristina pelas energias positivas.

Aos meus filhos Kim e Clara pela iluminação.

Aos meus pequenos Lara e João por terem suportado as ausências do pai.

A todos,

Muito obrigado!

RESUMO

ROBERTO, Jodar de Castro. **Ecoss de uma voz feminina: Cecília Meireles e a “Página de Educação” do Diário de Notícias no ano de 1932**. 2013. 149 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2013.

Esta dissertação tem por finalidade discutir a participação da poetisa e educadora Cecília Meireles na *Página de Educação* do *Diário de Notícias* no contexto dos debates educacionais e da publicação do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, no ano de 1932. A *Página de Educação* foi criada com a intenção de divulgar e discutir as novas teorias educacionais e como parte das estratégias dos educadores escolanovistas, por ser palco privilegiado dos debates e embates sobre os temas mais acalorados da época em torno da política e da educação. Sob a responsabilidade editorial de Cecília Meireles, a *Página* circulou de 12 de junho de 1930 a 12 de janeiro de 1933. Neste período, Cecília Meireles escreveu cerca de oitocentos *Comentários* e fez uma grande quantidade de entrevistas, em torno de 150. O recorte temporal proposto neste estudo prioriza trabalhar especificamente o ano de 1932, com a perspectiva de destacar o choque de opiniões oriundas da IV Conferência Nacional de Educação e da Associação Brasileira de Educação (ABE) entre os educadores liberais reformistas e os católicos. Desvelar a riqueza dos debates, dos combates, dos enfrentamentos travados por Cecília Meireles ajuda-nos a entender o período em questão, bem como a importância de sua voz em defesa dos ideais de uma escola moderna. A análise da sua participação na construção e na divulgação do ideário escolanovista e do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, nas discussões propostas na *Página de Educação*, pode contribuir com os estudos no campo da História da Educação alargando a compreensão sobre o momento em que a tensão no lançamento do Manifesto chegou ao ponto máximo e a defesa intransigente por ideias se tornou mais acirrada. Nesse contexto, a participação da educadora e intelectual Cecília Meireles, foi preponderante e a sua crítica se mostrou mais contundente. Destacamos também no trabalho a sua rede de sociabilidades construída na *Página*, onde a presença, entre outros, de Fernando de Azevedo e Anísio Teixeira era constante. Para efeito deste estudo, estaremos priorizando dois atores que participaram ativamente do movimento escolanovista: Nóbrega da Cunha e Frota Pessoa. O referencial teórico para estruturar a pesquisa estará baseado em Bourdieu (2009), Certeau (1982), Novaes (2006), Sirinelli (2002) e Pécault (1990). No estudo do contexto histórico e da *Página de Educação* o diálogo será construído com Camara (2003), Pagni (2000), Mignot (2010), Xavier (2002), Barbosa (2007), Lôbo (2010), entre outros.

Palavras-chave: *Página de Educação*. Cecília Meireles. Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova.

ABSTRACT

ROBERTO, Jodar de Castro. **Echoes of a female voice: Cecília Meireles and the "Page of Education" of the Daily News in 1932**. 2013. 149 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2013.

This thesis aims discussing the participation of the poetess and educator Cecília Meireles in the *Page of Education* of the *Daily News* in the context of educational debates and the publication of the Manifest of the New Education Pioneers, in the year of 1932. *The Page of Education* was created intending to disclosure and discuss the new educational theories as part of new school educators' strategy, because it was a privileged stage of strife and brunts on themes that were most strongly discussed at that time around politics and education. Under Cecília Meireles' editorial responsibility, the *Page* circulated from June 12th, 1930 to January 12th, 1933. During this period, Cecília Meireles wrote around eight hundred Comments and did a huge amount of interviews (around 150). The time frame proposed in this study prioritizes working specifically the year of 1932, with the perspective of highlighting the clash of opinions from the IV National Education Conference and the Brazilian Association of Education (BAE) between reformist liberal educators and the Catholics. Unveiling the richness of the debates, the battles, the confronts caught by Cecília Meireles help us to understand the period discussed, as well as the importance of her voice defending the ideals of a modern school. The analysis of her participation in the construction and dissemination of new school ideas and the Manifest of the New Education Pioneers, in the discussions proposed on the *Page of Education*, can contribute to studies in the field of History and Education, broadening the understanding about the moment in which the tension on the Manifest launching reached its highest level and the intransigent defense for ideas became fiercer. We also highlight in this work her sociabilities network build on the *Page*, where the presence, between others, of Fernando de Azevedo and Anísio Teixeira was constant. For purposes of this matter, we'll be prioritizing two actors who actively participated of the new school movements: Nóbrega da Cunha and Frota Pessoa. The theoretical reference to structure the research will be based on Bourdieu (2009), Certeau (1982), Novaes (2006), Sirinelli (2002) and Pécault (1990). In the study of the historical context of the *Page of Education*, the dialogue will be built with Camara (2003), Pagni (2000), Mignot (2010), Xavier (2002), Barbosa (2007), Lôbo (2010), and others.

Keywords: Page of Education. Cecília Meireles. Manifest of the New Education Pioneers.

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	10
1	A FUNÇÃO EDUCATIVA E POLÍTICA DA IMPRENSA NOS ANOS DE 1930	21
1.1	Ecos de uma voz feminina	21
1.2	A mulher, a imprensa e a crônica como forma de ação	28
1.3	A <i>Página de Educação</i> como tribuna de debates	35
1.4	A Escola Nova na <i>Página de Educação</i>	44
1.5	A importância da Formação docente	48
2	A <i>PÁGINA DE EDUCAÇÃO</i> E O CENÁRIO DE DISPUTAS EM TORNO DO MANIFESTO DOS PIONEIROS DA EDUCAÇÃO NOVA DE 1932	52
2.1	Os embates intelectuais nos bastidores do Manifesto	52
2.2	Por que a escola deve ser leiga	55
2.3	Por uma questão de ordem: Nóbrega da Cunha	77
2.4	O lançamento do <i>Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova</i>	87
2.5	O Manifesto e as discussões na imprensa	89
3	A <i>PÁGINA DE EDUCAÇÃO</i>: ECOS E SILÊNCIOS NA DESPEDIDA DE CECÍLIA MEIRELES	93
3.1	A saída de Nóbrega da Cunha do <i>Diário de Notícias</i>: indícios do fim?	93
3.2	Jogando os dados: Frota Pessoa, “o lutador que não envelhece”	95
3.3	Ecos e silêncios: A seção de <i>Educação e ensino</i> e a <i>Página de Educação</i>	104
3.4	A <i>Página de Educação</i>: Mais uma <i>Página</i> virada da Educação Brasileira?	108
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	112
	REFERÊNCIAS	114
	ANEXO 1 - Cronologia - Cecília Meireles	120
	ANEXO 2 - Cronologia - Frota Pessoa	126
	ANEXO 3 - Crônicas e Reportagens (1931 – 1932)	128
	ANEXO 4 - Artigo de Menotti Del Picchia	146
	ANEXO 5 - Artigo publicado no jornal “Estado de São Paulo”	148

ÍNDICE DAS IMAGENS

1 - 1ª página do <i>Diário de Notícias</i> – edição nº 00001 – 12/06/1930	41
2 – <i>Página de Educação</i> – edição nº 00001 – 12/06/1930.....	43
3 - <i>Página de Educação</i> – edição nº 00557 – 29/12/1931.....	62
4 - <i>Página de Educação</i> – edição nº 00576 – 17/01/1932.....	65
5 - <i>Página de Educação</i> – edição nº 00616 – 28/02/1932.....	69
6 - <i>Página de Educação</i> – edição nº 00618 – 01/03/1932.....	71
7 - <i>Página de Educação</i> – edição nº 00619 – 02/03/1932.....	73
8 - <i>Página de Educação</i> – edição nº 00621 – 04/03/1932.....	75
9 - <i>Página de Educação</i> – edição nº 00541 – 13/12/1931.....	80
10 - 1ª página do <i>Diário de Notícias</i> – edição nº 00542 – 14/12/1931	81
11 – Min. Francisco Campos - <i>Diário de Notícias</i> – edição nº 00544 – 16/12/1931	83
12 - 1ª página do <i>Diário de Notícias</i> – edição nº 00545 – 17/12/1931	84
13 - <i>Página de Educação</i> – edição nº 00636 – 19/03/1932.....	87
14 – Foto dos <i>Pioneiros</i> - edição nº 00636 – 19/03/1932	88
15 - <i>Diário de Notícias</i> – edição nº 00650 – 02/04/1932	94
16 – Foto de Frota Pessoa - edição nº 00621 – 04/03/1932	95
17 – Homenagem a Frota Pessoa – edição nº 00917 – 30/12/1932.....	100
18 - <i>Página de Educação</i> – edição nº 00918 – 31/12/1932.....	103
19 - <i>Página de Educação</i> – edição nº 00644 – 27/03/1932.....	148

Tudo, em suma, é sempre uma questão de educação.

(“Questão de Educação”, publicada no *Diário de Notícias*,
“Comentário” de 05 de fevereiro de 1932)

O processo da vida se opera em tentativas sucessivas de libertação. Estamos todos os dias renovando, na criatura que fomos na véspera, a criatura que seremos no amanhã. Mais do que renovando-a: refazendo-a, - porque não tornamos a ser jamais o que fomos, salvos apenas de uma velhice posterior, mas construímos de fato uma vida própria, que das outras só guarda a lembrança das experiências e uma certa memória de duração com que vamos acreditando na sua continuidade.

(“Libertação”, publicada no *Diário de Notícias*,
“Comentário” de 13 de março de 1932)

Só se pode estudar o que primeiramente se sonhou. A ciência forma-se mais sobre um devaneio do que sobre uma experiência, e são necessárias muitas experiências para se apagarem as brumas do sonho.

(Bachelard, Gaston. *A Psicanálise do Fogo*. São Paulo :
Martins fontes, 1999, p. 34)

São Gonçalo, 18 de julho de 2011.

Prezada Cecília,

Tive dúvidas ao começar a escrever com medo de me expor diante de uma pessoa tão respeitada e que eu, particularmente, admiro muito. Mas, logo depois, me dei conta de que a Senhora sempre foi generosa e educadora, portanto saberá entender as minhas possíveis falhas na escrita. Escrevo pela necessidade de expor e questionar alguns pontos em relação a sua participação defendendo as causas educacionais do país, no período em que esteve à frente da “Página de Educação” do Diário de Notícias, entre os anos de 1930 a 1933.

A distância que nos separa temporalmente, não condiz com a proximidade com que tenho acompanhado os fatos à distância, como leitor atento que sou. Sou leitor da sua obra poética há muito tempo, pois sou professor de literatura como a Senhora, o que me permitiu estar em contato com a sua escrita poética e, de uma certa forma, sempre me propiciou um encantamento com o seu texto.

Os seus “Comentários” sobre educação vem fazendo falta, num momento em que a educação do país e a profissão docente, encontram-se novamente numa encruzilhada. As propostas em voga passam pelo viés da economia e da administração, campos que pela forte estrutura ligada ao econômico, transformam a educação em mercadoria a ser negociada. As suas angústias educacionais expressas no jornal, se me permite, são minhas também.

Espanto. Esse foi o meu sentimento mais forte quando tomei contato com as suas crônicas, que confesso com honestidade, eu não conhecia. A não ser as do livro “Escolha o seu sonho”, que tive a chance de ler na passagem da infância para a adolescência.

Não me estenderei muito nesse primeiro contato, pois ainda estaremos caminhando juntos por um bom tempo. Teremos muito para dialogar e sinceramente, escrever essa carta está sendo um exercício delicioso, pois vivo um tempo, o de agora, não o seu, em que a rapidez tira a possibilidade deste hábito.

Espero não incomodar com as minhas dúvidas e interrogações, pois não é esse o meu desejo.

Cordialmente,

Godar Roberto.

INTRODUÇÃO

Um instante de beleza pode causar a transformação total de uma vida. Basta que a ação se produza com aquele ritmo e aquela proporção que tornam as coisas adequadas e determinam esse ajustamento harmonioso e surpreendente que os homens se acostumaram a chamar pelo nome de milagre.

As grandes obras de arte foram sempre um milagre. Diante delas vêem-se os homens mais hostis converterem-se de súbito: o êxtase é um indício dessa mudança brusca, em que se paralisam todas as energias bárbaras, e o espírito aflora, só com as suas virtudes requintadas, à contemplação do prodígio, que de certo modo o reflete (Meireles, 2001, p. 61).

Inacabado, mas com um fim determinado. O trabalho, que por hora, iniciamos o desfecho, parte de uma assertiva de Michel de Certeau: “enquanto a pesquisa é interminável, o texto deve ter um fim, e esta estrutura de parada chega até a introdução, já organizada pelo dever de terminar” (1982, p. 90).

Nesta dissertação buscamos discutir a participação da poetisa e educadora Cecília Meireles na *Página de Educação*, do jornal *Diário de Notícias*, no contexto dos debates educacionais que envolveram o lançamento do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, no ano de 1932. Para isso, nossa análise apresentou como foco principal à leitura da *Página de Educação* dirigida por Cecília Meireles, de 12 de junho de 1930 a 12 de janeiro de 1933. O recorte temporal que trabalhamos foi o do ano de 1932, por considerarmos que o período em questão permitia explorar novas possibilidades de entendimento para as tensões e os embates políticos e educacionais empreendidos pelos educadores à época. Não desconsideramos o período mais amplo de existência da *Página*, no entanto lançamos luz nos embates de opiniões oriundos dos enfrentamentos na IV Conferência Nacional de Educação ocorrida em dezembro de 1931, em Niterói, Rio de Janeiro. Conforme Pagni, “(...) as atas dessa conferência não foram publicadas, dificultando saber com precisão como essa transcorreu, quais foram as teses aprovadas e se a proposta de elaboração do Manifesto de 1932 foi encaminhada” (2000, p.66).

Nesse sentido, a *Página de Educação* do *Diário de Notícias* foi criada como mais uma das estratégias dos reformadores com a intenção de divulgar, debater, defender e tornar públicas as novas teorias educacionais e as concepções da editoria. Sob a responsabilidade de Cecília Meireles, por um período de dois anos e sete meses. A *Página* fez circular cerca de oitocentos *Comentários* e uma grande quantidade de entrevistas,

aproximadamente cento e cinquenta¹. As entrevistas apresentadas na *Página* eram feitas com nomes de destaque no cenário educacional como: Fernando de Azevedo, Anísio Teixeira, Villa-Lobos, Frota Pessoa, entre outros.

O interesse pela escritora e poetisa Cecília Meireles, a princípio, parecia estar ligado a minha formação na área de Letras e Artes, mas a escolha do tema aparece marcado por outras pertenças que nos vem construindo. Cabe neste momento estabelecer alguns pontos que edificaram a minha vida e que, provavelmente, me levaram a cultivar uma forma de olhar para o mundo. Forma esta orientada por um modelo de criação familiar onde o elemento feminino sempre foi preponderante, onde a presença forte da minha mãe, bem como, o carinho, o afeto e a delicadeza das minhas quatro irmãs nortearam a minha trajetória humana, profissional e intelectual até a minha vida adulta.

A minha aproximação com a temática tem outra nuance fundamental, a entrada no Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa em História da Educação e Infância (NIPHEI), grupo de pesquisa e estudos que comecei a participar a partir de 2009². Foi num dos encontros do grupo de estudos, quando na época analisávamos o trabalho sobre Manoel Bonfim e a suas redes de sociabilidade, da então mestranda Marcela Cockel³, que surgiu a minha primeira questão em torno de Cecília Meireles, como intelectual envolvida com as questões educacionais, naquele momento, mobilizava-me entender como uma voz feminina se fez ouvir numa sociedade marcadamente constituída pelo poder masculino? Como Cecília Meireles conseguiu construir o seu discurso? Que caminhos foram trilhados? E que temáticas ganharam destaque em sua fala?

A partir deste momento comecei uma aproximação com o tema, pois o lugar da “poeta” já fazia parte do meu universo de trabalho docente. Outro passo foi a aquisição da bibliografia inicial, onde o livro comemorativo *Cecília Meireles: A poética da Educação* e os cinco volumes das *Crônicas de educação*⁴ de Cecília Meireles, significou para mim uma

¹ No jornal, a cronista também criou a *Página das Crianças*, suplemento infantil com jogos, brincadeiras, desenhos e com uma disposição gráfica atrativa, ficando a diagramação sob a tutela de Correia Dias. Este suplemento teve uma duração efêmera, onze domingos, de 22 de junho a 31 de agosto de 1930.

² A participação no grupo me possibilitou o contato com outros pesquisadores e destaco a Coordenação dos Prof^{os} Dr^{as} Sônia Câmara e Jorge Rangel, que com generosidade e paciência vem orientando o grupo na produção de pesquisas em História da Educação.

³ *Um intelectual da educação na Belle Époque Tropical: Manoel Bonfim e suas redes de sociabilidades*. Dissertação de Mestrado, FFP-UERJ, 2010.

⁴ Fundação Biblioteca Nacional/Nova Fronteira, 2001.

real possibilidade de ter uma aproximação mais estreita com a produção de Cecília Meireles voltada para a educação. O passo seguinte foi o contato com as fontes primárias na Biblioteca Nacional onde se encontram microfilmados os exemplares do periódico *Diário de Notícias*⁵.

O caminho a percorrer começa com as marcas e vestígios deixados na história construída por Cecília Meireles, nos *Comentários* e entrevistas na *Página de Educação* com intuito de compreender a sua participação na implementação do ideário escolanovista, através do seu pensamento expresso na *Página de Educação*, mas também nos dos seus convidados, nomes importantes nas discussões educacionais.

Vemo-nos diante do universo de uma Cecília Meireles diferente da *Pastora de Nuvens*⁶ no qual se assentava seu profundo lirismo, que a deixava “ausente do mundo”, lugar de onde poeticamente ela o via. Pelo contrário, vemo-nos diante de uma jornalista e educadora apaixonante com o olhar arguto de intelectual engajada nas causas que a movimentavam e a seduziam. Nessa direção Clarice Nunes afirma ser “necessário resgatar, através dele (autor), sua época, sua geração e os desafios que ele enfrentou. De outro lado, nenhum autor está só com a sua obra” (Nunes, 1990, p. 38).

Utilizar elementos biográficos⁷ como forma de dar conta de uma vida é um trabalho difícil e, até certo ponto, tarefa das mais gratas ou ingratas. Corre-se o risco na seleção dos fatos e dos acontecimentos supervalorizar uns e desmerecer outros, o que neste trabalho não é a nossa intenção. Recorremos aos elementos biográficos para situar a ação de Cecília Meireles na elaboração de artigos, entrevistas e conferências, entre outros, e como esses dados dão forma ao combate, no tempo em que ela imprime nas suas atitudes o engajamento que marca a sua prática no fazer intelectual.

⁵ O Diário de Notícias e outros periódicos fora de circulação, encontram-se digitalizados e disponíveis no sítio Memoria.bn.br para pesquisa.

⁶ Designação dada por ela para caracterizar o seu distanciamento do mundo, como se vê nos versos: “**Pastora de nuvens**, fui posta a serviço/por uma campina tão desamparada/que não principia nem também termina/e onde nunca é noite e nunca madrugada” (Meireles apud Pichio, 1997, p. 559).

⁷ Temos usado como referência, no que concerne aos aspectos biográficos, para este trabalho: Mignot (2010), Vieira (2010), Lobo (1996, 2010), Lamego (1996), Rocha (2003), entre outros.

Assim, interessa-nos compreender como Cecília Meireles construiu a sua identidade e a sua obra vinculadas ao grupo de intelectuais escolanovistas que, de diversas formas, reforçou e constituiu “crenças e valores” na educação. Como afirma Gilberto Velho (1989, p. 89), a trajetória de um indivíduo e a sua relação com as questões políticas, forma um *corpus*, uma rede social que os diferencia de outros grupos. Esta diferenciação de outros grupos se transforma numa marca de distinção. Assim o que distinguia Cecília Meireles era a junção de vários atributos particulares: educadora, poetisa, jornalista e professora. Estes atributos somados permitiram a ela trafegar por campos diferenciados e utilizá-los na construção do seu pensamento e discurso. Pelas palavras de Cecília Meireles é possível apreendê-la:

Em toda a minha vida nunca me esforcei em ganhar nem me espantei por perder. A noção ou sentimento de transitoriedade de tudo é o fundamental mesmo de minha personalidade. Creio que isso explica tudo quanto tenho feito em literatura, jornalismo, educação e mesmo folclore (Meireles apud Lôbo, 2002, p. 237).

Este sentimento de perda parece uma marca que acompanhará Cecília Benevides de Carvalho Meireles por toda a sua existência. Poetisa, professora, pedagoga e jornalista sua poesia lírica é altamente personalista e frequentemente simples na forma, não obstante contenha imagens e símbolos complexos. Essas características deram a ela importante posição na literatura brasileira do século XX. Nesta perspectiva, segundo Brito, Cecília Meireles era “(...) figura solitária, buscou em todas as fontes os recursos que melhor servissem ao seu ideal poético. Aproveitou-se das lições do classicismo e do gongorismo, do romantismo e do parnasianismo, do simbolismo e do surrealismo” (1968, p. 169).

A sua paixão pelas causas educacionais será fortalecida com as discussões sobre o melhor caminho para a educação do país. A sua trajetória chama atenção a partir da oposição a escola identificada como conservadora e que se colocava a serviço das oligarquias que disputavam o poder na Velha República Brasileira:

O projeto político republicano visava implantar a educação escolarizada, oferecendo o ensino para todos. É bem verdade que se tratava ainda de uma escola dualista, em que para a elite era reservada a continuidade dos estudos, sobretudo científicos – já que os republicanos recusavam a educação tradicional humanista -, enquanto o ensino para o povo ficava restrito ao elementar e profissional (Aranha, 2006, p. 298).

Adepta das idéias escolanovistas em circulação no Brasil, especialmente junto aos intelectuais envolvidos com os debates travados na Associação Brasileira de Educação

(ABE), criada em 1924 com reformadores da instrução pública. Especialmente Cecília Meireles colocou-se como defensora e ativista dessas ideias:

As décadas de 1920 e 1930 foram férteis em discussões sobre educação e pedagogia. Diversos interesses opunham-se, sobretudo entre liberais e conservadores, ao lado de alguns grupos da esquerda socialista e anarquista e outros da direita, como os integralistas, sem nos esquecermos dos interesses dos militares na educação. No meio desse debate, muitas vezes áspero, o governo estruturava suas reformas, nem sempre tão democráticas e igualitárias como sonhavam os mais radicais (Aranha, 2006, p.302).

Neste momento em que as discussões por mudanças repercutiam pelo país, a sua escrita foi um dos elementos para a edificação e divulgação das novas teorias da educação defendidas e praticadas por Fernando de Azevedo, Anísio Teixeira, Lourenço Filho, entre outros. Em contrapartida, essa tomada de posição e engajamento, Cecília Meireles recebeu críticas dos educadores católicos, principalmente de Alceu Amoroso Lima. O que não a intimidou, pelo contrário, possibilitou a difusão do discurso reformista nas contendas políticas, durante o governo do Presidente Getúlio Vargas, iniciado a partir de 1930 (Lôbo, 2010, p. 21).

Pela *Página de Educação*, Cecília Meireles discutiu e fez circular as novas teorias educacionais. Trabalhava diariamente na construção de um discurso político, em certos momentos áspero, em outros irônico. Colaborou com afinco para a exposição das novas concepções educacionais. Nas palavras de Ana Mignot: “(...) a escrita inquieta de Cecília Meireles contribuiu para a fabricação de uma nova sensibilidade pela infância, para a construção de uma nova cultura pedagógica e para a mudança de mentalidade na condução dos destinos da educação brasileira” (Mignot, 2001, p.168).

Essa “escrita inquieta”, construída no seu labor jornalístico, foi explicada em carta datada de oito de novembro de 1931, ao educador Fernando de Azevedo. Nessa ocasião, conforme Lamego, Cecília Meireles estava prestes a fazer uma entrevista com o Sr. Isaías Alves, educador e advogado baiano, que acabara de assumir o cargo de subdiretor técnico da Educação do Distrito Federal:

Só há poucos dias chegou o Sr, Isaías Alves. Estive com ele rapidamente: devo, porém entrevistá-lo amanhã. Sempre aquele mesmo gosto de aventura, de que já lhe falei, e que, para mim, é o único motivo emocional do jornalismo. Do agir sobre o público ao invadir um pensamento e fixá-lo, vai uma diferença muito grande. Tanto mais que o pensamento e a sua fixação raramente podem irradiar-

se em órbitas vastas quando se fazem de certo modo interessantes (Meireles apud Lamego, 1996, p.35).

A participação ativa de Cecília Meireles na sua “aventura” jornalística levava-a a tocar em temas variados como religião, formação de professores, arte, ética, nacionalismo, fraternidade, mulher, revolução e feminismo. Ela, porém, acreditava num feminismo que equiparasse a mulher ao homem no campo profissional, mas nem por isso deixou de desferir críticas ao movimento feminista de cunho sectário que dividia a sociedade entre homens e mulheres. Segundo Lamego, “Cecília Meireles foi de uma geração que pioneiramente estabeleceu um lugar para a mulher na vida pública. Sua presença na direção de uma seção de jornal representa um poder que poucas mulheres de sua década conheceram” (Lamego, 1996, p. 23).

Nesse sentido, nossa hipótese de trabalho é que a análise dos embates e enfrentamentos travados no ano de 1932 poderá ajudar a compreender o período e a importância da *Página de Educação* como elemento difusor do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova de 1932, bem como do projeto educacional que os renovadores acreditavam ser necessário para que o país pudesse produzir mudanças sociais. Mudanças associadas à ideia de que pela educação se “facultaria” ao povo acesso ao progresso industrial e tecnológico, para que assim o Brasil se equiparasse aos países da Europa e aos Estados Unidos da América do Norte em civilização e progresso. Nessa direção, assim se pronunciava Fernando de Azevedo:

A educação popular..., não pode conservar-se apertada nos moldes estreitos em que a enquadrou a tradição. Já tardou demais a sua adaptação vigorosa à corrente de ideias da nova civilização, em que a ciência tenta colocar todas as forças da natureza a serviço do homem e em que, portanto, o problema da riqueza é um problema nitidamente científico, de educação e de cultura. Adaptada às exigências da civilização atual, que arremete em todos os países entre as pontas desse dilema: ‘educar-se ou desaparecer’, a educação pública realizará, pela escola do trabalho educativo, a educação eficaz para o trabalho produtivo, sem esquecer as necessidades específicas de um povo em formação, que exige a sua reforma em bases brasileiras, como força de coesão política e elemento consolidador de nossa composição étnica heterogênea, acentuada cada vez mais pelas correntes migratórias. É este o alvo em que trazemos postos os olhos, quando pensamos num sistema de educação vivo e flexível, concebido como uma obra orgânica, com um critério prático-idealista, e com uma lógica sistematização do pensamento moderno e uma consciência profunda das necessidades nacionais (Azevedo apud Pagni, 2000, p. 62).

Trabalhamos com essa hipótese, pois o panorama político era dos mais favoráveis aos enfrentamentos. No que tange ao contexto histórico, o início da década de 1930 apresentava-se como cenário marcado pela ebulição advinda com as disputas políticas, notadamente as mais variadas forças que se aglutinaram na formação da Aliança Liberal, coligação partidária criada para dar sustentação à candidatura de Getúlio Vargas à Presidência da República, em 1929, que mantinha no seu bojo lideranças dos mais diferentes grupos políticos do país, como os ex-presidentes da República, Artur Bernardes, Epitácio Pessoa e Venceslau Brás, além de governadores e ex-governadores de estado, como Antonio Carlos Ribeiro de Andrada, Olegário Maciel e João Pessoa. Também participavam da Aliança os “tenentes” rebeldes, grupo de jovens oficiais do exército, que tentava derrubar o regime em vigor desde 1889 (Pandolfi, 2012, p.16).

É diante deste quadro político que o grupo de intelectuais em que se destacavam Fernando de Azevedo e Anísio Teixeira, entre outros, mobilizou-se com maior intensidade com a intenção de pensar e propor um projeto educacional que abrangesse o país em todos os níveis de ensino. Os intelectuais da educação, que partilhavam entre si desejos e anseios de construção desse projeto, faziam parte de uma geração.

Nessa perspectiva, nosso trabalho de pesquisa, na medida em que foi sendo construído, na coleta dos dados e na descoberta dos personagens que conviviam com Cecília Meireles, nos permitiu jogar luz sobre um dos nossos questionamentos iniciais, ou seja, como a sua voz conseguiu ecoar período em que esteve à frente da *Página*. Esse questionamento começou a ser respondido, no momento em que fomos corporificando a sua rede de sociabilidade. A rede de intelectuais com os quais ela dialogava era marcada pelo envolvimento com as lutas que ela participava, dentre essas personagens, faziam parte Nóbrega da Cunha, Frota Pessoa, Fernando de Azevedo, Edgar Sussekind de Mendonça, Armada Álvaro Alberto, Anísio Teixeira, entre outros.

Segundo Gomes (1993, pp. 64-65) as redes de sociabilidade são entendidas como formando um “grupo permanente” ou temporário, “qualquer que seja seu grau de institucionalização, onde a noção de sociabilidade reveste-se de um duplo sentido” ao qual devemos considerar:

O primeiro, contido na ideia de rede, remete às estruturas organizacionais da sociabilidade através de múltiplas e diferentes formas que se alteram com o tempo, mas que têm como ponto nodal o fato de se constituírem nos locais de

aprendizagem e trocas intelectuais. Salões, cafés, casas editoras, academias, escolas, revistas, manifestos e mesmo a correspondência de intelectuais são lugares preciosos para a análise do movimento de fermentação e circulação de ideias. (...)

A segunda acepção dessa noção está como que secretada nas redes que estruturam as relações entre os intelectuais. Ela é constituída pelo que a literatura chama de “microclimas” que caracterizam “estes pequenos” mundos em particular. Ou seja, se o espaço da sociabilidade é “geográfico”, é também “afetivo”, nele se podendo e devendo recortar não só vínculos de amizade/cumplicidade e de hostilidade/rivalidade, como também a marca de uma certa (sic) sensibilidade produzida e cimentada por evento, personalidade ou grupos especiais. (Gomes, 1993, p. 65)

Partindo deste pressuposto, nossa pesquisa vem buscando o “não-dito” do encontro de três atores no palco da Revolução de 1930 e dos seus antecedentes, a saber: Cecília Meireles, Nóbrega da Cunha e Frota Pessoa⁸. A interseção desses atores ou o “ponto cego” (Certeau, 1982) desse encontro, situamos na Reforma da Instrução Pública no Distrito Federal de 1927 a 1930 (cf. Camara, 2011), momento em que o intelectual e reformador Fernando de Azevedo assumiu a Diretoria Geral de Instrução Pública no Distrito Federal.

A direção da cena efetuada por Fernando de Azevedo, na Reforma da Diretoria de Instrução Pública de 1927 a 1930, se incumbiu de amalgamar vários intelectuais ligados à educação, bem como por em prática na sua gestão, as novas teorias educacionais escolanovistas. Essa capacidade de agregar diferentes personagens neste momento de reformas e mudanças possibilitou a constituição do que futuramente seria chamado de grupo dos Pioneiros da Educação Nova e eclodiria na publicação do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, em 18 de março de 1932.

Nesta perspectiva, localizamos Frota Pessoa⁹ (cf. Vieira, 2010) que ocupava em 1922, o cargo de Secretário-geral da Diretoria de Instrução Pública do Distrito Federal, na gestão de Antonio Carneiro Leão (1922-1926) e que na gestão de Fernando de Azevedo, permaneceu como “estreito colaborador”. No que tange a Nóbrega da Cunha, situamo-lo no cerne das discussões e embates por ser jornalista e fundador do *Diário de Notícias*, educador e membro da ABE, fundada em 1924.

A variedade de atores e de interesses em jogo possibilitou o choque de vários discursos e representações variadas das questões educacionais, estes embates marcavam o posicionamento de grupos diferentes católicos e renovadores, os primeiros defendiam a

⁸ Esse caminho da pesquisa foi redesenhado a partir da qualificação, onde por sugestão da Banca, incluímos o Professor Frota Pessoa, que também foi signatário do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova.

⁹ Sobre Frota Pessoa, conferir cronologia em anexo.

manutenção da tradição e representavam o lado conservador, já os renovadores representavam a novidade. Nesta perspectiva Chartier aponta que:

A problemática do mundo como representação, moldada através da série de discursos que o apreendem e o estruturam, conduz, obrigatoriamente, a uma reflexão sobre o modo como uma figuração desse tipo pode ser apropriada pelos leitores. Daí, o nosso interesse pelo processo por intermédio do qual é historicamente produzido um sentido e diferenciadamente construída uma significação (Chartier apud Xavier, 2002, p. 10).

Assim podemos detectar que a insatisfação desses intelectuais e o choque de opiniões desses grupos (reformadores X católicos) que operavam com discursos que representavam o contraste, era sustentada com base em posições dicotômicas, ou seja, da oposição entre passado e presente, velho e novo, tradicional e moderno. Esse confronto de ideias foi um dos elementos que sustentou o debate que antecedeu e acompanhou a elaboração do texto do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova (Xavier, 2002, p.39).

Na intenção de buscar jogar luz nos embates que ocorreram no ano de 1932, partimos da leitura da *Página de Educação*, da coluna *Comentário* e as entrevistas centrais publicadas na *Página*. O nosso *corpus* de análise abarcou cerca de trezentos comentários e cerca de cinquenta entrevistas. Efetuamos a leitura da *Página* buscando observar as recorrências e repetições exploradas por Cecília Meireles. Nessa perspectiva fizemos um mapeamento¹⁰ das crônicas no nosso recorte temporal e privilegiamos alguns temas cíclicos: escola nova, imprensa, educação, formação docente, ensino religioso.

Trabalhamos de forma mais detida nas Conferências pronunciadas por Cecília Meireles na Liga Anticlerical e a cobertura do periódico à IV Conferência Nacional de Educação. Procuramos também destacar as matérias que repercutiram no Manifesto na *Página de Educação*. O recorte da nossa pesquisa no ano de 1932, trouxe-nos a necessidade de o alargarmos, em especial para o mês de dezembro de 1931, em função da IV Conferência e os primeiros dias do mês de janeiro de 1933, por se tratar das últimas páginas sob a responsabilidade de Cecília Meireles.

A organização da dissertação foi pensada em três capítulos. No primeiro capítulo, *A função educativa e política da imprensa nos anos de 1930*, apresentamos Cecília Meireles e suas múltiplas faces e por que a nossa escolha por essa voz feminina. Construímos um

¹⁰ Sobre o nosso *corpus* de pesquisa cf. o anexo nº 3, pois mapeamos os *Comentários* publicados na *Página de Educação*, no ano de 1932, destacando a data, o título, a temática e a localização.

breve painel sob a condição da mulher e suas lutas iniciais pela emancipação, particularmente no final do século XIX, e mais especificamente das mulheres jornalistas que usavam a imprensa e as crônicas, gênero utilizado por vários escritores pela sua proximidade com o público. Nessa direção situamos o leitor sobre as condições de mobilidade social da mulher nesse período e as insatisfações que começavam a surgir. Discorreremos também sobre a importância da imprensa e a sua função educativa diante dos interesses de divulgação e defesa do escolanovismo. Privilegiamos dois temas recorrentes na *Página de Educação*: a escola nova, para que pudéssemos perfilar alguns dos ideais desse projeto educacional e os professores e a formação docente, pois neste caso tanto os intelectuais católicos quanto os intelectuais reformadores, precisavam do apoio desses profissionais para ver executadas ou não as mudanças.

No segundo capítulo, *A Página de Educação e o cenário de disputas em do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova de 1932*, destacamos os antecedentes do Manifesto e em que condições ele foi gestado, qual o pano de fundo histórico que se descortinava. Analisamos o ciclo de Conferências pronunciadas por Cecília Meireles na Liga Anticlerical, sob o título de *Por que a escola deve ser leiga*, por entendermos ser um momento de afirmação das questões escolanovistas e de repúdio a imposição e ao dogmatismo do ensino religioso. Neste ciclo de conferências ela fundamentou e problematizou alguns aspectos fundantes dos ideais escolanovistas, pois estruturou o seu discurso no “Emílio” de Rousseau e as suas apropriações das questões anticlericais. Analisamos a interferência de Nóbrega da Cunha na IV Conferência e a publicação do livro “A Revolução e a Educação”. Recorremos à análise dos temas centrais do Manifesto e comentamos brevemente as suas propostas para melhor situar o leitor do nosso trabalho, destacamos também os textos de repercussão publicados na *Página* depois do Manifesto.

No terceiro capítulo, *A despedida de Cecília Meireles da Página de Educação: ecos ou silêncios?* Ponderamos sobre a saída de Nóbrega da Cunha da direção do Diário de Notícias e analisamos alguns *Comentários* e entrevistas publicados no final de 1932, durante a realização da V Conferência em que Frota Pessoa foi homenageado por Fernando de Azevedo. A presença de Frota Pessoa no terceiro capítulo prende-se a nossa hipótese de que a saída de Cecília Meireles da editoria estaria próxima, dessa forma o grupo que se instituiu como reformador precisaria manter acesas as questões que os mobilizavam. Frota

Pessoa seria o nome talhado para esta nova empreitada em função do seu passado de serviços prestados as causas educacionais. Ele participou ativamente como colaborador da Reforma Fernando de Azevedo (1927-1930) e apresentava as qualidades necessárias para a defesa do pensamento dos signatários do Manifesto por ser educador, intelectual, advogado e “homem de letras” o que lhe permitia transitar pelo universo político e educacional, pois sabia discutir com firmeza e rigor as questões e os enfrentamentos que caracterizavam o grupo dos reformadores. Procuramos fazer algumas interseções entre a *Página de Educação* e a coluna *Educação e Ensino*, escrita por Frota Pessoa no *Jornal do Brasil*, iniciada em três de maio de 1933 e mantida até o ano de 1948. Fechamos o capítulo fazendo inferências sobre a despedida de Cecília Meireles da *Página de Educação*.

Diante destas delimitações por nós definidas, procuramos ao longo desta dissertação orientar o movimento da pesquisa a partir do olhar arguto da cronista que na *Página de Educação*, trabalhou incansavelmente na perseguição do sonho e dos ideais que acreditava. Reiteramos que o diálogo com os vários autores aqui presentes nos auxiliaram neste empreendimento.

1 - A FUNÇÃO EDUCATIVA E POLÍTICA DA IMPRENSA NOS ANOS DE 1930

1 – Ecos de uma voz feminina: por que Cecília Meireles?

Eu não tinha este rosto de hoje,
assim calmo, assim triste, assim magro,
nem estes olhos tão vazios,
nem o lábio amargo.

Eu não tinha estas mãos sem força,
tão paradas e frias e mortas;
eu não tinha este coração
que nem se mostra.

Eu não dei por esta mudança,
tão simples, tão certa, tão fácil:
- Em que espelho ficou perdida
a minha face?¹¹

Há uma fala recorrente no universo da pesquisa que diz que nós não escolhemos o objeto da pesquisa, mas sim que de uma forma inconsciente ele nos captura. Partindo desse pressuposto fui escolhido, no primeiro momento, por viver no ofício de professor o encantamento que a face poética de Cecília Meireles sempre despertou no exercício criativo das aulas. Pelas trocas que a sua obra poética no campo da literatura infantil ou adulta, propiciou e propicia aos mais variados públicos, sejam as suas crônicas ou as suas poesias, nos mais diferentes níveis da educação.

Lançar luz sobre o objeto de trabalho possibilita ao pesquisador contrastar regiões de luz e sombra, negrume e claridade. Deste contraste e das antíteses advindas deste choque, podemos explorar assim as regiões que, a princípio, parecem distintas, mas que se juntam formando um todo, não indiviso, mas que podemos fragmentar para reconstruir.

Por apresentar diversas vertentes de produção, seja no campo literário, educacional ou político, apreender Cecília Meireles, como um sujeito de múltiplas faces é tarefa delicada, pois a sua biografia se mistura e influencia sobremaneira o seu fazer nos espaços por onde se movimenta transformando o seu desejo em ação. Como em todas essas frentes de trabalho intelectual a sua *arma* é a expressão escrita enquanto instrumento de enunciação. Como esclarece Barthes (2007, p. 14) a língua se apresenta como serviçal do

¹¹ Poema intitulado “Retrato”, Meireles apud Gotlib, 2007, p. 100.

poder, pois “a língua, como desempenho de toda linguagem, não é nem reacionária, nem progressista; ela é simplesmente: fascista; pois o fascismo não é impedir de dizer, é obrigar a dizer”.

Dessa forma é importante não aprisionar Cecília Meireles, mas buscar o seu traçado, mergulhar na sua escrita, nesse lugar que é um “mar absoluto” onde ela pode reinar com toda a potência que o seu texto produz, num jogo em que se apresenta com a *arma* poderosa e aguda da palavra que enuncia a mudança. Pensando ainda com Barthes (2007, p. 14), dois elementos são delineados nesta concepção: a autoridade da asserção e o gregarismo da repetição.

No caso de Cecília Meireles, estes elementos vão se juntar na sua escrita, criando um amalgama de mestria e escravidão, onde o domínio das letras possibilita a construção densa de um discurso inovador e, ao mesmo tempo, defensor dos postulados da geração de intelectuais ao qual pertence. Cecília Meireles não se contentou em repetir e se alojar calmamente na “servidão dos signos”, pelo contrário seu discurso vai brotar na disputa, no embate, na tensão entre o que ela considera o passado (escola tradicional, sem atrativos, repetitiva e elitista) e o futuro promissor das novas teorias educacionais (escola ativa, alunos no centro da aprendizagem, professores criativos), avanços os quais acreditava que poderiam iluminar e reconstruir a educação do país.

Partindo da assertiva defendida por Bloch (2001, p.55), que a “história é a ciência dos homens no tempo”, localizamos Cecília Meireles como sujeito histórico, no epicentro dos embates educacionais do país iniciados na década de 1920, e que apresentaram prolongamento das discussões pela década de 1930.

Desta forma, ela fez parte do pensamento intelectual brasileiro que despontava, juntamente com a geração constituída por nomes como Fernando de Azevedo, Anísio Teixeira, Lourenço Filho, Nóbrega da Cunha, Frota Pessoa, entre outros. Personagens que buscavam construir e constituir um caminho cultural que pudesse “guiar” o povo. Esses intelectuais se posicionavam como os elementos necessários para que de “cima para baixo” se fizessem às mudanças em direção a formar uma nova sociedade.

Nessa perspectiva Pécault assinala que a figura do intelectual dos anos de 1920-1945 apresentava marcado por sua origem familiar, pois uma boa parcela era oriunda de linhagens tradicionais em decadência. Recorrendo a Pécault, “eles estavam ameaçados pela

perda de “status” com o avanço dos diplomas conferidos nas diversas faculdades livres” (Miceli apud Pécault, 1990, p. 19). O fortalecimento do Estado na década de 1930 torna-se o lugar para que eles encontrassem assento e também para que não perdessem seu lugar de destaque na sociedade.

Três variáveis irão estabelecer a noção de “interesse” dos intelectuais e a sua inserção no aparelho estatal: a questão de classe (pertença a uma oligarquia decadente); a identificação com uma categoria social particular (os escritores); e o fato de se inserir na administração pública. Conforme Pécault, “na interseção destas variáveis é que se pode entender a participação desses intelectuais” (1990, p. 21).

Nessa direção, dois outros fatores despertam atenção sobre o período e a participação dos intelectuais e, em particular em nosso caso, entre eles, Cecília Meireles: a busca por um saber socialmente valorizado, ou seja, uma ciência do social que pudesse dar conta das mazelas e propor saídas calcadas numa administração científica dos problemas da sociedade e, de outro o fato desses intelectuais estarem vinculados a ação e a transformação do país como uma missão política.

Concordando com Pécault, a compreensão deste fenômeno deve levar em conta como eles percebiam os jogos políticos e as suas atribuições e os arranjos que daí pudesse advir. Sentiam-se desiludidos com a República, por ela ter mantido até então as influências das oligarquias no trato das questões públicas nas transações regionais. Neste aspecto, passaram a reagir contra a “oligarquização das instituições”. Diante deste quadro, “sua politização não foi um pretexto para promover interesses próprios, mas, antes de tudo, expressava sua conversão à ação política” (1990, p.21).

Ainda dialogando com Pécault, este afirma que a geração dos anos de 1920-1930 não se manteve a sombra do Estado, mas pelo contrário procurou assumir cargos públicos e proclamar “a sua vocação para elite dirigente” (1990, p. 22). Nessa direção, essa geração de intelectuais procurou reconfigurar a sua participação na vida do país, por não aceitar a dependência existente no período imperial e nem o isolamento do início do século XX; mas sim resgatar o prestígio das elites de estado, marca do Império brasileiro.

De acordo com o crítico literário Antônio Candido, as contradições da sociedade ficam mais visíveis na década de 1930, fazendo emergir modernas concepções de cultura no Brasil. Este momento é marcado por uma grande quantidade de discussões, que punham

projetos divergentes em disputa, acerca da melhoria social e educacional do país. Neste aspecto as figuras do intelectual e do artista possibilitam uma nova leitura, pois o novo conceito os coloca “no lado oposto da ordem estabelecida; e que faz parte da sua natureza adotar uma posição crítica em face dos regimes autoritários e da mentalidade conservadora” (1987, p. 195).

Várias dificuldades se mostram quando fechamos o foco sobre o intelectual. Num primeiro momento, pensamos que a delimitação, definição e construção de uma imagem única que abarcasse os intelectuais brasileiros fosse possível. Diante da percepção da impossibilidade de tal feito, pois nos deparamos com variadas formas de ver¹² e conceber os intelectuais, optamos pelo conceito de intelectual formulado por Pierre Bourdieu, onde ele afirma que:

Os intelectuais surgiram historicamente no e pelo ultrapassamento da oposição entre a cultura pura e o engajamento. São por isso seres bidimensionais. Para invocar o título de intelectual, os produtores culturais precisam preencher duas condições: de um lado, pertencer a um campo intelectualmente autônomo, independente do poder religioso, político, econômico e outros, e precisam respeitar as leis particulares desse campo; de outro lado, precisam manifestar sua perícia e autoridade específicas numa atividade política exterior ao campo particular de sua atividade intelectual. Precisam permanecer produtores culturais em tempo integral sem se tornar políticos. Apesar da antinomia entre autonomia e engajamento, é possível mantê-los simultaneamente. Quanto maior a independência do intelectual com relação a interesses mundanos, advinda de sua mestria, tanto maior sua inclinação a asseverar essa independência, criticando os poderes existentes, e tanto maior a efetividade simbólica de qualquer posição política que possam tomar (Bourdieu apud Chauí, 2006, p.20).

O sujeito que buscamos captar se fez presente na ação de Cecília Meireles, assentava-se na busca pela autonomia do seu pensamento, lugar no qual ao mesmo tempo, vemo-la construir sua história de enfrentamentos ao se engajar de forma integral nas questões ligadas a um novo modelo educacional. Mas a sua “mestria” e a sua independência começam a ser exteriorizadas em qual momento? Quais as pistas que podemos perseguir para desvelar esse sujeito?

Concordamos com Revel, quando afirma que cabe ao historiador “desencavar” as causas existentes por trás da desordem superficial das coisas, pois: “é segundo esse diagnóstico sobre as verdadeiras causas do que aconteceu que ele poderá construir uma

¹² Raymond Aron, por exemplo, menciona os escribas, os peritos e os letrados (Aron, 1955). Edward Shils, os produtores, os intérpretes e os consumidores (Shils, 1972). Essas classificações não se aplicam ao Brasil (cf. Pecáult, 1990, p. 7).

estrutura do passado que tomará a forma necessária de uma narrativa capaz de convencer aqueles a quem é destinada (2009, p. 73)”. A Cecília Meireles que estamos “desencavando” nos remete, como ponto de partida, para o concurso da Escola Normal do Distrito Federal, para a cátedra de Literatura Vernácula no ano de 1929 e que vai se estender até o ano de 1930, com a perda da vaga em disputa.

Defendemos que a participação de Cecília Meireles nesse concurso funcionou como um elemento que propiciou a sua entrada nos embates educacionais e também possibilitou o fortalecimento de suas convicções em torno das questões educacionais escolanovistas, ou seja, matéria prima da sua coluna *Comentários na Página de Educação*. O concurso que iniciou no ano de 1929, apresentava como primeira etapa a publicação e defesa de uma tese. A tese apresentada pela Educadora e poetisa Cecília Meireles intitulava-se *O Espírito Victorioso*. Esta disputa pela vaga na Escola Normal se transformou numa contenda entre os adeptos das novas teorias sobre a educação (Escola Nova) e aqueles que se mantinham numa posição identificada como tradicional, que não aceitavam as mudanças que já se anunciavam e se realizavam no país desde 1920.

Dentre as Reformas em curso na década de 1920, podemos destacar: a Reforma da Instrução em São Paulo, 1920, com Sampaio Dória; a Reforma da Instrução Pública, no Ceará, em 1922, com Lourenço Filho; a Reforma Carneiro Leão no Distrito Federal, 1922-1926; a Reforma da Instrução Pública na Bahia, 1924-1928, com Anísio Teixeira; o Inquérito sobre a Instrução Pública em São Paulo, 1926 realizado por Fernando de Azevedo; a Reforma no Distrito Federal, 1927-1930 com Fernando de Azevedo; Reforma Francisco Campos em Minas Gerais, 1927, entre outras (cf. Camara, 2011).

As ideias e propostas de vários teóricos e reformadores educacionais passaram a fazer parte do discurso educacional brasileiro. Anísio Teixeira, por exemplo, nome importante na difusão das novas teorias, fez uma viagem de estudos aos Estados Unidos da América do Norte (1927-1928), de onde trouxe os conhecimentos elaborados por John Dewey, pensador que junto com Charles Sanders Peirce, William James e George Herbert Mead estruturaram o Pragmatismo. Conforme afirma Cunha (2010, p. 6), “(...) de maneira geral, pode-se dizer que a filosofia deweyana vê as ideias como hipóteses ativas elaboradas em situações práticas, só adquirindo significado quando testadas nessas mesmas situações”. Além dessa nova proposta chegaram ao Brasil, outras teorias educacionais de grande

relevância, onde pensadores como Decroly, Kilpatrick, Claparède e Ferrier apresentavam uma nova visão educacional, numa matriz europeia.

As novas propostas educacionais, a ebulição política e o olhar poético de Cecília Meireles dão o tom e a cor da Tese, apresentada no concurso a partir de duas indagações: “(...) que passado queremos ser nós para esses que no presente, são apenas uma probabilidade futura?” E a segunda: “Tudo se encadeia nesta sucessão: instruir para educar, educar para viver e viver para quê?” (Lôbo, 2010, p. 16). Essas indagações estabelecem o caminho demarcado para os embates, pois já podemos detectar na significação do texto de Cecília Meireles, a ruptura com a logicidade controladora da escola que ela não deseja participar, pois “sonha” propiciar uma nova escola.

A intelectual já mostra no corpo do texto da sua Tese apresentada, conceitos e atitudes de engajamento em defesa da Escola Moderna e com proeminência para a formação de um novo tipo de professor. Para ela, esse professor atendia as novas expectativas do mundo em transformação¹³, onde:

Todos os dias é tempo de se fazer o elogio da nova educação, ainda que sintamos passada a sua fase consagradora, transformada no culto cada vez mais constante daqueles que realmente a tenham compreendido. Todos os dias brota espontaneamente do nosso entusiasmo esse elogio, pois à medida que caminhamos por estes novos campos é que sentimos que aqui se expande sinceramente a vida e cada elemento individual pode modelar com liberdade a sua forma de modo que, no milagre das realizações posteriores, esteja cada valor em seu lugar próprio e nenhum poder fique sem aproveitamento (Meireles apud Pimenta, 2001, p. 21).

Em outro ponto da Tese, Cecília Meireles propõe a retomada de aspectos “primitivos”, mas que no seu entender possibilitariam a formação de um homem mais ético:

O que a escola moderna pretende, acima de tudo, é restituir à criatura humana as suas primitivas qualidades de ânimo livre, de inteligência franca, de sentimento justo e de vontade equilibradora, reconquistando-lhe a independência de quaisquer preconceitos formados, e poupando-a de preconceitos novos, pelo estímulo da sua iniciativa de observar, do seu destemor de experimentar, da sua coragem de agir, uma vez desenvolvidas, prévia e sabiamente, todas as suas faculdades, num ambiente de iniciações favoráveis (Meireles apud Pimenta, 2001, p. 22).

Para essa nova escola, seria mister também a formação de um novo professor, que pensasse a educação com a habilidade de empreender e aceitar mudanças. Esse novo

¹³ Sobre esta discussão e os seus desdobramentos na construção da Biblioteca Mourisco, conferir também: Pimenta, 2001.

professor necessitaria apresentar novas características, além de ter: “(...) a capacidade de amar largamente o passado, sem se curvar a ele; de perceber o presente, tanto quanto é possível vê-lo de perto, sem o oferecer, no entanto, como uma era definitiva; e, entre um e outro, ter essa alegria do futuro que se espera sempre como um bem maior” (Maireles apud Pimenta, 2001, p. 22). Ainda na construção do seu discurso, Cecília Maireles deu mais pistas do que considerava como qualidades de um professor afirmando:

Um mestre que tenha provado o gosto da vida, intensamente; não que esteja existindo apenas, dentro da função de ensinar: um mestre que transmita dos discípulos não o sabor que os lábios sentiram, mas o desejo comovido e elevado de tocar também com a sua boca essa estranha bebida e distinguir-lhe o duplo ressaio de eternidade e impermanência (Maireles apud Pimenta, 2001, p. 22).

Apontando a formação do professor como elemento essencial, Cecília Maireles destacou a importância do conhecimento nesse processo. Para isso propunha um diálogo com o passado e os seus desdobramentos na edificação de novos métodos e de cada método já experimentado anteriormente:

Pela história da educação, viajando pelos caminhos pedagógicos do passado, colhendo em cada um o sentido contido na expressão de cada método, de cada educador, de cada êxito, e de cada fracasso, também, haverá, sem dúvida, oportunidade para analisar a marcha das fórmulas experimentadas na solução do problema humano, e para se chegar à compreensão desse problema, principalmente (Maireles apud Pimenta, 2001, p. 21).

Depois da defesa da Tese, somente dois postulantes ao cargo prosseguiram: Cecília Maireles e o professor Clóvis do Rego Monteiro¹⁴, que havia defendido a Tese *Traços do Romantismo na Poesia Brasileira*, publicada em 1929 pela Tipografia d’A Encadernadora, no Rio de Janeiro. Este episódio marcou a entrada de Cecília Maireles em cena¹⁵, uma vez que o concurso não foi feito, segundo ela, com a lisura necessária, colocando Clóvis do Rego Monteiro, em primeiro lugar, com notas pouco justificáveis. Esta controvérsia foi parar na primeira página do jornal *O Globo* de 23 de agosto de 1930, onde se lia: “Os examinadores, senhores Amoroso Lima e Antenor Nascentes, concederam um ponto a mais

¹⁴ Advogado, filólogo, poeta e escritor, Clóvis Monteiro exercia a docência no Colégio Pedro II e era, naquele momento, membro do Conselho Nacional de Ensino.

¹⁵ Ao final do concurso para a Escola Normal, 26 de agosto 1930, Cecília Maireles já estava respondendo pela editoria da “Página de Educação”, no *Diário de Notícias*, que iniciou em 12 de junho de 1930.

ao Sr. Clóvis Monteiro, sendo que os senhores Coelho Neto e Nestor Victor deram a ambos a mesma nota” (Lôbo, 2010, p.17).

A prova prática, última etapa do concurso, foi realizada no dia 26 de Agosto de 1930 e o resultado é divulgado na primeira página de *O Globo*, onde se lia:

Terminou, hoje, pela manhã, em prova pública que teve grande assistência o concurso de literatura vernácula na Escola Normal. [...] ficou classificado em primeiro lugar o Sr. Clóvis do Rego Monteiro, com um total de 93 pontos e a média final 7,84 contra 89 pontos e a média 7,51 obtidos pela Sra. Cecília Meireles (O Globo apud Lobo, p. 17).

Neste momento, é interessante perceber que essa “derrota” mexe com os brios e a verve da escritora, levando-a a criticar a diretriz da Escola Normal, em processo de remodelação a partir da Reforma da Instrução realizada por Fernando de Azevedo (1927 a 1930). Segundo Meireles, diante da forma que a seleção transcorria, a escola ao invés de abrigar professores compromissados com as mudanças necessárias para garantir novos e melhores horizontes, acabaria por abrigar em seu espaço, os adversários da Escola Nova.

Diante deste quadro, Cecília Meireles encontrava-se submersa no jogo de poder que se estabelecia para a consolidação dos postulados da Escola Nova. *A Página de Educação do Diário de Notícias* foi a partir deste momento a sua trincheira e o seu campo de batalha onde sua voz ecoou em defesa de princípios, como a ética, a fraternidade, a paz, da escola, da família, da criança e de tantos outros temas que ela de forma poética e sensível defendeu.

1.2 – A mulher, a imprensa e a crônica como forma de ação

O papel da mulher na sociedade brasileira sofreu diversas alterações ao longo do século XIX e as primeiras décadas do século XX. De forma cautelosa podemos estabelecer como um momento agudo de mudança a segunda metade do século XIX, onde os movimentos republicano e abolicionista anunciavam modificações nas relações de poder e no âmbito da constituição familiar e da sociedade em geral, foi nesse contexto, que a mulher começou a conquistar seu espaço.

Dois estudos importantes nos ajudaram a iluminar estas questões. O primeiro de Maria Theresa Caiuby Crescenti Bernardes¹⁶ (1989) que analisou a condição da mulher no período de 1840 a 1890, privilegiando três fontes: “as opiniões de mais de cem homens de letras sobre educação feminina, romances urbanos do Rio de Janeiro e cinco séries de periódicos da época fundados e dirigidos por mulheres” (1989, p. 10). Bernardes destacou no estudo as opiniões masculina e feminina como forma de analisar convergências e divergências.

No que concernia ao pensamento dos homens de letras e intelectuais sobre a condição da mulher na sociedade no século XIX, destacamos dois exemplos para que possamos perceber as divergências do pensamento masculino. Conforme Miguel Lemos:

Nada mais quimérico do que certas doutrinas hoje em voga sobre uma igualdade mal entendida do homem e da mulher, nada mais desmoralizador do que lançar a mulher na concorrência desleal com o homem. Ser mãe e esposa é quanto basta à sua glória, à felicidade sua e nossa (Lemos apud Bernardes, 1989, p.19).

No entanto, outra parcela masculina mostrava sinais de mudança e clareza quanto à posição que a mulher poderia desempenhar na sociedade. Nessa perspectiva, Joaquim Nabuco apontava:

A posição social da mulher na vida moderna tende a rivalizar com a do homem; a indústria não conhece sexos; inteligência, aptidão, honestidade, são grandes qualidades de operário que a mulher possui em grau elevado (...) prepará-la para a luta pela vida na qual ela deve aparecer como concorrente e não como enjeitada (...) é uma grande obra de moralização pública (Nabuco apud Bernardes, 1989, p. 19).

Na investigação, Bernardes igualmente buscou textos que divulgassem opiniões das “mulheres de Letras” sobre a situação da mulher nessa época, fossem elas jornalistas, escritoras, educadoras ou mesmo mulheres mães para que dessem seus testemunhos. Destacamos que o movimento feminista ganhava voz desde 1852 quanto às reivindicações, o que já sinalizava o processo de mudança na posição da mulher. A mulher passava de uma posição de completa submissão para a busca por conquistas que envolvia a sua autonomia, até o direito ao voto, em 1932.

Emancipação, inconformismo, marginalização. No discurso feminino esses termos já se faziam presentes de forma mais contumaz. A mulher no século XIX pleiteava o seu

¹⁶ Cf. BERNARDES, Maria Teresa Caiuby Crescenti. *Mulheres de ontem? Rio de Janeiro, século XIX*. São Paulo: T.A.. Queiroz, 1989.

espaço e buscava o seu direito para participar da vida pública, como podemos observar nos fragmentos abaixo em que Myrtis, no periódico *A Família*, no Rio de Janeiro, em 21 de agosto de 1890, assim se pronunciava:

A mulher compreende que o homem de bom grado dispensa os seus serviços nos negócios públicos e sociais, porém ela é que não pode se conformar com a vida triste e sem aspirações, a que a sociedade a condena, confinando-lhe entre as paredes do lar, e arredando-a de todos os teatros em que ela possa cultivar os seus talentos, exercer todas as suas faculdades, mostrar todo o brilho e vigor pela sua inteligência, e satisfazer a ambição que nutre de pesar na balança do poder entre os partidos políticos, que se aliam para manter a muralha chinesa da sua interdição (Myrtis apud Bernardes, 1989, p. 164).

Pelo depoimento podemos notar que a insatisfação - a consciência que surgia e a interdição imposta pelo poder masculino estavam ameaçadas. No mesmo periódico, *A Família*, Rio de Janeiro, 28 de agosto de 1890, destacamos o texto de outra jornalista, Isabel Dillon, reivindicando a sua candidatura à constituinte:

Defensora da emancipação da mulher, entendo que um governo democrático não pode privar uma parte da sociedade de seus direitos políticos, uma vez que as mulheres não foram francamente excluídas das urnas eleitorais pela nossa constituição vigente, sendo eu eleitora em pleno gozo dos meus direitos civis e políticos, apresento-me candidata à constituinte, escolhendo o Estado da Bahia, terra que me deu o berço; conto com a independência e civismo do eleitorado baiano para quem faço um apelo.

(...)

Conto, apesar de todos os obstáculos, que me serão opostos por verdadeiros preconceitos que terei de meus dignos e generosos conterrâneos favorável acolhimento na aspiração de um lugar no seio do futuro congresso (Dillon apud Bernardes, 1989, p. 165).

O segundo estudo que nos auxiliou a entender a posição da mulher a partir do século XIX é de autoria de Jeffrey D. Needell¹⁷ (1993). No entendimento desse autor, as mulheres “desempenhavam função de coadjuvante” mesmo sendo da elite, pois o seu papel recaía no campo doméstico sem muitas possibilidades de mudança (p. 159). Entretanto o aumento da riqueza, o estreitamento de relações com a Europa e a urbanização foram fatores que colaboravam para ir retirando a alta sociedade, pouco a pouco, do primitivismo (relações fechadas entre a família, a igreja etc) para as relações sociais pouco mais abertas. No entanto a condição feminina era mantida sob controle, como afirma Needell:

¹⁷ Cf. NEEDELL, Jeffrey D. *Belle époque tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

A educação das mulheres da elite e a gama das atividades que exerciam – ampliada em proporção direta à evolução da alta sociedade no século XIX – apontam, outra vez, na direção de sua subordinação essencial. Pois a alta sociedade, por mais *feminina* que fosse em sua expressão, era *masculina* em seu propósito. Ela servia para manter e promover os interesses das famílias da elite, definidos pelos pais e maridos que os supervisionavam (1993, p. 160). (grifos meus)

Reafirmadas as imposições do domínio masculino a força das tradições confinava a elite as relações paroquiais e familiares, o que dificultava o acesso feminino a educação mais ampliada, pois “as mulheres recebiam em casa a maioria desses ensinamentos, ministrados por tutores estrangeiros” (Needell, 1993, p. 161). Essa educação recebida em casa misturava-se com as imposições sociais e o destino que seria determinado para essas mulheres, pois:

A vida das mulheres da elite, até as últimas décadas da segunda metade do século, sofria restrições correspondentes. Ainda adolescentes, eram prometidas a seus noivos (em geral homens estabelecidos, com trinta anos ou mais), tendo já aprendido o que a alta sociedade iria exigir delas. Arranhavam um pouco de francês, liam em português, tocavam piano, dançavam, cantavam árias de óperas ou exibiam outros dotes convenientes (Needell, 1993, p. 161).

Outro depoimento feito por Maria Amélia Queiroz, no jornal *A Família*, em 27 de novembro de 1890, lança mais luz sobre a condição feminina no final do século XIX.

Nessa direção,

(...) desgraçadamente no Brasil e mais especialmente em alguns Estados (por exemplo Pernambuco) ao contrário das belíssimas nações cultas, a mulher que estuda, que pensa, que sente os eflúvios do benéfico influxo da ciência, é objeto de críticas e censuras à sua própria dignidade e faz parte das distrações dos cafés e dos bilhares, onde se agrupa constantemente uma malta de pedantes, que acham nisso magnífica diversão.

De modo que a mulher que pensa distinguir-se pelo seu talento e merecer os encômios da sociedade moderna engana-se, porque é apontada por indigna, dando-se preferência àquela que se contenta apenas com as insignificantes noções resumidíssimas das escolas (Queiroz apud Bernardes, 1989, p. 127).

O descontentamento era demonstrado por mulheres que começavam a firmar posição sobre a necessidade de mudanças. Outra personagem importante nas discussões foi Josefina Álvares de Azevedo, do “Clube de Senhoras”, que assim se pronunciava no jornal *A Família*, Rio de Janeiro, 13 de fevereiro de 1890:

Em meio ao indiferentismo que vai em nossa sociedade, quanto ao triste evolutivo da mulher brasileira, não podemos deixar de lamentar a falta absoluta de iniciativa para os nobres cometimentos, que a elevam à altura do seu destino.

Em geral, não há emulação para as pugnas da inteligência, para as belas conquistas da civilização, para o triunfo completo da nossa eterna minoridade moral.

Na América do Norte as coisas não se passam assim: a mulher dos Estados Unidos é forte, inteligente, age, emancipa-se e consegue triunfar contra todos os preconceitos (Azevedo apud Bernardes, 1989, p. 128).

A mudança de tom no discurso feminino não foi aceita por muitos homens. A título de comprovação, recorreremos à mesma Josefina Álvares de Azevedo respondendo ao Sr. Paulino de Brito que mandara carta à redação do jornal, como poderemos notar nos embates discursivos a tensão aumentava. Ela respondia:

O Sr. Paulino de Brito diz que as minhas ideias sobre educação, sobre a mulher, sobre a família, ou não foram bem definidas, ou não foram compreendidas por ele.

Eu opto pela segunda hipótese. Em geral, os homens são neste assunto d'uma incompreensibilidade pasmorra. Em se tratando de dar a mulher alguma preponderância no lar como em todas as funções da vida civil, eles fazem-se de difícil compreensão. É o melindroso do problema (Azevedo apud Bernardes, 1989, p. 129).

A condição de jornalistas permitia a essas mulheres o uso da imprensa para demonstrar as modificações que o mundo vinha passando e nessa perspectiva necessitava de uma nova mulher e nesse aspecto as referências a outros países apareciam. Nesse sentido Bernardes apontava: “O violento contraste entre a precária situação cultural feminina no Brasil e nos novos ideais da época, aceitos unanimemente pelas mulheres letradas, afetava sensivelmente as reflexões do discurso” (Bernardes, 1989, p. 122).

Foi essa mesma condição de jornalista que permitiu a Cecília Meireles edificar mais um componente na sua produção profissional. Escritora que iniciou sua obra poética no ano de 1918, foi no ano de 1930, com a fundação do *Diário de Notícias*, que ela principiou no jornalismo. Nesse novo papel social, ela passou a apresentar mais uma marca que acompanhou os grandes escritores brasileiros desde José de Alencar e Machado de Assis, Olavo Bilac, Lima Barreto, Rubem Braga, entre tantos outros: o fazer diário da crônica nos periódicos.

Segundo Machado de Assis a crônica, enquanto gênero, apresentava como uma de suas marcas o trato com “cousas ínfimas”, insignificantes. Através de sua peculiar ironia, sugeria que este gênero havia nascido do encontro de duas vizinhas (Chalhoub, 2005, p. 9). Como podemos observar no fragmento abaixo:

Essas vizinhas, entre o jantar e a merenda, sentaram-se à porta, para debicar os sucessos do dia. Provavelmente começaram a lastimar-se do calor. Uma dizia que não pudera comer ao jantar, outra que tinha a camisa mais ensopada do que as ervas que comera. Passar das ervas às plantações do morador fronteiro, e logo às tropelias amatórias do dito morador, e ao resto, era a cousa mais fácil, natural e possível do mundo. Eis a origem da crônica (Assis apud Chalhoub, 2005, p. 9).

Sobre essa possível desvalorização desse gênero, o crítico literário Antonio Candido posicionou-se dessa forma sobre o valor da crônica:

A crônica não é um “gênero maior”. Não se imagina uma literatura feita de grandes cronistas, que lhe dessem o brilho universal dos grandes romancistas, dramaturgos e poetas. Nem se pensaria em atribuir o Prêmio Nobel a um cronista, por melhor que fosse. Portanto, parece mesmo que a crônica é um gênero menor (Candido, 1980, p. 5).

Entretanto o crítico retomou a discussão dando “Graças a Deus”, pois dessa forma ela fica mais perto de nós. Segundo ele, pelo fato da crônica trabalhar com elementos aparentemente soltos no ar, “ela se ajusta à sensibilidade de todo dia”. Por trabalhar uma linguagem mais cotidiana, abre possibilidades de maior aproximação com o público, pois humanizada, faz da leveza uma de suas características. pois quando finge falta de profundidade ou mesmo falta de rebuscamento formal, “de repente podem fazer dela uma inesperada embora discreta candidata à perfeição” (Candido, 1980, p.5).

Essa leveza que destaca Antonio Candido nos remete para José de Alencar que afirmava: “É uma arte difícil essa, de dizer tudo, não dizendo nada” (Chalhoub, 2005). Nessa direção podemos perceber que a leveza imposta pelo cronista transmuta-se em complexidade onde se forja a teia para estabelecer o elo de cumplicidade entre o escritor e o leitor. Essa fluidez garantida pela leveza e a coloquialidade da linguagem do cotidiano, deram ao cronista um poder de intervenção na realidade ou de “meter-se onde não era chamado” (Chalhoub, 2005, p.11-12).

O intelectual Eduardo Portella discute e acrescenta mais elementos a crônica fazendo referência a um viés que perpassa vários cronistas: a cidade e os seus elementos estruturadores, o modo de vida, as construções e as demolições que modificam a urbe. Nessa perspectiva, chama a atenção para o cosmopolitismo que marca o gênero:

A crônica literária brasileira sempre tem procurado ser uma crônica urbana: um registro dos acontecimentos da cidade, a história da vida da cidade, a cidade feita letra. Seria, portanto, um gênero dos mais cosmopolitas. Mas nesse cosmopolitismo nada existe que se possa confundir com descaracterizações nacionais. Há nos cronistas e nos referimos ao cronista da grande cidade, do Rio, por exemplo, um apego provinciano pela sua metrópole, que é, aliás, um dos seus segredos. E é em nome desse apego que ele protesta diante das deformações do progresso, que ele aplaude o que a cidade possui de autenticamente seu. E, desta maneira, luta para transcender com ela (Portella, 1958, p. 85).

No artigo “Uma escrita do tempo: memória, ordem e progresso nas crônicas cariocas”, Margarida de Souza Neves assim se posiciona sobre o gênero:

Ao reinventar o cotidiano essas narrativas [as crônicas] podem ser consideradas como *lugares da memória*, no sentido da expressão forjada por Pierre Nora. A crônica, pela própria etimologia – *chronus*/crônica -, é um gênero colado ao tempo. [...]

De formas diferenciadas, porque diferente é em cada momento a percepção do tempo histórico, a crônica é sempre de alguma maneira o tempo feito texto, sempre e de formas diversas, uma escrita do tempo (Neves, 1992, p. 78-82, grifo da autora).

Após essa breve explanação sobre os atributos da crônica: leve, urbana, intrometida, complexa, fluida, sensível, humanizada, coloquial, cotidiana, cosmopolita, escrita do tempo. Podemos neste momento construir mais uma parte da nossa Cecília Meireles ao situá-la como mulher, jornalista e cronista. Herdeira de lutas pela emancipação da mulher, soube prosseguir por caminhos que foram abertos no final do século XIX. Os enfrentamentos que ela assumiu ao posicionar-se como mulher e jornalista a colocavam no protagonismo feminino que se descortinava, ao lado de nomes como Bertha Lutz, mas não como feminista e levantando bandeiras que não pudesse carregar, mas como uma intelectual feminina que soube fazer da sua voz jornalística uma arma em defesa dos ideais que acreditava, estabelecendo-se num meio predominantemente masculino.

1.3–A *Página de Educação* como tribuna de debates

Penso que *antes* da ação não se deve nunca, em nenhum caso, temer uma anexação por parte do poder e de sua cultura. É preciso comportar-se como se essa perigosa eventualidade não existisse... Mas penso também que *depois*, é preciso saber perceber até que ponto se foi utilizado, eventualmente, pelo poder. E então, se nossa sinceridade ou nossa necessidade foram servilizadas ou manipuladas, penso que é absolutamente preciso ter a coragem de abjurar (Pasolini apud Barthes. 2007,p. 26).

As várias faces de Cecília Meireles vão sendo construídas. Esse processo se apresenta na medida em que a sua inserção nas discussões políticas, educacionais e sobre o fazer jornalístico, vão se materializando. Seu amadurecimento como escritora, começa a aflorar estabelecendo-a como *sujeito de uma prática* e não como mantenedora de uma função ou a servidora de uma arte (Barthes, 2007, p.25).

Identificamos Cecília Meireles numa categoria social particular, a de escritora, nos permite analisá-la a partir do ano de 1930, sob o viés da intelectual engajada. A partir deste momento, a sua escrita será uma *arma* afiada contra os oponentes das mudanças educacionais, principalmente os intelectuais que comungavam com as orientações católicas. Nesse sentido a *Página de Educação* do *Diário de Notícias* é o campo de batalha privilegiado a partir do qual Cecília Meireles se posicionava.

A face jornalística de Cecília Meireles a coloca no caminho trilhado por outros escritores brasileiros: o trabalho de escrita nas páginas de jornal ou revistas. Essa “tradição” brasileira tem no seu bojo nomes de grande importância como Machado de Assis, Olavo Bilac, Lima Barreto, Oswald de Andrade, Manoel Bonfim, Alcindo Guanabara, entre outros. A utilização do jornal enquanto divulgador do trabalho dos escritores apresentava-se como um fator preponderante, pois de acordo com Ortiz, “todos os testemunhos e as análises apontam que até a década de 1930 a produção e o comércio de livros no Brasil eram praticamente inexistentes em termos de mercado” (2001, p. 28).

Outro fator que corroborava com o frágil mercado livreiro eram a baixa escolarização e o elevado índice de analfabetismo da população que em 1890, estava em torno de 84%; em 1920, 75% e, em 1940, o percentual era de 57%. Dessa forma, os escritores não podiam viver do seu exercício literário, com isto se viam obrigados a trabalhar no magistério, bem como assumir cargos públicos. Conforme o mesmo autor, a

ligação no Brasil de escritores com a burocracia do Estado é um elemento que propicia a sobrevivência da sua produção (Ortiz, 2001, p. 28).

No que tange a Cecília Meireles, o seu perfil de educadora e escritora, condiz com o seu processo de desenvolvimento pessoal tanto no campo literário-jornalístico, quanto nas questões ligadas à docência. No ano de 1918, iniciou o seu exercício no magistério como professora da rede pública municipal do Distrito Federal na Escola Deodoro da Fonseca no bairro da Glória, Rio de Janeiro. E no ano de 1920, ingressou no magistério na Escola Normal do Distrito Federal lecionando a disciplina Desenho (Lôbo, 2010, p. 87).

Quanto a sua produção no campo da literatura, Cecília Meireles nunca se filiou a nenhuma escola ou movimento literário. Mesmo sabendo que o início da publicação da sua obra literária ocorre no momento da preparação e da eclosão do movimento modernista com a Semana de Arte de Moderna de 1922. No que se relaciona a escrita poética e de livros infantis, a sua obra começa com o livro de poemas *Espectros*, em 1919, pela Editora Leite Ribeiro & Associados do Rio de Janeiro. Prossegue com a publicação de poemas na revista *Árvore Nova*, em 1922; o livro *Nunca mais... e poemas dos poemas*, em 1923, também é confeccionado pela Editora Leite Ribeiro & Associados do Rio de Janeiro.

O livro *Criança, meu amor*, com ilustrações de Correia Dias, seu marido, foi editado pelo Anuário do Brasil, no ano de 1924. No mesmo ano divulga mais poemas pela revista *Festa*, publicação que exibia o trabalho de poetisas como Tasso da Silveira e Manuel Bandeira. Esta publicação apresentava afinidades com o movimento Simbolista, pois tinha uma orientação espiritualista que defendia o universalismo e a preservação de certos valores tradicionais da poesia. No ano de 1925, Meireles publica *Baladas para El-Rei*, que fecha esse primeiro ciclo de publicações da escritora, que já deixam antever o lirismo, que foi a sua grande marca poética (idem, 2010, p. 87).

Estas publicações inseriram Cecília Meireles em outra frente: a literatura. Não como mera observadora, mas como *sujeito de uma prática*. A partir deste ponto, ficam amalgamados na vida da escritora dois elementos: a literatura e o magistério. Esses dois elementos vão ajudá-la na sua nova empreitada, que está prestes a iniciar, o exercício diário do jornalismo nas páginas do *Diário de Notícias*.



Diário de Notícias, Edição Nº 00001 – 12/06/1930 – 1ª página. Acesso em 26/04/2013, endereço eletrônico: <http://memoria.bn.br/hdb/periodo.aspx>.

“Documentos são vestígios”, não um elemento fixo e imutável, segundo a concepção de Marc Bloch (2001, p. 73). Foi a partir dos vestígios deixados pela *Página de Educação*, que passamos a analisar a construção do discurso de Cecília Meireles enquanto intelectual engajada nas mudanças políticas e educacionais ansiadas para o país, naquele momento e, em parte, prometidas pela Revolução de 1930. Foi nessa atmosfera atribulada e repleta de embates políticos que o jornal *Diário de Notícias* surgiu como um órgão da imprensa destinado a defender a Revolução que se anunciava.

O jornal *Diário de Notícias*, criado pelos jornalistas Orlando Ribeiro Dantas¹⁸, Nóbrega da Cunha¹⁹ e Alberto Figueiredo Pimentel²⁰ apresentou o seu primeiro número para o público em 12 de junho de 1930. Conforme Nelson Werneck Sodré, “o *Diário* vem fortalecer o grupo da imprensa simpática à Aliança Liberal de Getúlio Vargas, composto

¹⁸ Orlando Ribeiro Dantas, natural de Ceará-Mirim, jornalista e parlamentar, atuou com afinco em defesa da Aliança Liberal e suas propostas. Depois da Revolução Constitucionalista de 1932, passa a criticar os procedimentos de Getúlio Vargas.

¹⁹ Carlos Alberto Nóbrega da Cunha nasceu em Dorandia, Estado do Rio de Janeiro, em 1897, filho de Celestino Gomes da Cunha e Leocádia Nóbrega da Cunha. Foi jornalista e professor, tendo exercido a sua Militância profissional na Cidade do Rio de Janeiro. A sua aproximação com a Educação deu-se durante a gestão de Fernando de Azevedo na Direção-Geral da Instrução Pública do Distrito Federal (1927-30).

²⁰ Dados biográficos não localizados.

pelo *Correio da Manhã*, os Diários Associados, e por publicações como *O Combate e A Batalha*” (apud Lamego, 1996, p. 27). Como podemos observar, o jornal apresentava uma linha editorial avançada para o seu tempo, assim afirma Lamego que:

O clima da redação do Diário de Notícias tinha a mesma aura política que suscitou sua fundação. Lembra Carlos Lacerda, em seu Depoimento, que o Diário teve grande papel na Revolução de 30: “Ali havia um ambiente político muito intenso. O jornal era um centro de debates em torno da ocupação da Revolução de 30 (1996, p. 27).

O jornal, em formato *standard*, apresentava seções de política nacional e internacional, economia, esportes, cotidiano, assuntos femininos e uma página específica para discutir as questões educacionais. Sua linha editorial era combativa e em sintonia com o quadro político de então. Em suas páginas o *Diário de Notícias* buscava espaço para as propostas nas áreas sociais, trabalhistas e educacionais abrindo desta forma, um confronto direto com a Velha República e os oligarcas decadentes.

Além da *Página de Educação*, no mesmo jornal, Cecília Meireles também criou a *Página das Crianças*, suplemento infantil com jogos, brincadeiras, desenhos e com uma disposição gráfica atrativa, ficando a diagramação sob a responsabilidade de seu marido que já vinha trabalhando com ela em outros projetos. Este suplemento teve uma duração menor, onze domingos, de 22 de junho a 31 de agosto de 1930.

No que concernia a sua composição, a *Página de Educação* apresentava uma disposição gráfica que obedecia a seguinte estrutura: a coluna *Comentário*, do lado esquerdo da página, onde Cecília Meireles discorria sobre os temas que considerava importantes para a nova educação e questionando o modelo educacional excluyente em exercício.

No espaço central, com maior destaque e sempre com ilustrações, fotos e desenhos, a coluna “Uma página de educação de...”. Este espaço era dedicado a um educador, filósofo, romancista, com entrevistas e textos, onde esses nomes escolhidos apresentavam elementos que serviam de referencial para as novidades educacionais. Ainda podemos destacar a diagramação da *Página*, que apresentava um aspecto gráfico-visual, onde no alto um conjunto finito de pontos e de segmentos de linhas se uniam como uma moldura, dando destaque ao título *Página de Educação* (Lôbo, 2010, p. 21-22).



Página de Educação. Edição Nº 00001- 12.06.1930 - Acesso em 26.04.2013, endereço eletrônico: <http://memoria.bn.br/hdb/periodo.aspx>.

Pela *Página de Educação*, Cecília Meireles discutiu e fez circular as novas teorias educacionais. Trabalhava diariamente na construção de um discurso político que em certos momentos era marcado pela aspereza e, em outros, pela ironia. A sua escrita não deixava de apresentar poeticidade e plasticidade, o que dava aos seus *Comentários* um matiz diferente, ou seja, marcas características de uma educadora que tinha na literatura, na música, nas artes de forma geral a sua fonte de criação. Desses lugares soube retirar a inspiração necessária para perseguir a utopia de uma educação laica que atendesse a todos de forma igualitária e fraterna. A cronista em seu *Comentário* de estreia aponta o caminho editorial que pretendia traçar:

Tudo que se relacionar com educação e ensino – desde a escola até a universidade – será nestas colunas objeto de uma constante preocupação. Comentando imparcialmente atos das autoridades, discutindo as novas idéias ou julgando os resultados de intensa experimentação que está se realizando em muitas escolas desta capital e de alguns estados, procurando proporcionar ao professorado argumentos para acompanhar de perto a renovação pedagógica do momento, e aos entendidos no assunto a oportunidade para um juízo seguro a respeito de todas as novas iniciativas (Meireles, 12/06/1930, p. 4).

Além de definir a linha editorial na qual estruturou a *Página*, Cecília Meireles se posicionou sobre o trabalho do jornalista, pois este deveria ser marcado pela

responsabilidade na emissão de suas opiniões e na cobertura dos fatos, uma vez que atingiria um público leitor variado. No *Comentário*, datado de 30 de agosto de 1930, Cecília Meireles afirmou que “a atuação da imprensa na formação do povo é problema desde muito tempo incluído nas cogitações de todos os que se interessam pelo aperfeiçoamento da vida” (Meireles, 2001, p. 163-165).

Em outro *Comentário*, do dia 23 de setembro de 1930, com o título “*A responsabilidade da imprensa*”, Cecília Meireles chamou a atenção para a velocidade da vida moderna, o que exigia novos meios de informação para que a população leitora pudesse ser atendida, já que no seu entender: “o jornal substituiu a biblioteca”. Dessa forma, “na vida moderna, o jornal tende, cada vez mais, a ser, para o povo, a forma mais rápida e imediata de cultura, e, como tal, a determinar-lhe uma orientação e a modelar-lhe um caráter” (Meireles, 2001, p. 169-170).

Em linhas gerais, Cecília Meireles estabeleceu uma linha discursiva que possibilitava a inserção das novas teorias educacionais através da *Página de educação*. Como vimos, a cronista utilizou este meio de comunicação creditando nele a possibilidade de difundir os novos caminhos propostos para o ensino, mas também a intenção manifesta de “orientar e modelar um caráter”.

No período de sua existência, de 1930 a 1933, a *Página de Educação* apresentou uma divisão no conteúdo que esteve a serviço das novas propostas educacionais. Segundo Yolanda Lôbo (2010), os primeiros seis meses foram dedicados aos “inspiradores” e “realizadores”. Os textos versavam sobre as ideias, valores, opiniões e crenças em busca da unidade do grupo que defendia o projeto da “Escola Nova”.

Destacamos que nos primeiros meses da *Página*, surgem os nomes dos grandes inspiradores e colaboradores, tais como: Roal Amundsen, Pierre Michailowsky, Kou-Hung-Ming, Anatole France, João de Barros, Fernanda de Castro, Eduardo Spranger, Angelo Patri, Eduardo Claparède, Gerardo Seguel, Yrjo Hirn, Maria Montessori etc. Estes nomes colaboraram com entrevistas, reportagens e artigos dando consistência e vigor ao posicionamento da editora.

No primeiro semestre do ano de 1931, a *Página de Educação* divulgou a reforma de ensino realizada por Fernando de Azevedo. No segundo semestre, abriu um grande espaço

para Anísio Teixeira, novo Diretor de Instrução Pública do Distrito Federal, expor as suas ideias.

Ainda no campo das novas propostas educacionais, Anísio Teixeira apontava:

Não é somente o desejo de dar liberdade à criança que dirige os educadores, é sobretudo a impossibilidade de a negar, se querem construir obra de educação respeitável e sincera. Dessa premissa da criança livre e autônoma que temos que partir para a aventura da reconstrução educacional (Teixeira apud Lôbo, 2010, p. 25).

Neste período, ocorreu a IV Conferência Nacional de Educação realizada em Niterói, por iniciativa da ABE, de 13 a 20 de dezembro de 1931, momento no qual seria elaborado um documento sobre a situação educacional do país para ser encaminhado ao Governo Provisório. O grupo de intelectuais, liderados por Fernando de Azevedo, passou a se movimentar para reter o projeto dos educadores católicos, que pretendiam na Conferência em 1931, aprovar um projeto de cunho nacional para ser apresentado ao Presidente Getúlio Vargas, pois “na abertura da Conferência, o Chefe do Governo Provisório solicitou aos congressistas um plano renovador para a educação brasileira”. Mas uma estratégia montada pelos escolanovistas, executada com habilidade por Nóbrega da Cunha, conseguiu adiar o desejo do grupo de educadores católicos, o que possibilitaria uma resposta que atendessem aos anseios do grupo que ele representava (Lôbo, 2010, p.44).

A vinculação da *Página de Educação* ao movimento escolanovista, enquanto instrumento a serviço do desenvolvimento educacional do país, deixava claro o direcionamento político de Cecília Meireles. No seu *Comentário* de 25 de dezembro de 1931, reforçou o posicionamento de um dos líderes do movimento, dando, inclusive a crônica o título de *Um Líder*:

A liderança com que o Sr. Fernando de Azevedo acaba de ser investido, por ocasião da quarta Conferência de Educação, é uma liderança que já lhe pertencia, e que apenas foi recordada neste momento importantíssimo da vida nacional como um dever de justiça à obra que realizou entre nós, e que tão grande repercussão teve em todo o Brasil (Meireles apud Lamego, 1996, p. 188).

No primeiro semestre de 1932, a *Página de Educação* preparou o terreno para o lançamento do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova e, efetivamente, o lançou em 19 de março de 1932. Nesta data toda a *Página* apresentou a sua estrutura mudada, com intuídos de dar ampla exposição ao Manifesto, o mesmo foi publicado tomando todo o

espaço central da *Página*. À esquerda foi mantida a coluna *Comentário*, onde a editora mostra a importância e a gravidade do momento ao dar a coluna, neste dia, o título de *O valor dos manifestos*, onde fica clara a força da sua voz:

O valor dos manifestos não está apenas nas ideias que apresentam. Somos, em geral, gente rica de ideias, com sutilezas de engenho que causariam admiração a uma boa parte do mundo se a língua portuguesa não tivesse ainda limites tão injustos de expansão. Se não temos o pensamento elaborado e sistematizado de outros povos, possuímos alguma coisa igualmente preciosa: o poder do pensamento nascente, que se vai levantando das energias profundas da raça para a luta das experiências que lhe irão traçando no tempo os caminhos de sua definitiva realização (Meireles apud Lamego, 1996, p. 195).

A voz de Cecília Meireles foi, neste momento, um dos canais de sustentação do grupo intelectual que assinou o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova. Fernando de Azevedo, então, propôs que o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, fosse imediatamente divulgado nos jornais da época. No *Diário de Notícias*, na *Página de Educação*, esse fato ocorreu em 19 de março de 1932. Também no Rio de Janeiro, no dia 27 de março, o Manifesto saiu publicado em *O Jornal*. Em São Paulo a publicação do documento ocorreu no dia 22 de março no *Estado de São Paulo* e no dia 23 de março na *Folha da Manhã* (Pagni, 2000, P. 83).

No segundo semestre de 1932, a *Página de Educação* ratificou a importância do Manifesto e o defendeu dos ataques que surgiram, principalmente, dos educadores católicos. Não podemos deixar de destacar que neste período Nóbrega da Cunha deixou o *Diário de Notícias* e o jornal passou a sofrer pressões do Governo Vargas. A última crônica de Cecília Meireles nesse periódico ocorreu no dia 12 de janeiro de 1933 na *Página de Educação*. Nas palavras de Mignot (2001, p. 149), foi marcada pela “melancolia”. A crônica intitulada *Despedida*, trazia um balanço do seu trabalho a frente da *Página*:

Esta *Página* foi durante três anos, um sonho obstinado, intransigente, inflexível, da construção de um mundo melhor, pela formação mais adequada da humanidade que o habita. (...)

Mas, além de um sonho, esta *Página* foi também uma realidade enérgica que, muitas vezes, para sustentar sua justiça teve de ser impiedosa e pela força de sua pureza pode ter parecido cruel (Meireles apud Mignot, 2001, p. 149).

O encerramento da participação de Cecília Meireles, no *Diário de Notícias*, nos remete a análise de Barbosa, pois segundo esta autora, falar da imprensa nesse período é falar de uma imprensa comprometida, pois “há mais proximidades, acordos e relações

conjuntas entre os homens de governo e os homens de imprensa do que divergências”. Neste período, a imprensa se apresentava como arena ideal para os embates sobre os problemas públicos (2007, p. 103).

O público passou a ser identificado como massa, “por isso tornou-se fundamental traçar um programa que atingisse a todos através da educação e da massificação das informações” (Barbosa, 2007, p. 104). O momento político é marcado por uma forte instabilidade, e a mesma autora aponta que para as autoridades da época havia a necessidade de:

(...) Instituições fortes, porque baseadas nas tradições, nos valores, na disciplina, na autoridade e na hierarquia, dariam através de uma política nacional, direção ao povo brasileiro, agora classificado como massa. Todas essas concepções sintetizarão o projeto institucional implantado a partir da Revolução de 1930 e com mais intensidade a partir da instauração do período autoritário, em 1937 (Barbosa, 2007, p. 104).

Neste ponto, “(...) é preciso conceber o país como nação dentro de um projeto político que destina ao Estado (e aos seus intelectuais orgânicos) a missão de dar direção ao restante da população”, essas ideias faziam parte da concepção de Oliveira Vianna, Alberto Torres e Francisco Campos (Barbosa, 2007, p. 104). Este pensamento parte de princípios elitistas de análise, onde a classe dirigente deveria estar preparada para guiar e dar orientações ao povo, massa amorfa e sem condições de escolha. A concepção de como a imprensa deve agir e qual a sua finalidade, também passam pelo crivo da nossa cronista. No *Comentário* “A função educativa da imprensa”, de 20 de março de 1932, Cecília Meireles posiciona-se acerca do fazer jornalístico,

No dia em que a imprensa chamar a si, com sinceridade verdadeira, uma parte da função educativa que lhe compete, o Brasil começará a realizar com facilidade a formação que até agora lhe vem sendo tão custosa pelas múltiplas desorientações que reinam em quase todos os órgãos de sua atividade. Há mil maneiras de colaborar na obra da educação. Há terreno para todas as vocações. Assunto para todas penas. Àqueles que não se fizeram especialistas em qualquer dos inúmeros setores em que se distribui o vasto problema de educar, sempre resta a simples noção do bom senso, o prazer da boa vontade e a capacidade de compreensão respeitosa das obras alheias, para que, não lhes podendo levar um quinhão que acrescente, se abstenham de levianamente incorrer na malícia, que desnatura, e na fraude, que diminui (Lamego, 1996, p. 196).

Este *Comentário* é publicado no dia seguinte ao lançamento do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, momento em que seus signatários buscavam defender as suas concepções pedagógicas contrárias ao posicionamento dos educadores católicos. Os debates se aprofundavam gerando embates e tensões com posições conflitantes em disputa pelos rumos educacionais do país.

Nas décadas de 1920 e 1930 os intelectuais tinham na imprensa uma forte aliada. Era nesse meio de comunicação emergente que os debates e a disseminação de ideias se davam. Pelas páginas dos periódicos buscava-se promover a construção de um país novo, através de propostas e discussões políticas, de modernos planos para a edificação de caminhos que retirassem o país do atraso em que se encontrava. Os intelectuais postulavam matrizes educacionais mais originais, alicerçados nas ideias da Escola Nova, principalmente as inovações advindas da Europa e dos Estados Unidos da América do Norte, que propunham uma escola atraente, centrada na criança, em contraposição a uma escola tradicional, que correspondia

(...) a uma fase de extensão e massificação de uma escola básica controlada pelos Estados industrialistas, massificação essa que aparecia como algo de inédito, tendo como ponto de comparação a escassa e parcelarizada educação característica das sociedades pré-industriais (Candeias, 1995, p. 13).

Nesta perspectiva, a Escola Nova surgia como a proposta que possibilitaria não somente superar diferenças de formação entre a população, mas seria construir caminhos que possibilitaria dinamizar as relações no cotidiano escolar, ao propor que ela se tornasse um organismo vivo e flexível e marcado pela liberdade.

1.4 – A Escola Nova na Página de Educação

(...) a Escola Nova é uma coisa invencível. É um acontecimento humano. É a escola resultante do tempo, ligada ao tempo: indestrutível, por variar com ele, e ir sendo sempre o que ele determinar que seja, ao contrário da escola velha, paralisada e inútil no ambiente móvel e inexorável da vida (Meireles, 2001, p. 243).

“Invencível”. Este foi o predicativo escolhido por Cecília Meireles para definir o projeto educacional escolanovista, projeto o qual a colunista defendeu incansavelmente em várias crônicas, passeando por um universo de temas que tinha a Educação Nova como

assunto central. Na crônica *Uma questão de atitude*, ela dava mostras da hostilidade em relação às novas perspectivas educacionais, quando diz que “há pessoas que não podem nem ouvir falar nestas duas palavras juntas ESCOLA NOVA (grifo da autora), porque imaginam logo uma série de suplícios absurdos, teimosamente instalados na cegueira da superstição” (Meireles, 2001, p. 243).

Na mesma crônica, datada de 10 de novembro de 1931, ela defendeu o que considerava um posicionamento coerente para que as mudanças fossem implementadas:

A educação moderna, para atingir sua eficiência, exige, preliminarmente, uma nova disposição de espírito, uma nova atitude de pensamento, que uma vez adquirida, determina, como consequência natural, toda a concatenação de novas aplicações pedagógicas, igualmente fiéis aos motivos humanos e às razões da experiência, conciliando uns e outros numa harmonia de realizações inteligentes e oportunas (Meireles, 2001, p. 243).

Na crônica datada de 17 de março de 1931, com o título de *A inquietação da Escola Nova e a renovação do mundo*, a cronista colocou os ideais da Escola Nova como sendo necessários para a regeneração de um mundo decadente, que não respeitava a infância e não lhe dava liberdade de ação. Portanto queriam “formar homens de acordo com o padrão do seu interesse, homens que sirvam a esse mundo não como os homens devem servir, mas como esse mundo precisa ser servido” (Meireles, 2001, p. 195-197).

O contraponto para esta escola tradicional, nas palavras da autora, seria uma escola que se interessasse pela criança, uma escola moderna, uma escola consciente, “um abrigo para a criança de hoje”, “um recanto onde a criança aprende a amar as outras crianças como aprende a amar a natureza”, ou seja, no projeto educacional que ela defendeu e acreditava:

A escola moderna é uma advertência para esta humanidade que nos lega dia a dia seus erros e seus rancores. Ela chama a atenção para as suas longas calamidades, e procura com um movimento de clemência e de amor atraí-la para lugares de pensamento mais saudáveis e de interesses mais superiores, onde a vida seja um dom venerável e um pretexto para a alegria contínua de criar sempre caminhos melhores, para finalidades mais perfeitas (Meireles, 2001 c, p. 195-197).

O ideal de igualdade foi defendido no *Comentário* de 11 de maio de 1932. Neste texto Cecília Meireles propôs uma escola que não levasse em consideração o aspecto econômico, mas a criança como centro do processo independente de sua classe social, pois

“reclamar a escola para o pobre é admitir a existência de uma escola diferente para os mais favorecidos” (Meireles, 2001, p. 223).

No mesmo texto, Cecília Meireles não deixou dúvida no seu discurso e fechou o texto com clareza, ao dizer que:

Não há mais que discutir sobre a escola para pobres e ricos. Há que sentir na escola o ambiente de vida oferecido à formação humana, compreendendo que uma formação harmoniosa e justa deve ser estimulada desde o começo e não tentada arbitrariamente, quando já não há correção possível para males trazidos de tão longe.

Escola igual para todos: esperança de fraternidade definitiva: sonho de cooperação: experiência e promessa e paz (Meireles, 2001 c, p. 223).

A *Cooperação* foi o tema sobre o qual discorreu Cecília Meireles, na crônica de 14 de maio de 1932. Neste sentido a cronista sugeria que o espírito de colaboração fosse o elemento político para sustentar os ideais da Nova Educação, já que foram os elementos comuns que aproximaram o grupo de educadores renovadores. Sob este aspecto apontava:

Pela sua natureza múltipla e sutil, os problemas da Nova Educação exigem tantas qualidades de parte daqueles que o devem resolver que seria pretensioso uma única pessoa admitir o milagre de as possuir todas em si e de estar, portanto, em condições de os enfrentar e resolver, dispensando qualquer colaboração (Meireles, 2001, p. 225).

No fragmento acima, a cronista apontava para a necessidade do trabalho cooperativado em prol da educação e em outra crônica deixava transparecer a necessidade do grupo: “Nós temos uma reforma educacional que precisa ser mais conhecida e mais compreendida”. Com estas palavras, na primeira pessoa do plural, Cecília Meireles concluiu o comentário do dia 28 de maio de 1932, onde debateu com o Sr. João Ribeiro, em torno da afirmação deste de que a escola pública era “essencialmente niveladora”.

A partir desta declaração, Cecília Meireles passou a contrapor a escola moderna e os padrões da escola tradicional. Ao defender a Escola Nova, mostrava os seus atributos, ao afirmar que “a intenção educacional moderna é, na verdade, oferecer todas as oportunidades para todos”. Diferente da escola pública tradicionalista, que nas palavras da cronista era dogmática, hostil, repetidora e niveladora (Meireles, 2001, p. 229).

Assim é possível identificar o termo *nova* em sucessivas crônicas, massificando o conceito e defendendo as propostas do grupo ao qual ela pertencia. Na crônica *A Nova*

Educação, de quatro de junho de 1932, a cronista aponta a dificuldade das novas propostas educacionais serem aceitas:

Como nem todos possuem o poder de escapar às contingências e, de dentro do seu tempo e do seu meio, olhar sem temor em redor de si como alheios a tudo, acontece que cada época luta consigo mesma, empregando metade de sua energia em se afirmar e outra metade em se defender das negações que lhe atiram. Se há um campo em que se possa ver tudo isso perfeitamente, neste instante, é o da Nova Educação, em que um pequeno grupo de vidas se empenha, no mundo inteiro, em dar realidade a uma aspiração negada, perseguida ou incompreendida pela cegueira, proposital ou não, de um grande número (Meireles, 2001, p. 232).

Em outra crônica, Cecília Meireles afirmava: “(...) quem age, compromete-se com a sua própria ação. E excetuados os casos anormais, sabe que tem que dar contas do que faz àqueles a quem está servindo”. Nesta perspectiva, os riscos são inerentes para aqueles que atuam, e os intelectuais desse período, tem como marca a ação pública em defesa do povo, que eles consideravam como vítimas por não saber se defender e necessitarem de alguém que “iluminasse” o caminho. Nas palavras de Cecília Meireles:

E a vítima é o povo, o povo que ainda não pode pensar inteiramente sozinho, pela culpa da educação antiga, o povo que não pode ainda julgar sozinho, e que sofre por ser uma grande maioria que depende da sorte que tenha aquela minoria sempre muito restrita que sonhe, um dia, trabalhar lealmente por ele, e a isso entregue sua vida, num impulso de definitivo interesse (Meireles, 2001, p. 236).

Na mesma crônica, convida a população a participar:

A esse povo cumpre estar vigilante, em frente dos problemas educacionais. Ele tem de compreender que a obra educação excede todas as outras, mesmo as que, parecendo mais poderosas imediatamente, ficam, no entanto, sem garantia nenhuma, se a educação não as estiver sustentando como fundamento (Meireles, 2001, p. 236).

Ao apontar a necessidade da vigilância da população, Cecília Meireles retomou o seu próprio discurso que num momento anterior sugeria:

Se a política desejasse basear-se na educação, e agir mediante normas educativas para administrar e dirigir o Brasil, política e educação seriam duas palavras dignas de andar estreitamente unidas. Nem é outra a ambição de alguns espíritos que nada querem para si senão a alegria de terem podido sentir essa ambição, no próprio momento em que a totalidade andava sustentando ideias tão contrárias... (Meireles, 2001, p. 61).

Entretanto Cecília Meireles na mesma crônica destacou como os privilégios continuavam sendo mantidos no país, ou seja, “a política dos interesses imediatos; dos amigos a servir e dos parentes a colocar; a política da mediocridade subserviente, que se acumula nos gabinetes” (Meireles, 2001, p.61). Foi diante destes indícios, que mostravam a

dificuldade de implantação do projeto dos reformadores educacionais, que Cecília Meireles preparou-se para os enfrentamentos, para as batalhas, pois os projetos políticos do país tinham a educação como um dos elementos de mudança, mas não o principal como era o seu desejo.

1.5 – A importância da Formação docente

A formação docente, mostrava-se desde meados do século XIX, como um dos problemas reclamados pelos educadores no âmbito da educação. Este problema ficaria mais complexo, na medida em que se acreditava que a escola seria o elemento difusor do progresso civilizacional, logo o docente seria o agente desta difusão.

Essa questão envolvendo os professores como agentes da nova pedagogia, encontrou lugar na disputa entre os grupos de educadores católicos e dos pioneiros das novas teorias educacionais. O uso dos impressos passa a ser uma estratégia usada pelos dois grupos, mas com diferenças. Nessa direção Marta Maria Chagas de Carvalho²¹ afirma:

Há uma diferença relevante entre as estratégias editoriais dos *católicos* e dos *pioneiros* na difusão do escolanovismo. Para os primeiros, o impresso foi sobretudo dispositivo de constituição de um lugar de autoridade para censurar os princípios doutrinários e as práticas escolanovistas de seus adversários e para constituir e legitimar um discurso escolanovista católico que a adesão do professorado. Já os “pioneiros” privilegiaram constituir um repertório de saberes pedagógicos suscetível de múltiplos usos. Nesse empreendimento, maximizaram a divulgação em detrimento da censura, efetuando a triagem das novas pedagogias na própria operação de seleção dos materiais editados (...) (2005, p. 93).

Essa prática de uso dos impressos apresentou três nomes que a utilizaram em iniciativas diferentes: Fernando de Azevedo, Anísio Teixeira e Lourenço Filho (Carvalho, 2005, p. 94). Destacamos essa iniciativa dos reformadores, pois essa discussão esteve presente nos *Comentários* de Cecília Meireles na *Página de educação* ao longo do período que a mesma ficou sob a sua editoria. No *Comentário*, “Ser professor”, de 24 de junho de

²¹ Sobre o tema cf. Marta Maria Chagas de Carvalho, “Pedagogia da Escola Nova e usos do impresso: itinerário de uma investigação”. Santa Maria: Revista do Centro de Educação, 2005, p. 87-104. Disponível em: <http://www.ufsm.br/ce/revista>

1930, a cronista inicia o texto com uma afirmação que parece ser um refrão que se repete até os dias de hoje: “Dia a dia se torna mais difícil ser professor”.

Neste texto, ela fazia uma comparação do professor da escola “antiga” e a necessidade de um novo professor para uma “escola nova”. Ao longo da crônica, de forma irônica, ela destacava a forma de trabalho dos professores da escola antiga: “duvido que alguém saiba ‘puxar’ pelas crianças como eu”, “tenho a voz tão forte” ou “fulana não falta nem no dia do pagamento”.

O seu discurso negava esse modelo de professor ao afirmar que “não é pela quantidade de coisas que ensina, que se avalia o professor. Nem pela assiduidade matemática. Nem pela sua pontualidade cronométrica”. Esse professor burocrata, repetitivo e sem perspectivas de renovação foi um dos temas mais frequentes e explorados pela cronista (Meireles, 2001 c, p. 129-130).

Em outro *Comentário*, de 26 de junho de 1930, Cecília Meireles destacava a dificuldade de uma reforma ideológica ocorrer em função de não contar com elementos que sejam capazes de levar avante as novas teorias, ou seja, professores que pudessem levar para o campo prático as propostas dos reformadores e sobre estes afirmava:

Os reformadores, por isso que o são, trazem sempre uma intenção que vai além das condições do momento em que atuam. Alteram, subitamente, com a sua iniciativa, o ambiente normal. São apressadores da evolução. Atingem bruscamente um fim que, sem a sua presença, teria de se ir aproximando lentamente. Saltam sobre a realidade da época, transpõem os preconceitos, os regimes, as leis, e oferecem, de repente, aos seus contemporâneos, o espetáculo da realidade longínqua que descobriram e conquistaram (Meireles, 2001 c, p. 131).

No *Comentário*, “Professoras de amanhã”, Cecília Meireles afirmava que “a escola moderna depende, antes de tudo, do mestre”. Este protagonismo defendido pela cronista tem um objetivo, questionar a formação das jovens professoras da Escola Normal, pois interrogava com firmeza: “Vão sair da escola amanhã. Que vão fazer? Elas mesmas não o sabem” (Meireles, 2001 c, p. 133-135).

Neste texto ela colocava em discussão a formação docente marcada pela repetição de teorias e técnicas e conclamava as futuras professoras a recriar o sonho, o idealismo e afirmava: “Ser professor é como ser artista: não se faz; já se nasce...” E concluía o seu comentário de forma incisiva e mordaz ao relatar que “é aí na Escola Normal que se precisa

resolver o problema do mestre futuro. O presente nos está mostrando que ainda não temos mestres para o mestre” (Meireles, 2001 c, p. 133-135).

No que tange ao conceito de educador, desejado por ela e que atendesse aos anseios e necessidades da educação nova, Cecília Meireles já colocava no título do *Comentário*, de 30 de julho de 1930, a imposição do ofício que demandaria “Sacrifícios do educador”. No primeiro parágrafo ela apontava que:

O verdadeiro educador, aquele que todos os dias está despertando em redor de si as íntimas possibilidades de vida que a infância resguarda, é uma criatura, por muitos motivos, destinada ao sacrifício, à renúncia constante de seus interesses imediatos. Não é dono de suas alegrias, de seu entusiasmo, da sua liberdade, esse que, no entanto, é, essencialmente, um fator de liberdade, entusiasmo e alegria (Meireles, 2001 c, p. 141-142).

No mesmo *Comentário*, Cecília Meireles chamava a atenção para o envelhecimento do professor, o que causaria um choque com os alunos que são sempre mais novos, o que tornaria este educador um estrangeiro, pois o mundo dos adultos fica distante do universo infantil que é regido por cânones próprios, portanto o educador deve medir as suas intervenções no mundo da criança. A despeito de todas as dificuldades da profissão, ela insistia na importância de um educador comprometido com a infância e disposto ao sacrifício. Nas palavras dela:

Todas as vidas se gastam por uma aspiração que as comanda. Nós vamos morrendo todos os dias um pouco, às ordens de uma orientação que aceitamos. Não é mesquinho nem triste morrer a serviço da infância, porque é trocar uma vida por vidas inúmeras, e abdicar da sua pequena felicidade pessoal pela esperança de uma felicidade unânime (Meireles, 2001 c, p. 141-142).

No *Comentário* intitulado “Medida de valores”, reiterava e retomava o que propunha como uma das principais qualidades do educador “ a sua capacidade de medir, com justeza, os valores que se lhe apresentam”, pois na sua concepção, “a função do educador repousa na apreciação dos valores de várias espécies – morais, intelectuais, técnicos, etc – que se nos oferecem na vida, para efetuar a sua adequada aplicação ao problema educacional” (Meireles, 2001 c, p. 143-144).

Ao insuflar no possível educador-leitor do seu texto a desobediência, como forma de construir um novo caminho, questionava a obediência servil que não permitia as mudanças ansiadas pelos reformadores no meio educacional, e apontava ser o educador:

aquele que está constantemente evoluindo, experimentando em si e em torno de si, todas as modificações que possam constituir um progresso, e que o faz, principalmente, com o fim de medir o valor de cada problema da humanidade, e conhecer o ambiente e o significado da sua tarefa pedagógica (Meireles, 2001 c, p. 143-144).

No mesmo texto, Cecília Meireles trazia mais argumentos na expectativa de convencer os professores da importância de experienciar às novas teorias:

O educador não é o burocrata que vai à escola como a uma repartição, limita a sua atividade de funcionário a meia dúzia de horas diárias, e respeita o prestígio das autoridades: é a criatura construtora de liberdade e progresso harmoniosos, que, vivendo no presente, está sempre investigando o futuro, porque é nesse futuro, povoado de promessas de vida melhor, que o destino de seus discípulos se deverá realizar com toda a plenitude (Meireles, 2001 c, p. 143-144).

No movediço momento histórico no qual Cecília Meireles transitava, o seu discurso buscava atrair o professorado para assimilar as novas demandas educacionais do tempo que exigia mudanças constantes no cenário educacional. No *Comentário* “Qualidades do professor [1]”, ela chamava atenção para a necessidade do professor ter uma “personalidade segura e complexa” como forma de melhor desempenhar o seu papel e que pudesse estimular o aluno na sua evolução. Diante deste quadro e com a visão poética que lhe era peculiar, propôs que o professor fosse um exemplo para o aluno, mas para isso precisaria:

Saber ser poeta para inspirar.

Quando a mocidade procura um rumo para a sua vida, leva consigo, no mais íntimo do peito, um exemplo guardado que lhe serve de ideal.

(...)

Como seria admirável se o professor pudesse ser tão perfeito que constituísse, ele mesmo, o exemplo amado de seus Alunos (Meireles, vol. 3, 2001, p. 147-148).

Cecília Meireles percorreu em vários *Comentários* sobre as questões vinculadas a qualidade e a formação docente. Terreno árido e difícil onde a cronista sempre esteve atenta para as mudanças. Acreditava no idealismo e abnegação do professor como elementos fundamentais para manter acesa a chama em busca da qualificação e da melhoria do quadro educacional.

2 - A PÁGINA DE EDUCAÇÃO E O CENÁRIO DE DISPUTAS EM TORNO DO MANIFESTO DOS PIONEIROS DA EDUCAÇÃO NOVA DE 1932.

2.1 – Os embates intelectuais nos bastidores do Manifesto.

Para países novos como o nosso, ou velhas civilizações como a Índia, para países economicamente subdesenvolvidos, que necessitam abrir um caminho novo a fim de se libertarem da opressão e da miséria, ou prósperos e poderosos, como os Estados Unidos, a fim de manterem o seu lugar na competição econômica, este problema da educação e da cultura é uma questão de vida ou de morte. Progredir ou desaparecer (Azevedo apud Xavier, 2002, p. 37).

As mudanças e as rupturas pelas quais passava o país nos anos de 1920 e que se prolongariam pela década de 1930 trazem a tona divergências políticas e os caminhos que poderiam ser seguidos por grupos que disputavam o poder no país. Nessa perspectiva, podemos destacar a “intelectualidade brasileira”, que via na educação um meio eficaz de formar as “novas elites” com a finalidade de prestar serviço ao Estado e estruturar a nação com as prerrogativas do progresso e da civilidade, com ordem, moral e “sem ruptura política” (Pagni, 2000, p. 49).

Essa discussão nos remete a importância da imprensa, paulista e carioca, que congregavam os intelectuais que desse instrumento se utilizavam para a divulgação das suas propostas. Mesmo que as propostas fossem nacionais, são esses dois núcleos que vão apresentar a matéria-prima necessária para as discussões sobre o país. Partimos desse ponto, pois em 1924, no Rio de Janeiro, foi fundada a Associação Brasileira de Educação (ABE), que apresentava em seus quadros, intelectuais de diferentes formações, como podemos destacar reformadores e católicos, que passavam a publicizar os debates travados no interior desta associação.

Em São Paulo, organizava-se em torno do jornal *O Estado de São Paulo*, um grupo de intelectuais que pleiteava um projeto de “modernização capitalista da sociedade” e que,

por intermédio da educação, os chamados “reformadores liberais” que tinham suas ideias veiculadas pela imprensa paulista, acreditaram promover a democratização social do país bem como por intermédio da criação dos centros universitários, formarem as nossas elites dirigentes capazes de levar a cabo o referido projeto (Pagni, 2000, p. 50).

Este projeto apresentava um caminho objetivo para consolidar essa visão de progresso: formar uma “elite pensante” para livrar o povo da “ignorância e da anarquia”. Diante desse quadro estava posto um novo impasse, pois não bastava mais somente “a técnica, as ciências físicas, biológicas e naturais”. Urgia a necessidade de um conhecimento científico que explicasse as questões e querelas sociais que emperravam a inclusão do país na modernidade almejada por eles. Nessa direção afirmava Azevedo: “Ou nós educamos o povo para que dele surjam às elites, ou formamos elites para compreenderem a necessidade de educar o povo” (Azevedo apud Pagni, 2000, p. 51-52).

Os antecedentes do Manifesto apresentavam de forma clara a disputa entre os educadores católicos e os educadores de orientação renovadora. O domínio sobre o saber científico “postulado pelos intelectuais abrangia não apenas uma representação sobre a política e sobre a sociedade, como também sobre a educação desenvolvida em nossa realidade”. Junto com essa disputa pelo domínio dos saberes, outros traços marcavam a época: o elitismo, o intervencionismo estatal e o nacionalismo (Pagni, 2000, p. 55).

Dois intelectuais de formação católica e integrantes do Centro D. Vidal, Alceu Amoroso Lima e Jackson de Figueiredo, assumem a linha de frente das discussões para recuperar o espaço perdido pela Igreja Católica. Na visão desses intelectuais, a religião seria a base para formar a “Consciência nacional”. Nessa direção, Alceu Amoroso Lima defendia que o ensino público seguisse as diretrizes católicas, assim se estruturaria uma nação cristã e católica. Essa disputa apontava para uma discussão sobre o grupo que assumiria a gestão das políticas governamentais sobre o setor educacional (Pagni, 2000, p. 56).

Essa discussão evidenciava o embate entre os defensores da “mentalidade moderna” que defendia o “saber prático”, “materialista”, “utilitarista” e “pragmatista” em contraposição aos defensores da “mentalidade tradicional” que defendia os valores espirituais e humanos. Entretanto conforme Pagni, os dois grupos

partiram de um problema comum, qual seja, o da chamada crise dos valores espirituais e humanos (ou da cultura) provocada em função do desenvolvimento da ciência e da tecnologia, bem como do progresso material e da industrialização ocorridos na civilização atual. Esse problema assim aparece nas obras tanto de uns quanto de outros como o da “crise da civilização atual” ou “crise do espírito humano” (Pagni, 2000, p. 57).

Essa disputa trazia no seu bojo uma complexidade maior, ou seja, qual o grupo assumiria o poder e passaria a “dar as cartas” no âmbito nacional? Nossa leitura deste contexto pode ser abalizada por Xavier:

No Brasil, a preocupação com a organização do Estado e a construção da nacionalidade ocupava o centro da vida cultural, nas artes, na literatura e em outros setores da atividade intelectual. Nesse contexto, a defesa de um Estado forte e centralizado podia ser defendida por pensadores autoritários ou por integralistas, como Menotti Del picchia. De outra maneira, a centralidade do Estado também compunha o ideário daqueles que postulavam a consolidação do regime republicano, entendendo que o caráter patrimonial da sociedade brasileira exigia o fortalecimento e a soberania do Estado como condição para efetivação do sistema federativo (Xavier, 2003, p. 10).

Essa preocupação em remodelar o Estado e colocá-lo em consonância com a modernidade foi analisado por Camara desta forma:

O fracasso do Estado Brasileiro até então em promover o ajustamento e a inserção do país às necessidades da ordem capitalista internacional provocou em grande parte de nossos cientistas sociais, mergulhados na atmosfera revolucionária dos anos 30, a preocupação em fomentar a articulação entre pensamento e ação na construção social de um projeto de Estado-nação que se autodefinia como salvacionista e redentor, capaz de potencializar progressos técnicos e científicos na edificação de uma nova ideia de civilização (2003, p. 31-32).

A sanha modernizante que assolou o país nos anos de 1920 e 1930 foi assim interpretada por Nunes:

O desejo dos educadores, intelectuais e políticos de *espalhar como azeite* a modernidade paulista parecia tornar-se viável com o efeito mais evidente da centralização dos serviços educativos pelo Estado, após a revolução de trinta. Foi justamente a representação de uma revolução total, forjada pela intelectualidade, que trouxe como desdobramento representações de cisão, de renovação, de aceleração do tempo, das classes populares como agentes históricos, o que se chocou contra a manutenção das práticas dos republicanos que a antecederam (2003, p. 46).

Nesse clima de tensão e disputas, o intelectual Fernando de Azevedo, responsável pelo inquérito de 1926, em São Paulo, e pela Reforma no Distrito Federal (1927-1930), exerceu um papel preponderante nas discussões e avanços das questões educacionais. Sob a sua liderança e o seu poder de aglutinar educadores, jornalistas, intelectuais e defensores das questões ligadas à educação, com o pano de fundo da Revolução de 1930. A criação do

Ministério da Educação e da Saúde pelo Governo Provisório e as Conferências Nacionais de Educação organizadas pela Associação Brasileira de Educação (ABE), estavam postos em cena os elementos necessários para a elaboração do Manifesto e a sua posterior publicação na imprensa.

Conforme as nossas escolhas na organização desta dissertação, lançamos luz a partir deste ponto, nos dois momentos os quais, para a nossa discussão, consideramos necessários por analisarmos a participação de Cecília Meireles no início destes agitados anos de 1930. Os dois momentos foram as Conferências proferidas por Cecília Meireles na Liga Anticlerical, iniciadas em dezembro de 1932 e concluídas em fevereiro de 1932, e a intervenção de Nóbrega da Cunha na IV Conferência Nacional de Educação realizada no mês de dezembro de 1932.

2.2 – Por que a escola deve ser leiga.

O conflito de ideias estabelecido entre os dois grupos que se formaram no seio da Associação Brasileira de Educação (ABE), no caso em questão, intelectuais católicos até 1928, hegemônicos na Associação, e intelectuais “liberais”, que se mostrava como o grupo contrário, capaz de entabular as mudanças no país trazendo o “novo”, começava a chegar ao ponto maior de ebulição.

Como pano de fundo nesse confronto de ideias e de concepções diferentes sobre o projeto educacional para o país, dois termos que se completavam ou se confundiam, laicismo e anticlericalismo, voltam a ter peso nas contendas. Para abalizar o nosso discurso, vamos procurar brevemente explicá-los, mesmo não sendo o motivo central do nosso trabalho.

A origem do termo laicismo remete, segundo Valerio Zanone,

a distinção entre igreja docente e povo discente, isto é, entre o clero e o laicado, exerceu influência constante na cultura política e nas instituições públicas dos países católicos; o termo Laicismo, resultado desta distinção, é usado comumente nos países de língua latina, enquanto não existe equivalente na linguagem política anglo-saxônica, onde a concepção moderna do Laicismo pode ser definida, aproximadamente, com o termo *secularism* (1998, p. 680).

Na acepção de Zanone, “as diferentes significações de Laicismo podem ser resumidas nas duas expressões clássicas: cultura leiga e estado leigo” (1998, p. 680). No que tange ao nosso objeto de estudo, interessa-nos observar que a fundamentação das Conferências de Cecília Meireles partiam do afastamento da educação do compromisso de estar atrelada aos preceitos e a moral religiosa, que ela considerava ineficientes para a formação das crianças.

A centralidade que Cecília Meireles conferiu ao “Emílio”, de Rousseau, justificava-se pelos objetivos pretendidos pela conferencista, no caso, persuadir aos ouvintes e aos leitores da *Página de Educação*, do por que a escola deveria ser leiga. Para que o leitor possa se familiarizar mais com a questão, retomemos ao verbete de Zanone para que possamos agregar as Conferências, a conceituação de “cultura leiga”.

Ainda dialogando com Zanone, nessa expressão, Laicismo:

encontramos reunidas as correntes de pensamento que defendem a emancipação da filosofia e da moral positiva. A cultura da Renascença, dando novo valor às ciências naturais e às atividades terrenas, em lugar de valorizar a especulação teológica, provocou a partir do século XVII, uma gradual separação entre o pensamento político e os problemas religiosos e favoreceu a difusão da mentalidade leiga, que alcançou sua plena afirmação no século XVIII, reivindicando a primazia da razão sobre o mistério. O Laicismo mergulha, pois, suas raízes no processo de secularização cultural que cooperou para o fortalecimento de teorias preexistentes acerca da natureza secular do governo (1998, p. 680).

O Laicismo foi um conceito que atravessou o pensamento de Cecília Meireles, não só nas Conferências, mais ao longo do período à frente da *Página de Educação*. Nos seus *Comentários*, que funcionavam como editoriais sobre educação a questão era tema recorrente, bem como a liberdade, o exame crítico e o debate, entre outros. Para que a nossa hipótese tenha efeito, vamos recorrer novamente a Zanone, pois nas suas palavras:

a cultura leiga deve, em parte, sua origem às filosofias racionalistas e imanentistas que rejeitam a verdade revelada, absoluta e definitiva; e, ao contrário afirmam a livre busca de verdades relativas, mediante o exame crítico e o debate. Culturalmente, pois, o Laicismo mais que uma ideologia é um método; aliás, pode se autodefinir como um método cujo objetivo é o desmascaramento de todas as ideologias (1998, p. 680).

Poderíamos como provocação avançar mais um pouco, para que possamos perguntar o que teria unido o pensamento de Cecília Meireles, participante de um grupo de intelectuais de maioria liberal, ao pensamento laicista? Poderíamos recorrer ao conceito

moderno de Laicismo, pois “este abrange em si não apenas a distinção entre Estado e Igreja, mas também a concepção da Igreja como sendo associação voluntária” (Zanone, 1998, p. 681).

O princípio leigo consistiria na seguinte regra básica: “não ter a pretensão de possuir a verdade mais do que qualquer outro possa ter a pretensão de possuí-la” (Zanone, 1998, p. 682) Na concepção de Nicola Abbagnano, o Laicismo deve ser marcado não só pela autonomia entre o pensamento político e o pensamento religioso, “mas entre todas as atividades humanas”. Dessa forma ele defende que as diferentes atividades não devem ser subordinadas ou hierarquizadas, “nem podem ser submetidas às finalidades ou interesses que não lhes são inerentes”. Sendo assim:

O Laicismo do século XIX teve influência em grupos culturais e políticos os mais diversos, abrangendo desde os protestantes liberais até os católicos galicanos; a polêmica anticonfessional foi levada adiante principalmente, porém, pelos livres pensadores ligados à maçonaria. A *campagne Laique* chegou às manifestações mais agudas, lá pelo final do século, com o caso Dreyfus. A literatura anticlerical conseguiu, neste período, fácil popularidade pela ação, entre outros, de Émile Zola e Anatole France (Zanone, 1998, p. 682).

Nessa perspectiva, podemos juntar ao termo Laicismo com a finalidade de melhorar o entendimento, o termo anticlericalismo, que na concepção de Guido Verrucci,

designa geralmente um conjunto de ideias e de comportamentos polêmicos a respeito do clero católico, do clericalismo e do confessionalismo, isto é, daquela que é considerada a tendência do poder eclesiástico a fazer sair a religião do seu âmbito para invadir e dominar o âmbito da sociedade civil e do estado (Verrucci, 1998, p. 32).

O termo Anticlericalismo do ponto de vista prático, se apresenta como crítica contra a corrupção, os vícios, a hipocrisia e a ganância, a prepotência e a intolerância da ordem sacerdotal acusada de trair e de se afastar dos princípios evangélicos. Os termos fundantes do anticlericalismo remetem a Idade Média, ao Renascimento, ao livre arbítrio e ao Iluminismo apresentando-se de forma mista em outros momentos (Verrucci, 1998, p. 32).

Nos países europeus, tais como França, Itália, Bélgica, Espanha, Portugal, Inglaterra, Alemanha e muitos países latino-americanos, o fenômeno Anticlerical se manifestou de forma massiva. O Iluminismo, o filantropismo racionalista, o hegelianismo,

o positivismo evolucionista e o positivismo materialista foram às fontes de alimentação do Anticlericalismo. Neste aspecto, mobilizou a opinião pública liberal e democrática, mas também encontrou em movimentos mais radicais, como o Anarquismo, lugar de pouso na sociedade (Verrucci, 1998, p. 32).

O Anticlericalismo defendia a separação entre Estado e Igreja, entre política e religião. Nas palavras de Verrucci, “o Anticlericalismo invadiu parte da imprensa diária e periódica, ocasionou uma forte literatura crítica e uma literatura de divulgação popular, se manifestou nas poesias e na literatura de cordel, animou debates populares” (1998, p. 32).

A parte comum, em todos os países que o Anticlericalismo tomou assento e serviu de inspiração para grupos que viam no poder da Igreja Católica, um poder coercitivo e invasivo, estava ligado ao clericalismo na escola. Nessa perspectiva, a luta Anticlerical era marcada por buscar caminhos que pudessem retirar o ensino da influência do clero e passar a pautá-lo nos princípios racionais e científicos. O grupo mais específico da Igreja Católica, o alvo principal, eram os jesuítas, pois estes já se encontravam assentados na sociedade (1998, p. 33).

De certa forma, na acepção de Verrucci, o Anticlericalismo liberal entra em colisão com o democrático e o radical. Portanto,

[...] se no plano das ideias acaba investindo contra o próprio âmbito da religião e de seus princípios morais e sobrenaturais, no plano político o Anticlericalismo se configura como Laicismo, isto é, visa pelo menos, na maior de suas tendências, a um Estado plenamente laico, perante o qual sejam absolutamente livres e iguais todos os cultos e todas as profissões de ideias (Verrucci, 1998, p. 33).

No caso do Brasil, o Anticlericalismo também foi levado como bandeira pelo Movimento Anarquista e pelos periódicos que serviam de divulgadores para este movimento. Não trabalhamos a discussão por este caminho, interessou-nos buscar o entendimento breve destes conceitos para que pudéssemos iluminar as Conferências de Cecília Meireles. Destacamos também que atuavam na Liga Anticlerical²² os educadores Edgar Sussekind de Mendonça e Armanda Álvaro Alberto também signatários do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova.

Foi nesse cenário propício para as discussões, que Cecília Meireles recebeu o convite da Liga Anticlerical, para que proferisse um Ciclo de Conferências. Este Ciclo

²² Sobre a Liga Anticlerical no Rio de Janeiro conferir Maria Lacerda de Moura, Jussara Valéria de Miranda, Maria Emília Martins Pinto, entre outros..

organizado com três conferências ocorreu nos meses de dezembro de 1931 a fevereiro de 1932. A temática central era a questão do ensino religioso nas escolas, tema este que permitiu a Cecília Meireles discorrer longamente sobre o assunto e confrontar o ensino leigo ao ensino alicerçado na religião, no caso específico em questão, o ensino católico.

As Conferências receberam o título de *Porque a escola deve ser leiga*. De forma didática Cecília Meireles nos legou nos textos das conferências, a possibilidade de leitura sobre um momento único da História da Educação, no Brasil. Com o intuito de facilitar o entendimento acerca das conferências, dividimo-las em três momentos: o instante de ver, o tempo para compreender e o momento de concluir.

A Primeira Conferência – O instante de ver²³

Devíamos todos ter a humildade de compreender que o nosso mérito está em viver a vida que se nos depara, da melhor maneira possível – não de a aproveitarmos para nós mesmos – mas de a aproveitarmos no seu sentido total, naquilo em que ela deixa de ser nossa, apenas para ser de todos e de si mesma, ampliada até os limites de seu próprio poder, contendo em si todas as coisas, mesmo aquelas mais profundas e mais secretas, que o nosso pensamento quase não pode atingir, sem que por isso deixem ainda de ser a vida e possam ser condenadas por qualquer visão superficial (Meireles, 29/12/1931, p. 5).

O ano de 1931 terminava com a realização da IV Conferência Nacional de Educação, organizada pela Associação Brasileira de Educação (ABE) e os debates seguiam acalorados. No âmbito da *Página de Educação*, Cecília Meireles dava início à publicação do Ciclo de Conferências realizadas na Liga Anticlerical com o título de: *Porque a escola deve ser leiga*. Essas Conferências arrolavam os pontos considerados cruciais pela cronista, para edificação do projeto educacional do grupo reformador, bem como aumentava a densidade do seu discurso contra os educadores católicos.

Consideramos importante a análise destas Conferências, pois elas podem nos auxiliar a entender e jogar luz sobre um dos pontos mais discutidos naquele momento: o

²³ Os títulos propostos para estas conferências, a saber: *o instante de ver, tempo para compreender e momento de concluir*, tem como referência a psicanálise de Lacan, com o texto *O tempo lógico e a asserção da certeza antecipada*, com o intuito de mostrar que a instância do tempo se apresenta de um modo diferente em cada um desses momentos. É importante captar na modulação do tempo a própria função pela qual cada um desses momentos, na passagem para o outro, é reabsorvido, subsistindo apenas o último que os absorve, reestabelecendo a sucessão real deles e compreendendo sua gênese no movimento lógico.

ensino religioso. Nessa perspectiva ao analisarmos as Conferências, buscamos as entrelinhas e as sutilezas irônicas do discurso de Cecília Meireles. Nessa direção:

O que foi censurado não desaparece de todo. Ficam seus vestígios, de discursos em suspenso, in-significados e que demandam, na relação com o saber discursivo, com a memória do dizer, uma relação equívoca com as margens dos sentidos, suas fronteiras, seus des-limites (Orlandi, 2010, p. 67).

Interessa-nos nessas Conferências, perseguir estes “vestígios”, que somados a intervenção de Nóbrega da Cunha, na IV Conferência Nacional de Educação, nos auxiliam na compreensão dos momentos que antecederiam a elaboração do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova e a sua publicação posterior, e assim compreender a rede de sociabilidade construída envolvendo os pioneiros Armanda Álvaro Alberto, Edgar Sussekind de Mendonça, Cecília Meireles e Nóbrega da Cunha.

Na Primeira Conferência, que foi divulgada na *Página de Educação* do Diário de Notícias, no dia 29 de dezembro de 1931, a cronista passava a discorrer, mais uma vez, sobre um dos seus temas prediletos: a criança. Iniciava o seu pronunciamento destacando uma “Declaração dos Direitos da Criança”, de 1928, divulgada pela “União Internacional de Socorros às Crianças” que proclamava o seguinte:

- I – Que toda criança deve gozar de todas as condições essenciais necessárias para atingir normalmente o seu desenvolvimento físico e espiritual.
- II – Que, em casos de calamidade pública, a criança, em quem reside o futuro da humanidade deve ser assistida, de preferência ao adulto.
- III – Que a criança deve ser protegida sempre, qualquer que seja a sua raça, nacionalidade e religião.
- IV – Que a criança com fome deve ser alimentada, a doente tratada, a ignorante instruída, a órfã abandonada ou vagabunda deve ser socorrida e auxiliada convenientemente, protegendo-a contra toda a exploração.
- VI – Que é necessário educar a criança de modo que ela ponha as suas mais altas e melhores qualidades ao serviço de seus irmãos e cuide de enriquecer com o seu esforço o patrimônio comum da humanidade, herança que há de transmitir-se às gerações futuras (Meireles, Diário de Notícias, 29/12/1931, p. 5).

Podemos observar que de uma forma sintética a declaração acima, resume os elementos que vão nortear a concepção de infância auferida por Cecília Meireles ao longo de sua produção. Segundo ela, essas prerrogativas estariam de acordo com a “pedagogia moderna”, que consistia em oferecer às crianças todas as possibilidades para o seu desenvolvimento pleno, sem quaisquer diferenças entre sexo, raça e religião. Acreditava,

pois, que a criança oriunda de qualquer lugar e sem distinção, deveria ser tratada: “sem nenhum favor e sem nenhum empecilho, pelo direito de estar no mundo, de ser criatura humana e de ter por destino viver” (Meireles, *Diário de Notícias*, 29/12/1931, p. 5).

No seu discurso a educadora vai arrolando as dificuldades para as mudanças que acreditava necessárias e antepõe, uma palavra que lhe é cara, “liberdade” que não faz parte da compreensão geral, a outra, “cativeiro”, que herdamos de outros momentos. Esta visão confusa dos adultos, em torno das questões, que ela julgava prementes para a execução da obra educacional. Nesse tocante, convida a reflexão sobre a distância do mundo adulto para o mundo infantil. Havendo, assim, a necessidade de pensar a educação como “obra para o futuro” (Meireles, *Diário de Notícias*, 29.12.1931, p. 5).

O tempo novo apresentava novos imperativos e com isto novos questionamentos:

Pois não estamos vendo todos que aquilo que ontem se acreditou com a mais bela sinceridade já hoje está sendo assunto passado sem valia para o tempo que vivemos – porque outras ideias se sucederam, outros interesses surgiram, outras causas com outros efeitos, outras inquietações, com outras tentativas e outras buscas? (Meireles, 29/12/1931, p. 5).

Para que as mudanças fossem efetivadas a cronista conclamava a que todos que trabalhavam com educação, que fizessem uso da “compreensão total do mundo” como forma de respeitar as transformações em curso. Alertava também que as o orgulho e vaidade, deveriam ser trocados “pela fraternal simplicidade de amor que dá de si tudo o que tem, com o desejo de não fixar coisa nenhuma, orgulhosamente, mas de permitir que tudo se transforme ao sabor das circunstâncias (...)” (Meireles, 29/12/1931, p. 5).

Foi na direção do sonho que Cecília Meireles construiu os alicerces do seu discurso. Posicionava-se de forma clara, pois mostrava a necessidade de que os atores envolvidos se desprendessem de “todos os caprichos humanos”, que por ventura pudessem limitar a vida. Nada poderia estabelecer limites, pois “a escola nova é uma escola de liberdade”.



Página de Educação, Edição nº 557, 29/12/1931, página 5. 1ª Conferência de Cecília Meireles na Liga Anticlerical. Acesso em 26/04/2013, endereço eletrônico: <http://memoria.bn.br/hdb/periodo.aspx>.

Fundamentada nesses preceitos de novidade, mudança, transformação e liberdade, ela chamava atenção para o ensino tradicional e antigo que era ministrado às crianças e afirmava: “o que se verificou foi que estávamos ensinando às crianças uma vida que ia passando para trás, enquanto a criança ia seguindo para frente”.

Nessa perspectiva, afirmava que o mundo estava repleto de “homens sem infância”, homens que tiveram suas infâncias oprimidas e tolhidas, o que acabava atrapalhando as novas gerações. Neste ponto ela passava a discorrer sobre o que ela considerava “escola velha” na sua visão:

Quando dizemos escola velha, dizemos uma certa escola tradicionalista, uma escola de autoritarismo e de violência, de ideias decoradas e dogmatismos impostos. Uma escola de alunos fabricados segundo a fantasia interesseira dos professores ou o capricho senhorial dos pais (Meireles, 29/12/1931, p. 5).

E reafirmava os caminhos que deveria tomar uma escola em sintonia com o seu tempo:

A escola de hoje não pode ter mais nenhuma rotina. Rotina de espécie alguma. Rotina em nenhum terreno. E nesse sentido é que deve se dizer escola leiga,

como acima de tudo, escola de isenção. Escola sem preconceito: nem científico, nem social, nem moral, nem religioso (Meireles, 29/12/1931, p. 5).

Nessa direção, Cecília Meireles passava a apontar as dúvidas que circundavam a palavra “leiga”, pois os educadores católicos, alvos desta conferência, que segundo ela, “venenosamente” queriam “insinuar que a escola leiga é uma escola sem ou contra a religião”. Neste aspecto defendia com mais veemência as suas posições: “os adversários da escola leiga procuram aterrorizar os desprevenidos inventando que nessa laicidade há qualquer coisa de decadência, de demonismo, de perversão”. E apontava nos seus oponentes as suas falhas, pois reiterava que numa escola sectarista, as perdas seriam mais significativas, precisamente pela “própria condição de defender uma seita” (Meireles, 29/12/1931, p. 5).

Contrapunha, dessa forma no seu discurso, a essa escola por ela chamada de sectária, uma escola que nada importava e que também não proibiria o conhecimento, pois deveria respeitar o desejo de saber da criança. Esse desejo de saber é que faria da criança o seu melhor mestre. Pois, “a escola leiga sem pretensões de nenhuma propaganda, é a escola que defende a criança de quaisquer propagandas, embora pondo-a ao corrente de todas, com o dever informativo que é preliminar numa escola” (Meireles, 29/12/1931, p. 5).

O fechamento dessa primeira conferência foi feito a partir do seguinte questionamento: Por que a escola deve ser leiga? Nas suas palavras a escola leiga “é verdadeiramente moral”, porque não atenta contra a fé de nenhum homem ou contra a psicologia da criança, pois não torce o seu destino. Essa escola era marcada por uma série de predicativos: escola do futuro, da fraternidade, da sinceridade, da igualdade.

A Segunda Conferência – O tempo para compreender

A luta dos que querem a liberdade com os que desejam o cativo é uma luta e vem de sempre e que nunca se terminará. Tem suas fases de vitória, para um ou para outro dos adversários, conforme a força de que cada um está resolvido a dispor (Meireles, 17/01/1932, p. 4).

Nas palavras de Bourdieu, “(...) analisar a estrutura das relações objetivas entre as posições que os grupos colocados em situação de concorrência pela legitimidade intelectual

ou artística ocupam num dado momento do tempo na estrutura do campo intelectual” (2009, p.191), é uma ferramenta fundamental para o entendimento das afinidades entre participantes de um determinado grupo.

Dessa forma, ao situarmos Cecília Meireles como participante de um grupo renovador que concorria com outro grupo de conotações conservadoras e orientados pelo viés do catolicismo a colocava numa situação de confronto. Diante deste confronto que estratégia utilizou nesse meio intelectual para firmar sua voz de intelectual feminina?

Para além dos *Comentários* produzidos na *Página de Educação*, essas *Conferências* propiciavam aos seus ouvintes e leitores a possibilidade de entendimento e maior clareza do seu posicionamento. Estrategicamente ela nomeava os seus opositores e buscava amearhar na opinião pública novos companheiros de luta pela renovação.

Foi com esse intuito, que na *Segunda Conferência*, Cecília Meireles reacendeu a discussão em torno da inserção do ensino religioso, que ocorreu através da edição do decreto nº 19.941, 30 de abril de 1931, onde o Governo Provisório de Vargas, no Artigo 1º, estabeleceu que: “Fica facultado, nos estabelecimentos de instrução primária, secundária e normal o ensino da religião” (Lamego, 1996, p. 22).

De forma didática convidava todos para a compreensão do que estava ocorrendo:

O vastíssimo interesse que tem despertado o decreto sobre o ensino religioso seria suficiente para nos demonstrar se ainda houvesse dúvidas sobre isso, que existe realmente no Brasil, uma consciência da atualidade do mundo e da vida, incapaz de se deixar oprimir por pretensões sectaristas que, por serem sectaristas, não possuem, justamente, essa isenção e essa capacidade de compreender a evolução das coisas que parece ser uma particularidade distintiva do homem, como animal superior (Meireles, 17/01/1932, p. 4).

Nessa perspectiva, entabulava um discurso que era concebido, nas suas palavras, com “honestidade e sinceridade” em defesa de uma escola leiga, e na primeira pessoa do plural asseverava:

Nosso papel deve ser, antes que o de combater, o de esclarecer. As lutas aumentam as confusões. A serenidade do pensamento conduz à visão total dos fatos. A verdade se faz por si só. E não podemos pretender a nada mais alto que ficar onde a verdade estiver (Meireles, 17/01/1932, p. 4).

A matéria prima que movia esta segunda Conferência, versava sobre o desejo de viver e de viver melhor. Dentre os questionamentos e mudanças arrolados pela cronista está a pedagogia e a educação que apresentavam fracassos sucessivos ao longo do tempo, desde

a antiguidade clássica. No texto, chamava atenção para a dificuldade de se buscar um novo paradigma para o progresso, pois na sua concepção, a sociedade ainda estava presa ao questionamento clássico do “Conhece-te a ti mesmo...”, o que demonstrava o apego com as tradições e dificultava o desenvolvimento necessário para os novos tempos.

Outra palavra do universo semântico do discurso de Cecília Meireles é a palavra “liberdade”, que segundo ela, não conseguia sair “vitoriosa senão com o martírio dos mais intransigentes, que se sabem imolar para nutrir com o seu sangue a coragem dos homens que vacilam”. Nessa direção, ela antepõe a importância da cultura clássica e o seu paganismo a cultura medieval e o seu ascetismo, a qual buscava a construção de um homem em consonância com os ideais teocêntricos (Meireles, 17/01/1932, p. 4).

Utilizando-se da ironia como elemento desqualificador, questiona os “doutores da Igreja” que condenavam a cultura pagã, acusando-a de imoral, e prossegue: “E nem podemos sorrir desse cristianismo nascente, ofendido com a obra do criador: até hoje a inocência é justamente a coisa que mais escandaliza. Se Deus fizesse agora Adão e Eva, teria de fazer primeiro um alfaiate e uma costureira para os vestir” (Meireles, 17/01/1932, p. 4).



Página de Educação, Edição nº 576, 17/01/1932. Página 4. 2ª Conferência de Cecília Meireles na Liga Anticlerical. Acesso em 26/04/2013, endereço eletrônico: <http://memoria.bn.br/hdb/periodo.aspx>.

Na medida em que construía o discurso, a cronista tecia comparações entre a educação da Idade Média e do Humanismo. Absorvida pelo espírito de mudança, Cecília Meireles define o seu posicionamento com objetividade:

Foi o humanismo, foi essa vontade de não esquecer a antiguidade, essa saudade de ser humano, de pertencer a vida com alegria e com liberdade que teve, realmente, um poder fecundo: o protestantismo sabe disso, porque não teria existido se a preocupação medieval contentado com a imobilidade escolástica (Meireles, 17/01/1932, p. 4).

Na definição do seu posicionamento contra os opositores do grupo reformador, Cecília Meireles empregava cores mais fortes na paisagem educacional contra a qual empunhava sua escrita afiada. Acusava os Jesuítas de escamotear as contribuições clássicas e o que eles consideravam indecoroso e destacava que este modelo educacional teria por finalidade: “levar à devoção e inculcar bons costumes” (Meireles, 17/01/1932, p. 4).

Nessa direção, arrolava os métodos empregados: “obediência à Igreja e ao Papa”, “ouvir missa”, “rezar”, “fazer exercícios espirituais”, “pancadas”. Além desses fatores a relação castigo, para aqueles que não atingissem os objetivos, e prêmio, para os mais “esforçados ou mais capazes”. Depois de elencar as características as quais combatia, nas suas palavras, fez o que qualificou como “uma afirmação gravíssima sobre o ensino católico”:

Se a criança medieval não suportava (*o ensino católico*), num ambiente favorável, com todo o terror da época pesando na atmosfera que a envolvia, como o pode suportar a criança de hoje, vinda ao mundo num tempo de relativa liberdade, ou pelo menos, de castigos mais ocultos, velados pelo pudor que os homens vão tendo de desmentir a civilização com a evidência de toda a sua barbaridade? (Meireles, Diário de Notícias, 17/01/1932, p. 4). (*grifo meu*)

A argumentação que sustentava a Conferência, baseava-se em Aristóteles, Montaigne, Francke, Locke e Rousseau. A cronista destacava a preocupação desses filósofos em buscar a construção “integral do indivíduo, em corpo e espírito”. Nessa direção afirmava o seu posicionamento ao eleger Rousseau, como o filósofo com o qual a partir desse ponto estabeleceria o diálogo:

Mas é Rousseau que tem de sobreviver mais. Todas as coisas que queiram fazer pesar sobre a sua vida, para desmentir sua obra, são precárias para quem já conseguiu viver tanto... Talvez mesmo as obras sejam a expressão mais sincera do homem. Elas o deixam fazer aquilo que o mundo quase sempre impede. Na obra há um espaço de liberdade que a ação desgraçadamente nem sempre pode possuir.

Pela obra o homem se lança a aventura do espírito que todas as mediocridades do meio lhe proibiriam, se as quisesse realmente viver (Meireles, 17/01/1932, p. 4).

Foi na obra de Rousseau, especificamente em o “Emílio”, que a sistematização do discurso se deu. Cecília Meireles concordava com o filósofo, que via necessidade do homem voltar a ser “natural e autêntico”. Rousseau queria as crianças no centro das discussões por considerá-las por “natureza boas”, com intuito de preservá-las, gostaria de vê-las “sem medo e seguras de sua força”. Nessa direção apontava o artificialismo da vida dos adultos, formados por uma “cega educação” imposta de forma arbitrária.

A conferencista prosseguia no seu diálogo com Rousseau e destacava mais um de seus ensinamentos: “Aprende a conhecer os teus alunos, porque certamente ainda não os conheces”. A apropriação desse pensamento é uma das bandeiras centrais do discurso de Cecília Meireles, para a execução das mudanças no âmbito da educação, pois considerava a frase como um ponto de partida para as pesquisas nos campos da pedagogia e da psicologia.

Fundamentada nestes argumentos a conferencista chamava a atenção para importância que o filósofo dava a isenção que os educadores deveriam ter no que concernia a “formação religiosa da criança”, quando no “Emílio” afirmava: “mas vale não ter ideia nenhuma da divindade, que possuir ao seu respeito, ideias baixas, fantásticas, injuriosas e indignas dela: é menor mal desconhece-la do que ultrajá-la” (Rousseau apud Meireles, 17/01/1932, p. 4).

A contrariedade de Cecília Meireles, no que se relacionava ao ensino religioso nas escolas, encontrava no “Emílio” de Rousseau, a sustentação ideal para esclarecer a platéia e aos leitores do jornal acerca das preocupações do “grupo dos reformadores” educacionais. A cronista incorporava no seu discurso a mesma apreensão do filósofo, que temia que a religião imposta a criança, dificultasse o seu desenvolvimento até chegar a vida adulta, pois essa formação poderia no futuro limitar e dificultar as suas escolhas, inclusive no próprio campo religioso.

Prosseguia na sua argumentação trazendo a público a afirmação de que “as crianças deveriam ser educadas na religião dos seus pais”. Apresentava a assertiva com a finalidade de negá-la logo a seguir, a partir do “Emílio”:

Uma criança deve ser educada na religião de seus pais. Provam-lhe sempre muito bem que essa religião qualquer que seja, é a única verdadeira; que todas as outras são extravagância e absurdo. A forma dos argumentos depende nesse ponto, apenas do país em que são propostos. Que os turcos, que acham o cristianismo

tão ridículo em Constantinopla, vão ver o que se pensa do islamismo em Paris! É principalmente em matéria religiosa que a opinião triunfa. Mas nós, que pretendemos sacudir seu jugo de todas as coisas, nós que não queremos conceder nada a autoridade, nós que não queremos ensinar a Emílio nada que lhe não seja possível aprender sozinho, em qualquer parte, em que religião o vamos educar? A que seita filiaremos o homem da natureza? A resposta é muito simples, parece-me: não o filiaremos a esta nem àquela. Colocalo-e-mos em condições de escolher aquela a que o possa conduzir o mais perfeito uso da sua razão (Rousseau apud Meireles, 17/01/1932, p. 4).

Cecília Meireles amalgamava o seu discurso ao de Rousseau, quando dizia que no “Emílio”, estava o próprio ideal da “escola leiga”, uma escola sem “fanatismo”, “sectarismo”, “onde nada se proíbe e onde nada se propaga senão o intuito de chegar ao mais alto ponto a que pode ascender um homem” (Meireles, 17/01/1932, p. 4). Segundo ela essa centralidade de Rousseau, nesta segunda conferência, serviria de base para as discussões que entabularia na terceira conferência.

O fechamento da segunda conferência trazia uma afirmação contundente de Victor Hugo: “em cada aldeia havia um pessoa que acendia uma luz: o professor. E outra que a apagava: o padre”. De posse desta metáfora, Cecília Meireles convidava a todos a fazer uma reflexão sobre o melhor caminho a tomar dali em diante e deixava sedimentado a passagem para a terceira conferência.

A Terceira Conferência – O momento de concluir



Página de Educação, Edição nº 616, 28/02/1932, página 16. Primeira parte da 3ª Conferência de Cecília Meireles na Liga Anticlerical. Acesso em 26/04/2013, endereço eletrônico: <http://memoria.bn.br/hdb/periodo.aspx>.

Cecília Meireles deixou o caminho preparado para a terceira conferência e podemos observar no centro da Página de Educação uma grande ilustração de Rousseau, filósofo inspirador e figura central da segunda conferência. A terceira conferência foi dividida em quatro edições diferentes do jornal, que passaremos agora a analisar.

Nesta primeira parte, a cronista iniciava com a retomada do pensamento de Rousseau, no qual este apontava a necessidade de “estudar melhor vossos alunos, porque certamente não os conheceis”. Partindo desse pressuposto, Cecília Meireles comparava o adulto, que “antes de tudo, é um acomodado”, com a criança, que segundo a sua análise, “procura o difícil, o perigoso, o arriscado, porque precisa por em jogo, constantemente, as atividades que ensaia na sua iniciação na vida” (Meireles, 28/02/1932, p. 16).

Na sua visão, o adulto falhava no trato com as crianças, porque não se deslocava para pleitear o entendimento, mas esperava que as crianças se deslocassem para entender os adultos. Nessa perspectiva, criticava pais e professores, que no seu entender deveriam buscar um entendimento melhor do universo pueril e apontava para os filósofos, poetas e

homens de ciência, como aqueles que buscavam de “forma apaixonada”, o estudo dos “complexos fenômenos do mundo infantil”.

A força da sua escrita levava-a a reforçar o termo “comodista”, quando se referia aos adultos, que acreditavam que as crianças fossem “adultos pequenos”, ou seja, um interlocutor a altura para as cobranças e obrigações referentes a idade madura. Para sustentar o seu discurso retomava Rousseau e as suas observações sobre as questões das crianças:

Vejo que elas raciocinam muito bem sobre as coisas que conhecem e se relacionam com o seu interesse presente e sensível; mas é sobre os seus conhecimentos que as pessoas se enganam, emprestando-lhes aqueles que não tem, e fazendo-se raciocinar sobre o que não podem compreender. É um erro também querer fazê-las atentas as considerações que de nenhum modo as afetam, tais como as do seu futuro interesse, da sua felicidade, mais tarde, da estima que gozarão quando forem grandes, discursos que, dirigidos a criaturas destituídas de providência, não podem ter nenhuma significação (Rousseau apud Meireles, 28/02/1932, p. 16).

Cecília Meireles situava o “Emílio” como um divisor de águas no entendimento do universo infantil. Uma obra que permitiu aos outros estudiosos, novas perspectivas de entendimento, pois a criança passava a ser vista não mais como um ser que nascia pronto e depois aumentava de tamanho, mas um ser que apresentava fases diferentes na sua formação até a vida adulta, pois “nós somos todos os dias uma pergunta e uma resposta que se medem com estranhos olhos e que se vão mutuamente vencendo, pelo tempo sem fim e até para lá da morte” (Meireles, 28/02/1932, p. 16).



Página de Educação, Edição nº 618, 01/03/1932, página 5. Segunda parte da 3ª Conferência de Cecília Meireles na Liga Anticlerical. Acesso em 26/04/2013, endereço eletrônico: <http://memoria.bn.br/hdb/periodo.aspx>.

Na segunda parte da conferência, Cecília Meireles prosseguia a construção do seu discurso e reforçava a necessidade que as diversas experiências constituíam para a formação das crianças. Apontava que as diferentes fases geravam desejos diferentes nos alunos, portanto só com a apropriação dos conhecimentos do campo da psicologia, segundo ela, seria persistir em erros apontados por Rousseau, na sua época.

Dessa forma reafirmava o conceito de educação que defendia:

Educar não é mais ensinar um certo número de coisas que os adultos possam achar necessárias. Educar é, antes de tudo, conhecer o aluno para lhe ministrar as possibilidades de realizar as suas próprias experiências, mediante as quais irá vencendo uma por uma as provas que a vida lhes oferece, desafiando-lhe as capacidades (Meireles, 01/03/1932, p. 5).

Quando apontava a necessidade de utilização dessas novas teorias, Cecília Meireles procurava demonstrar que a lógica do adulto é ineficaz diante da visão do mundo da criança, pois “se a criança não é adulto, está claro que entre uma e outro não há interesses comuns atuando com a mesma intensidade e orientação” (Meireles, 01/03/1932, p. 5).

Sendo assim, antepunha a necessidade de mando por parte dos adultos em confronto com a liberdade, que ela considerava a mais pura e genuína expressão, das crianças.

De forma didática, depois deste longo preâmbulo, a conferencista retomava o tema central da sua fala e questionava: “mas que tem isso a ver com a escola leiga?”, questionamento que ela mesma, se encarregava de responder: “tudo”. E passava a discorrer sobre as críticas que a escola leiga recebia: “escola sem moral”, “ela (escola) é o desmoronamento do lar, da pátria, da humanidade etc”. Escola que, nas suas palavras, assustava os pais e professores, pois estes “arregalam os olhos horrorizados com os escândalos da liberdade, da educação sexual, da co-educação” (Meireles, 01/03/1932, p. 5).

Passava então a alertar os ouvintes e leitores, sobre as confusões geradas com a confusão de conceitos, tais como: moral com religião e cristianismo com catolicismo. Concluía de forma irônica, de forma inverossímil, “de que era preciso ensinar o catecismo as crianças” (Meireles, 01/03/1932, p. 5).

Para sustentar a sua argumentação, Cecília Meireles fundamentava o seu discurso, primeiro em Louis Liévre, que no seu livro “Política e Religião”, debatia a questão do ensino leigo e acusava “as religiões absurdas” de estarem em contradição com as ciências, pois “ensinavam uma moral imoral, baseada no medo do inferno, do purgatório e na esperança do paraíso” (Liévre apud Meireles). A conferencista concluía: “Assim, pode haver uma moral imoral. E, se essa moral estiver baseada numa religião, é a religião, por seu turno, a responsável por essa imoralidade”.

Nessa direção, continuava a desconstruir o posicionamento católico que combatia. E, com tal finalidade, apresentava o pensamento de Charles Richet sobre o assunto, quando este dizia que não se poderia ligar religião e moral. Já que pessoas sem religião ou pouco religiosas, poderiam ter “uma moralidade elevadíssima”. Segundo o autor, moralidade e religião só poderiam ser ligadas, no caso da existência de uma religião única, sem vozes discordantes, o que para Richet, seria difícil se levássemos em conta os três grandes blocos religiosos: budismo, islamismo e catolicismo. O autor pergunta: “E, mesmo nessas três grandes religiões, que quantidades de seitas antagônicas?” (Richet apud Meireles, 01/03/1932, p. 5).

O fechamento desta parte foi construído com um novo exemplo retirado do “Emílio”, onde ocorria um diálogo entre aluno e professor. Nessa conversação estabelecia-

se um jogo de palavras e valores morais sobre o que seria bem ou mal; proibições e castigos; mentira e verdade. O exemplo utilizado pela conferencista mostrava a dificuldade do professor para lidar com os questionamentos do aluno.



Página de Educação, Edição nº 619, 02/03/1932, página 6. Terceira parte da 3ª Conferência de Cecília Meireles na Liga Anticlerical. Acesso em 26/04/2013, endereço eletrônico: <http://memoria.bn.br/hdb/periodo.aspx>.

A partir do exemplo entre o bem e o mal, a conferencista passava, então, a atribuição dos valores que a escola leiga teria em relação aos seus adversários. Segundo Cecília Meireles, a escola leiga procuraria “isentar a criança de culpas”, garantindo-lhe um desenvolvimento harmonioso, numa atmosfera normal, sem falsidade. Para tanto, “a escola leiga acha desnecessária a lição de moral, não porque seja essa escola imoral ou amoral, mas porque já é preliminarmente moral, sem lições teóricas, pela prática constante, pelo estabelecimento de um meio que vai construindo, em lugar de ir corrigindo” (Meireles, 02/03/1932, p. 6).

E de forma irônica, afirmava que os adversários da escola leiga gostavam de discurso, para em seguida exemplificar a visão de moral deles:

“Não se deve mentir, meus filhos, não se deve matar, não se deve roubar, não se deve desejar a mulher do próximo, não se deve pecar contra a castidade, não se deve ceder à gula, não se deve desprezar pai e mãe.”

São discursos muito instrutivos: a criança fica sabendo que se mente, que se mata, que se rouba, etc (Meireles, 02/03/1932, p. 6).

Na sequência do seu pronunciamento a conferencista acentuava o tom das críticas, pois de forma direta construía o seu discurso desqualificando o outro. Deixava claro que aqueles que produziam tal discurso moralizante, na prática eram os mesmos que agiam de forma indevida (mentindo, roubando, matando etc) e depois buscavam “a fórmula da absolvição que põe a consciência em calma, para outras aventuras do mesmo gênero” (Meireles, 02/03/1932, p. 6).

Cecília Meireles insistia na contrariedade em relação a uma educação moral baseada em argumentos precários e sustentada por castigos e pancadas. Na opinião dela a criança ainda não teria o preparo necessário para o entendimento de questões relacionadas a realidade do mundo adulto. Nessa direção reafirmava:

Os castigos, desde os deste mundo, evidentes e terríveis, até os do inferno, felizmente mais problemáticos, são, para os partidários da moral-religiosa-católico-cristã, uma fórmula soberana de resolver os casos mais difíceis. Verdadeira panaceia, porque serve para tudo, em qualquer idade, aplicada seja por quem for, desde que o seja... com fé (Meireles, 02/03/1932, p. 6).

Na fundamentação do seu discurso Cecília Meireles utilizou exemplos de Claparède e de Gilbert Robin. Do primeiro aproveitou uma experiência objetiva, na qual ele perguntava aos seus alunos sobre a existência de uma janela em um corredor que eles passavam todos os dias. A conferencista destacava, então que não se tratavam de crianças, mas de adultos. A mostra dos resultados apresentava quarenta e quatro respostas falsas, no entanto, segundo ela “sem o intuito de mentir, está claro. Por erro de observação”. No entendimento de Cecília Meireles, se esta experiência fosse olhada de forma superficial estariam todos condenados (Meireles, 02/03/1932, p. 6).

Do segundo, Gilbert Robin, Cecília Meireles para além da concordância, amalgamava mais o seu posicionamento, pois o entrelaçava o seu pensamento com o que havia de mais novo a época, nos campos da pedagogia e da psicologia. Pois este autor, nas suas considerações, afirmava que se exigia a verdade de uma criança, mas esta vivia num mundo cercado de mentiras, falsidades e dissimulações usadas com intuito de obter a sua obediência. Nessa direção Gilbert Robin afirmava: “A criança que foi enganada aprende a enganar por imitação. Além disso, ela é constantemente irritada, humilhada e aprende a

guardar suas verdades para si. Não mente, dissimula, torna-se reservada” (Meireles, 02/03/1932, p. 6).



Página de Educação, Edição nº 621, 04/03/1932, página 6. Conclusão da 3ª Conferência de Cecília Meireles na Liga Anticlerical. Foto Professor Frota Pessoa. Acesso em 26/04/2013, endereço eletrônico: <http://memoria.bn.br/hdb/periodo.aspx>.

Na conclusão da Terceira Conferência, Cecília Meireles continuava o seu diálogo com Gilbert Robin, que pautara uma série de questionamentos sobre a criança que houvesse cometido um roubo. Exemplificava quais seriam estas perguntas:

Que idade tem? Só roubou uma vez? Que roubou? Em que condições? Que circunstâncias precederam esse ato? Preparou ela a situação ou agiu sem refletir? Sabia o que ia fazer e o que ia roubar? Trata-se de um ato refletido ou de um impulso? Esse impulso foi consciente ou inconsciente? A criança lembra-se do que fez? Que explicações dá? Desculpa-se? Não tem remorsos? Suas razões são mentirosas? Que coisas roubou? Dinheiro, gulodices, brinquedos, objetos preciosos, ornamentos ou coisas úteis? A quem roubou? Devolveu-o imediatamente? Guardou-o? Deu-o, dividiu-o, distribuiu-o? Não guardou nada para si? Por que rouba, afinal? Se roubou muitas vezes forma sempre as mesmas coisas? É colecionador? Não teria dissimulado outros roubos em algum esconderijo? Esse ou esses roubos são manifestações surpreendentes num caráter perfeito, sob todos os aspectos? Ou não são que um elemento a mais num conjunto de perversões? Se a doença subjacente é manifesta, obedece ela a conflitos psíquicos ou se declara de natureza organizada? (Robin apud Meireles, 04/03/1932, p. 6).

Estes questionamentos, segundo Robin, seriam necessários para que se pudesse conhecer a natureza da criança, pois dessa forma, depois do diagnóstico seria possível “decidir sobre medidas de educação e tratamento”. Ao trazer estes autores para a *Página de Educação* mostrava, Cecília Meireles buscava mostrar e fundamentar o debate contra os adversários da escola leiga. Segundo ela, “esse paciente trabalho de investigação” é que possibilitaria a melhoria da educação no trato com as crianças.

Já que os adversários acreditavam nos castigos e pancadas, nas proibições e no inferno para aqueles que cometessem faltas, como forma de recuperação. Sendo assim retomava o questionamento inicial: “Qual das duas escolas é a escola moral” (Meireles, 04/03/1932, p. 6).

Ao retomar o questionamento inicial, que foi a provocação motivadora das Conferências, Cecília Meireles desferiu os últimos “golpes” nos “detratores da escola leiga”, chamando atenção dos ouvintes/leitores para o “falso moralismo” dos opositores que, segundo ela, através da mentira e do cinismo não possibilitariam a formação ideal das crianças. Com intuito de qualificar mais o discurso que ela defendia, ratificava que a escola precisava utilizar o estudo dos psicólogos para não agir de forma preconceituosa.

Nessa perspectiva, Cecília Meireles concluía a Conferência, ratificando que a educação não poderia ser concebida de maneira arbitrária “com estes ou aqueles interesses, mas, ao contrário, é a fórmula de conduzir o indivíduo à posse perfeita de si mesmo, dentro de uma rigorosa isenção por parte dos que lhe oferecem essa oportunidade” (Meireles, 04/03/1932, p. 6).

A escola leiga não pode dizer como qualquer escola sectarista: só nós sabemos, só nós valemos, só nós somos.

Por isso, só a escola leiga prepara a paz. E ainda quando não fizesse mais, creio que estava nisso o maior elogio que uma instituição qualquer podia receber (Meireles, 04/03/1932, p. 6).

A “isenção” atribuída por Cecília Meireles à escola leiga servia como seu argumento de defesa para as acusações desferidas pelos “detratores”, de que essa escola seria “amoral, imoral ou antirreligiosa”. Nessa direção afirmava “que a escola leiga, sem servir a nenhuma religião, é a mais religiosa das escolas, porque serve a todas, fazendo-as igualmente respeitadas, ainda quando entra na apreciação dos seus próprios defeitos”.

2.3 – Por uma questão de ordem: Nóbrega da Cunha

Os bastidores dos embates acalorados na gestação do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova deixaram em evidência a cisão dos grupos e o jogo de interesses na busca pelo poder. Num dos polos encontramos os intelectuais de orientação católica e, no outro polo, os reformadores liberais. Este grupo, mesmo com a liderança de Fernando de Azevedo e os aportes teóricos de Anísio Teixeira, a cada lance do jogo, trazia para a cena mais um ator. Se nas Conferências da Liga Anticlerical, o protagonismo foi assumido por Cecília Meireles, na realização da IV Conferência esse lugar passa a ser ocupado por Nóbrega da Cunha, em mais uma ação estratégica dos reformadores.

Carlos Alberto Nóbrega da Cunha nasceu em Dorandia, Estado do Rio de Janeiro, em 1897, filho de Celestino Gomes da Cunha e Leocádia Nóbrega da Cunha. Desenvolveu sua vida profissional na cidade do Rio de Janeiro, onde desempenhou atividades na área do magistério e do jornalismo, falecendo no Rio de Janeiro, em 11 de agosto de 1974, aos 77 anos (Rocha, 2002, p. 213).

A vida de Nóbrega da Cunha misturou-se com os fatos marcantes que envolveram o campo educacional brasileiro na conturbada década de 1930. Ele aproximou-se da educação no período da gestão de Fernando de Azevedo na Direção-Geral da Instrução Pública do Distrito Federal (1927-1930), momento em que estreitaram laços de amizade e colaboração. A sua participação foi destacada na IV Conferência Nacional de Educação quando obstruiu a pauta e criou as condições para que Fernando de Azevedo tomasse a direção e pudesse redigir o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, do qual foi um dos signatários (Rocha, 2002, p. 213).

No ano de 1932, assumiu a Diretoria de Instrução Pública do Estado Rio de Janeiro, no Governo do Interventor Ari Parreiras. Na gestão de Gustavo Capanema no Ministério de educação e Saúde, dirigiu o Departamento de Ensino Primário. Foi Membro da Associação Brasileira de Imprensa (ABI) desde 1930 e da Associação Brasileira de Educação (ABE), desde 1928 (Rocha, 2002, p. 213).

Atuou como professor do Conservatório Nacional de Teatro e depois da Escola Nacional de Teatro. Nóbrega da Cunha dedicou-se ao estudo do folclore nacional e articulou proposta no VI Congresso da ABE para a criação dos museus de arte popular.

Assinou o Manifesto dos Educadores Democratas em Defesa do Ensino Público, manifesto novamente redigido por Fernando de Azevedo, no ano de 1959 (Rocha, 2002, p. 213).

Estas asserções feitas em torno da mistura da vida de Nóbrega da Cunha com os fatos marcantes do nosso recorte temporal se entrelaçam na mesma rede de sociabilidade de Cecília Meireles. Nessa direção, no ano de 1930, Nóbrega da Cunha fundou o *Diário de Notícias* e convidou Cecília Meireles para dirigir a *Página de Educação*. Dessa forma interligamos os nossos atores num ponto comum a causa educacional e a sua modernização, que no Distrito Federal tomara novo impulso a partir da Reforma de 1927-1930. Todos estes atores poderão ser vistos nas páginas do periódico *Diário de Notícias*, no período da realização da IV Conferência Nacional de Educação e ao longo da editoria de Cecília Meireles que reproduzimos e comentamos a seguir.

Assim, o clima instaurado no contexto da IV Conferência Nacional de Educação, realizada em dezembro de 1931, no Rio de Janeiro, que propiciou a elaboração do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova foi conturbado. Segundo Pagni, os documentos e atas dessa conferência não foram publicados, deixando dúvidas sobre os projetos aprovados e “se a proposta de elaboração do Manifesto de 1932 foi encaminhada”. O que circulou enquanto informação sobre os fatos ocorridos tem como referência para a História da Educação o livro *A Revolução e a Educação*²⁴, de Nóbrega da Cunha. Sobre o livro, assim o analisa Rocha:

O livro de Nóbrega da Cunha, *A Revolução e a Educação*, não é apenas um retrato do que se passou na IV Conferência. Nóbrega, nesta obra, não apenas repete a crítica que fizera à conferência de abertura, do ministro Francisco Campos, como também discute todas as conferências dos “guias” do evento: a de Fernando de Magalhães, presidente da conferência; a de Miguel Couto, convidado por Magalhães como “expoente máximo da ciência brasileira”; a de Carneiro Leão, que preside a ABE no período. Todas submete a uma crítica impiedosa, acentuando o comprometimento delas com uma visão de educação que não abre espaço para o reconhecimento das diferenças. Vale dizer, nos termos utilizados por Nóbrega, todos são discursos preocupados em estabelecer “a imagem do homem pela educação”, à semelhança de Francisco Campos, quando não “destinada a encaminhar a assembleia em linha reta para o ensino religioso”, como o de Fernando de Magalhães. Eis o antagonismo básico de Nóbrega da Cunha. Nesse sentido, afirmamos que a crítica de Nóbrega da Cunha é abrangente. Ela se contrapõe aos modelos educacionais previamente concebidos. Não se trata apenas de uma proposta de pedagogia ativa, que respeita individualidades, pois também Francisco Campos é tido, ao tempo, como um educador de inspiração escolanovista (2003, p. 24).

²⁴ Cf. CUNHA, Nóbrega da. *A Revolução e a Educação*. Brasília: Plano Editora, 2003.

Conforme Rocha, a crítica de Nóbrega da Cunha ultrapassava as questões estritamente pedagógicas e propunha “um ideal alternativo, em diálogo com a diversidade”. Essa crítica estava endereçada a “políticas e ideologias modernizantes de imposição cultural” com modelos prontos e acabados. O movimento instaurado por Nóbrega da Cunha que lhe valeu felicitações de Fernando de Azevedo, numa carta datada de 24 de dezembro de 1931, portanto no calor da conferência, pois Fernando de Azevedo não havia confirmado presença no evento, mas assim se pronunciou:

Não quero concluir sem o felicitar novamente pelo seu discurso e pela sua petição que me transmitiu por telefone e acabo de ler no Diário de Notícias. A habilidade e a destreza com que aproveitou os dois discursos inaugurais, do Chefe do Governo Provisório e do Ministro da Educação não me surpreenderam mais do que a sua palavra persuasiva, de uma dialética irretorquível, que se desenvolvia tranquilamente, sem pressa de chegar ao desfecho... O rigor lógico com que articulou as diversas peças desses discursos, a firmeza dos termos em que colocou a questão e a argumentação, clara e contundente como uma lâmina – e tudo isso sem aparato e sem ênfase -, dão ao discurso e ao requerimento uma força, autoridade e eficácia que não admira terem deixado inteiramente desarmada a maioria da assembleia de V. acabou forçando a reconhecer-se incapaz de traçar uma nova política educacional (Azevedo apud Cunha, 2003, p. 10).

Reproduzimos abaixo o *Diário de Notícias* e a *Página de Educação*, na ordem cronológica, para que se possa propiciar um mergulho do leitor contemporâneo no “clima instaurado” para a realização da IV Conferência Nacional de Educação.



Página de Educação, Edição nº 541, 13/12/1931, página 7 e 8. IV Conferência Nacional de Educação. Acesso em 26/04/2013, endereço eletrônico: <http://memoria.bn.br/hdb/periodo.aspx>.

O periódico deu grande destaque e ampla cobertura ao evento e realçou as teses que seriam discutidas na Conferência, as quais reproduzimos abaixo:

Muitas serão as teses discutidas neste Congresso. Dentre elas destacam-se as seguintes que deverão obedecer a um tema geral: “As grandes diretrizes da educação popular”

- 1- Como deverá a futura Constituição brasileira outorgar à união, dentro das prescrições consagradas pela pedagogia moderna, a faculdade de intervir na difusão do ensino primário, base indiscutível da prosperidade imediata do país?
- 2- Como organizar, na capital e nos Estados, o ensino profissional de forma a garantir (sem transformar as oficinas em meros departamentos industriais) a inteira profissão de trabalho escolar, elemento criador da riqueza futura da Nação?
- 3- Como estabelecer o ensino normal, em seus vários graus, fator decisivo na educação dos povos que encontram na ascendência moral e intelectual dos mestres a força emancipadora das nacionalidades verdadeiramente constituídas?
- 4- Como se devem constituir os padrões brasileiros para as estatísticas do ensino, tanto particular como oficial, em todos os seus ramos?
- 5- Que registros devem ser criados, em que moldes e em que condições, para que as estatísticas escolares brasileiras possam ser levantadas nas requeridas condições de compreensão, veracidade e rapidez?
- 6- Que bases são aconselháveis para um convenio entre a União e as unidades políticas do país afim de que as nossas estatísticas escolares se organizem e se divulguem com a necessária oportunidade e perfeita uniformidade de modelos e resultados, em publicações de detalhe e de conjunto, ficando aquelas a cargo dos

Estados, do Distrito Federal e do Território do Acre e cabendo as segundas a iniciativa federal? (Diário de Notícias, 13/12/1931, p. 7-8).

No dia 14 de dezembro de 1931, O diário de Notícias em sua primeira página, fazia um balanço do primeiro dia de trabalhos e deixava a abertura que propiciou a intervenção política e habilidosa de Nóbrega da Cunha.



1ª página do Diário de Notícias, Edição nº 542, 14/12/1931. Instalação da IV Conferência Nacional de Educação. Acesso em 26/04/2013, endereço eletrônico: <http://memoria.bn.br/hdb/periodo.aspx>.

Reproduzimos abaixo a matéria do jornal:

Foi instalada a 4ª Conferência Nacional de Educação com a presença de quase todos os delegados oficiais e dos representantes das associações do magistério. A mesa foi presidida pelo Sr. Getúlio Vargas, chefe do Governo Provisório.

Destacamos a seguir os discursos dos participantes da mesa:

O Sr. Francisco de Campos discorreu acerca da importância da educação no mundo moderno e das finalidades a que deve obedecer a obra educacional. Porém, não firmou doutrina, nem travou nenhum rumo. Apontou várias finalidades, mostrou diversos rumos a que pode obedecer a educação, sem, todavia, sugerir a aceitação.

Já o professor Fernando Magalhães, fez um discurso puramente literário, considerado uma verdadeira “oração cívica”, sendo bastante ovacionado.

O professor Carneiro Leão comentou as várias teses do programa, abordou a finalidade da educação e apresentou a seguinte fórmula, considerada bastante vaga “A finalidade da educação é aquela que, dentro das tendências atuais da civilização, corresponda às aspirações e aos ideais do nosso povo”. Em seguida falou o Sr Arthur Marinho interpretando o pensamento dos delegados dos Estados.

Dando prosseguimento, teve a palavra o professor Miguel Couto, que figurava no programa para fazer uma conferência sobre as grandes diretrizes. Não formulou

diretrizes, mas apresentou alguns alvites sobre a maneira de a União intervir no problema do ensino primário. Depois de discutir a questão constitucional e de mostrar que, pelo menos agora, depois da revolução, não pode mais ter cabimento o ponto de vista segundo o qual a competência do poder federal estava limitada ao ensino secundário e superior, o professor evidenciou a necessidade de a nova Constituição atribuir explicitamente à União o dever de colaborar com as unidades federativas no sentido mais amplo e eficiente cultura popular. A parte mais interessante do seu discurso foi sobre o aspecto financeiro, quando relembrou a antiga proposta, segundo a qual todas as receitas do imposto sobre a renda deveria ser destinada exclusivamente à educação, além de outros recursos provenientes dos impostos sobre bebidas alcoólicas e o quanto outros pudesse o governo obter para essa grande obra. O professor apresentou também a ideia da criação de grandes internatos, onde haveria um curso primário de sete anos para as crianças trazidas do interior, de ambos os sexos. Explanou que achava a alfabetização ser suficiente, mas que naquele momento julgou indispensável a “educação”, e chegou a pensar no período de 8 anos para o curso. Terminou seu discurso repetindo o seu grito de alarme e de protesto: “A ignorância está estrangulando o Brasil!”.

O chefe do governo Getúlio Vargas que havia comparecido apenas para presidir, sem a intenção de usar a palavra, improvisou uma fala, demonstrando haver compreendido a magnitude do problema e a responsabilidade do governo. Fez um apelo aos congressistas pedindo-lhes que encontrassem a “**formula feliz**” para o Governo Provisório a transformar em realidade (Diário de Notícias, 14/12/1931, p. 1).

A manobra urdida por Nóbrega da Cunha que lhe valeu a felicitação de Fernando de Azevedo partiu das falhas discursivas do Presidente Getúlio Vargas e do Ministro Francisco Campos, pois o Governo Provisório havia solicitado uma “política educacional” que servisse de base à política pública para o setor, com a questão proposta por Nóbrega da Cunha, a proposta ficaria para V Conferência.

A cobertura do periódico continuava trazendo a tona os acontecimentos e os fatos que ocorriam na IV Conferência. No dia 16 de dezembro de 1931, trazia a imagem de um dos “alvos” mais atacado por Cecília Meireles e o grupo reformador, por ter assinado o decreto que facultava o ensino religioso.



1ª página do Diário de Notícias, Edição nº 544, 16/12/1931. IV Conferência Nacional de Educação, caricatura do Ministro Francisco Campos. Acesso em 26/04/2013, endereço eletrônico: <http://memoria.bn.br/hdb/periodo.aspx>.

A caricatura do Ministro Francisco Campos, no centro da primeira página do jornal, com maquiagem de palhaço e sob a manchete: “A 4ª Conferência Nacional de Educação, colocada num dilema, acaba de constatar que o Governo Provisório ainda não conseguiu formular o ”sentido pedagógico” da Revolução”, mostrava como a manobra de Nóbrega da Cunha surtira efeito, pois com a sua intervenção e o impasse criado, permitiria ao grupo de intelectuais que ele representava ganhar tempo para ter a hegemonia sobre as decisões que envolvessem a educação no país.

Esse foi o momento culminante dos debates iniciados no interior da Associação Brasileira de Educação (ABE) entre os educadores conservadores, predominantemente católicos, e os renovadores “que reunia educadores de perfil liberal” (Xavier, 2002, p. 16). O impasse criado por Nóbrega da Cunha, que gerou o livro *A Educação e a Revolução*, foi amplamente divulgado pelo Diário de Notícias. A cobertura buscava mostrar a inabilidade no que tangia ao trato do Governo Provisório acerca das questões educacionais, o que os

desqualificaria diante dos leitores do jornal, para operar as mudanças no campo educacional. Reproduzimos abaixo a primeira página do jornal, do dia 17 de dezembro de 1931, onde se via a foto de Anísio Teixeira e destacamos o comentário de um delegado cearense sobre o andamento da IV Conferência.



1ª página do Diário de Notícias, Edição nº 545, 17/12/1931. IV Conferência Nacional de Educação destaque para foto de Anísio Teixeira. Acesso em 26/04/2013, endereço eletrônico: <http://memoria.bn.br/hdb/periodo.aspx>.

O destaque da 1ª página informava o quadro caótico instaurado na Conferência. Informava a matéria:

O delegado cearense chegou, assim, e, talvez, sem o perceber, a proclamar a inutilidade da conferência, na questão das diretrizes educacionais, e, portanto, confirmar a “preliminar” do Sr. Nóbrega da Cunha, segundo a qual a conferência não podia resolver o problema proposto pelo governo à sua alta sabedoria Pedagógica (Diário de Notícias, 17/12/1931, p.1).

No entendimento de Pagni (2000, p. 67), a argumentação de Nóbrega da Cunha de que o “manifesto teria emergido da ausência de uma filosofia e política de educação” por parte do governo e da incapacidade de formulação dos órgãos responsáveis foi a versão que

acabou sendo consagrada, desconsiderando o poder do governo e do grupo dos educadores católicos. Entretanto de acordo com Marta Maria Chagas de Carvalho:

Esta versão tende a subestimar as relações entre o grupo então hegemônico no Departamento carioca da ABE e o Governo Provisório. Ela consagra a interpretação que Nóbrega da Cunha fez prevalecer na Conferência como estratégia para abrir espaço político para o lançamento do Manifesto. Esta estratégia incluía a minimização do adversário. Eficiente no contexto em que foi articulada, a subestimação do poder e da organização do grupo mais conservador ainda sediado na ABE tende a obscurecer – se alçada a elemento constitutivo de uma avaliação da força política dos grupos em luta – relações e alianças já sedimentadas ou em efetuação entre aquele grupo e o Governo Provisório. Não é possível subestimar o fato de que este Governo vinha sendo sensibilizado pelas manifestações organizadas por D. Leme. Nem tampouco – fato pouco registrado – que Fernando Magalhães foi o orador oficial do Laicato católico na inauguração do Cristo Redentor e que ele foi indicado para a reitoria da Universidade do Rio de Janeiro (Carvalho apud Pagni, 2000, p. 68).

A partir da manobra de Nóbrega da Cunha, que adiou para V Conferência a solicitação do Governo Provisório, o grupo dos reformadores foi mobilizado para atender as solicitações e buscar o controle dos projetos educacionais. Sobre esse momento, assim se posiciona Xavier:

A gênese do Manifesto ocorreu em um momento de redefinição do campo educacional como área de política setorial do Estado nacional e também como espaço de atuação de uma fração da elite intelectual. Fez parte desse processo a consolidação da identidade do grupo de educadores que, a partir da publicação do Manifesto, tornaram-se conhecidos como os *pioneiros da Educação Nova*. (2002, p.15) (Grifo da autora)

Finalizada a IV Conferência Nacional de Educação e as Conferências de Cecília Meireles na Liga Anticlerical, o novo passo do *grupo dos Pioneiros da Educação Nova* foi efetivamente produzir o documento que expusesse as ideias e os ideais para *reconstrução educacional do país*. Essa tarefa foi delegada a Fernando de Azevedo que ficou encarregado de agregar os conceitos da escola nova que atendessem a expectativa de reconstruir a educação do país.

Em correspondência enviada a Frota Pessoa, em 22 de fevereiro de 1932, Fernando de Azevedo informava o andamento da redação do Manifesto e que o mesmo já estava concluído:

O manifesto já está concluído: pensei nele desde dezembro, para começar a escrevê-lo há uns dias atrás, depois de bem amadurecidas as ideias. Escrevi-o em menos de 5 dias, sem suspender ou interromper minhas ocupações habituais. Li-o em reserva ao Venâncio, que aqui esteve e que me disse, depois de manifestar sua impressão muito afável e generosa, estar disposto a assiná-lo sem restrições. Ainda não havia revisto esse trabalho, que estava como ficara no primeiro jato de tinta. Ele deve dar uma página do *Jornal do Comércio* e meia no *Diário de Notícias* (Azevedo apud Pagni, 2000, p. 79).

Depois de pronto o documento e aceito sem ressalvas por Venâncio Filho. Foi sendo consultado Hermes de Lima, Anísio Teixeira, Carneiro Leão, Afrânio Peixoto ente outros. Fernando de Azevedo assumia que mesmo que a redação tenha sido feita por ele, “mereceu a aprovação de todos sem restrição” (Azevedo apud Pagni, 2000, p. 80). No que concernia à escolha dos signatários assim se posicionou Xavier:

Por outro lado, a seleção dos intelectuais convidados a assinar o Manifesto se não foi feita de maneira aleatória, também não seguiu um critério rígido. Foram selecionados para a composição do grupo alguns signatários que poderiam contribuir para a divulgação do Manifesto, em especial, jornalistas. Assim, o grupo era composto por seis jornalistas entre eles: Cecília Meirelles, que dirigia a página de Educação do Diário de Notícias do Rio de Janeiro, e Júlio de Mesquita Filho, que dirigia o jornal. *O Estado de São Paulo*. Contou também com Roquete Pinto que foi fundador da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro (2002, p. 29).

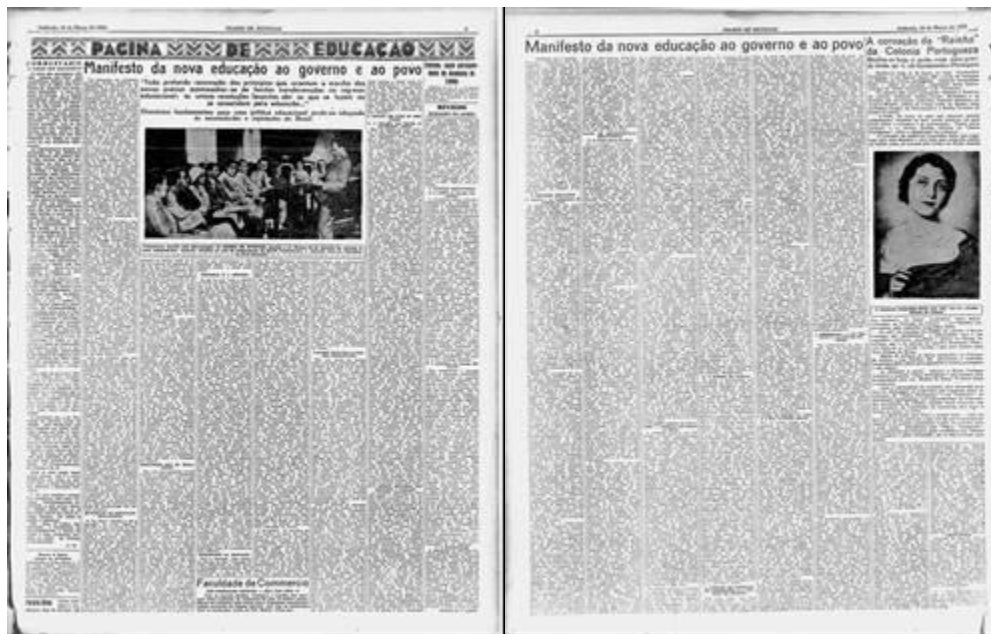
Entretanto para comprovar que o trabalho era grupal em carta escrita a Frota Pessoa, em 14 de março de 1932, assim Fernando de Azevedo se posicionava:

Esqueçamo-nos de quem o escreveu. A um de nós cabia redigi-lo. Coube a mim esse trabalho, de que eu gostaria que me tivessem dispensado. As ideias, porém, são comuns, são de todos nós, que o assinamos. Eu tive o cuidado, como viu, de reunir em sistema essas ideias e de fazer refletir nele os ideais e as aspirações comuns (Azevedo apud Pagni, 2000, p. 80).

Os preparativos para o lançamento do Manifesto ainda estavam em curso e na véspera da publicação do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, a *Página de Educação* anunciava o lançamento do livro *A Revolução e a educação*, de Nóbrega da Cunha, resultante dos questionamentos oriundos na IV Conferência Nacional de Educação, em dezembro de 1931. Os Pioneiros colocavam as cartas na mesa. Qual seria a próxima cartada?

2.4 - O lançamento do *Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova*

Por isso, um manifesto repleto de admiráveis conceitos pode não ter, na verdade, um valor preciso e certo: ele depende dos que o subscrevem, das personalidades que por ele se responsabilizam, das vidas postas ao seu serviço, com o contingente de sinceridade que todos devem possuir seja qual for a natureza de contribuição que apresentem (Meireles, 19/03/1932,. P. 5).



Página de Educação, Edição nº 636, 19/03/1932. Acesso em 26/04/2013, página 5 e 6. endereço eletrônico: <http://memoria.bn.br/hdb/periodo.aspx>.

A imagem da *Página de Educação* transformou-se em mais um documento de comprovação de um marco divisor de águas nos projetos educacionais do país. O esforço de um grupo de intelectuais intitulados Pioneiros da Educação Nova atingia o seu intento e deixava seus nomes inscritos na História da Educação brasileira. Além do *Diário de Notícias*, no Rio de Janeiro, que o publicou no dia 19 de março de 1932, outros jornais o publicaram integralmente ou comentado. Foi o caso de do jornal *O Estado de São Paulo*, no dia 22 de março de 1932, em São Paulo; da *Folha da Manhã*, dia 23 de março de 1932, em São Paulo e do periódico *O Jornal*, no dia 7 de março, no Rio de Janeiro (Azevedo apud Pagni, 2000, p. 83).



Instantaneo tomado pelo photographo do DIARIO DE NOTICIAS, quando o sr. Fernan do de Azevedo lia, perante os seus companheiros carlocas, reunidos na sala da Congregaçao da Escola Polytechnica, a redacção final do "Manifesto da Nova Educaçao"

Página de Educação, Edição nº 636, 19/03/1932. Acesso em 26/04/2013, página 5. endereço eletrônico: <http://memoria.bn.br/hdb/periodo.aspx>

A foto publicada no *Diário de Notícias*, no mesmo dia do lançamento do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, apresentava alguns detalhes que denotavam o espírito das mudanças que eles acreditavam. O despojamento de Fernando de Azevedo enquanto efetuava a leitura do documento, o sorriso estampado no rosto de Cecília Meireles, de sorte que certo ar de missão cumprida pairava no ambiente, era o indício de que haviam conseguido atingir um novo patamar.

O documento lançado na imprensa apresentava um subtítulo muito sugestivo, onde se lia: *A Reconstrução Nacional ao Povo e ao Governo*. Nas palavras de Camara:

O Manifesto visou eleger seus possíveis interlocutores marcando a ideia de que a proposta que ora apresentavam pretendia promover a reconstrução da educação que enfeixava como elemento articulador o Estado e o povo como elos fundamentais desta nova política que pretendiam instaurar (2003, p. 37).

Entretanto pairava uma desconfiança. Concordamos com Camara quando faz os questionamentos referentes ao povo:

Poderíamos nos perguntar como aparecia definido no Manifesto a figura do povo? A que e a quem fazia referência? Quem seria o povo num país marcado pela grande chaga do analfabetismo? Entre o povo e o leitor dos jornais da época em que o Manifesto foi publicado e o povo ao qual o mesmo fazia alusão existiam profundas diferenças sociais (2003, p. 37).

No que concernia a sua estrutura o Manifesto, tanto na sua versão para o jornal e na que foi publicada em livro, em julho de 1932, era dividido em doze partes, “trazendo as concepções e as pretensões dos educadores quanto à política educacional que pretendiam implementar no país” (Camara, 2003, p. 38). Segundo Xavier, o texto operava com a noção de contraste, ou seja, passado e presente, velho e novo, tradicional e moderno (2002, p. 39).

Assim na sua estrutura geral o Manifesto buscava contemplar a educação da forma mais abrangente possível. Nessa direção o documento apontava caminhos que acreditavam necessários para reconstrução, como: criação de um sistema completo de educação, com uma estrutura orgânica e sintonizada com as necessidades da sociedade brasileira: a educação seria considerada função social; organização da escola secundária (de 6 anos) com finalidade social, de estilo flexível; desenvolvimento da educação técnico-profissional de nível secundário e superior; criação de universidades organizadas para exercer sua tríplice função: criar a ciência, transmiti-la e vulgarizá-la, entre outros objetivos (Nunes, 2003, p. 48-50).

O caráter de novidade do Manifesto publicizado pelo grupo dos pioneiros, no entendimento de Xavier, deve ser entendido “dentro da rede de relações tecidas no contexto em que viveram”. Assim como o Manifesto não apresentava caráter revolucionário, pois não rompia com o autoritarismo, a “modernização pelo alto” e os intelectuais como condutores das massas concepções vigentes a época (2002, p. 73).

Lançado o Manifesto na imprensa, como transformar essas mudanças propostas em política educacional pública? Quem dará as cartas para o jogo do poder de agora em diante? Façamos as apostas...

2.5 - O Manifesto e as discussões na imprensa

Na mesma página que o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova foi publicado, Cecília Meireles na sua coluna *Comentário*, do dia 19 de março de 1932, mais uma vez, de forma clara e incisiva, assim se posicionava:

O valor dos manifestos não está apenas nas ideias que apresentam. Somos, em geral, gente rica de ideias, com sutilezas de engenho que causariam admiração a uma boa parte do mundo se a língua portuguesa não tivesse ainda limites tão injustos de expansão. Se não temos o pensamento elaborado e sistematizado de outros povos, possuímos alguma coisa igualmente preciosa: o poder do pensamento nascente, que se vai levantando das energias profundas da raça para a luta das experiências que lhe irão traçando no tempo os caminhos da sua definitiva afirmação (Diário de Notícias, 19/03/1932, p. 5).

O texto seguia a direção do acaloramento dos debates e a necessidade de referendar e qualificar o grupo de signatários do Manifesto. Cecília Meireles destacava a necessidade de que a obra educacional fosse pensada por intelectuais capazes e competentes. No seu entendimento “talentos próprios”, “especializações técnicas”, “inteligência e prestígio autênticos”, “responsabilidade e lealdade para com a vida”, deveriam fazer parte da formação dos que se responsabilizassem por assumir as mudanças para a implantação da educação nova (Diário de Notícias, 19/03/1932, p. 5).

Na construção do seu discurso Cecília Meireles, nesse momento crucial dos embates, utilizava um vocabulário duro e objetivo. Palavras como “inflexibilidade”, “obstáculos e tentações”, “intransigência nas certezas”, “firmeza estoica”, “luta”, permeavam o texto, pois tencionava a cronista persuadir os leitores da importância do Manifesto. Nessa direção afirmava:

Uma obra de educação tentada à altura deste momento, com as diretrizes indispensáveis para um êxito verdadeiro, tem de assentar não apenas no programa que a define, mas no compromisso de honra daqueles que, por ela, empenham na sua simples assinatura, a sua própria vida, como num juramento (Diário de Notícias, 19/03/1932, p. 5).

A liderança de Fernando de Azevedo é reafirmada, mas não somente isso, a cronista afirma que o Manifesto foi redigido por ele, mas afiançado pelo grupo de intelectuais signatários que seriam “uma garantia de trabalho, de invulnerabilidade, de lucidez e de fé”. Nas palavras de Cecília Meireles esse grupo era talhado para a “ação heroica” era o mais “preparado” para desenvolver o projeto educacional. E concluía: “Por mim, só tenho, sem discussão, a consciência da responsabilidade, o desejo da ação e uma confiança perfeita no poder da vontade desinteressada” (Diário de Notícias, 19/03/1932, p. 5).

No dia seguinte ao lançamento do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, 20 de março de 1932, Cecília Meireles trazia novamente para a pauta dos debates a preocupação com as informações que seriam publicizadas e discutidas nos periódicos. O

título do *Comentário* não deixa margem para ambiguidade: *A função educativa da imprensa*.

A palavra *Educação*, já estampada no título da *Página*, ganha novo colorido ao ser associada à imprensa, que segundo ela necessitaria de *especialistas* para tratar dos assuntos na tribuna de debates que se transformara a imprensa, dessa forma não haveria espaço para quem não entendesse do que se propusesse a escrever. E afirmava:

Certo, seria de uma oportunidade extraordinária que todos os jornais brasileiros pudessem dispor de um redator especializado, pelo menos familiarizado com os assuntos educacionais – que nada tem a ver está claro, com as simples informações escolares, mas que até mesmo nesse caso, de aparência tão simples, exigem critérios próprios de julgamento, coerência, atenção às diretrizes do problema, honestidade, inteligência, visão (Diário de Notícias, 20/03/1932, p. 14).

Cecília Meireles prosseguia no seu discurso, buscando contrastar os que não tinham o que dizer e que, por isso, propalavam equívocos e injustiças e apontava a “desorientação reinante e assombrosa, no terreno educacional, como em quase todos os outros”. Respeitava, segundo ela, as críticas sinceras e bem intencionadas, pois essas, mesmo erradas, quando enfrentadas por uma crítica verdadeira seria vencida. Podemos observar no jogo de palavras da cronista a disposição pela defesa de seus ideais e a busca da verdade, que ela defendia.

Chamava atenção para o erro e para a confusão de opiniões. Quanto ao erro, cometido de propósito, destacava que geraria contradições que afetariam o entendimento do povo. No que concernia à confusão, classificava-a como um “mal”, mas que poderia ser dividida em involuntária, que poderia ser esclarecida “por si mesma. Pela reflexão. Por um ato de respeito para com a própria vida”. Parece-nos que no dia seguinte da publicação do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, Cecília Meireles já sinalizava contra os “detratores da escola nova” e as suas intenções, quando afirmava:

Quanto à confusão voluntária, essa dificilmente tem remédio. Agem por detrás d’ela forças obscuras e obstinadas, que são na verdade a resistência que a vida parece colocar de propósito em todos os grandes caminhos, para aqueles que o atravessam provarem que são capazes, pela possibilidade de as suportarem, e irem além (Diário de Notícias, 20/03/1932, p. 14).

A preocupação de Cecília Meireles e do grupo de intelectuais do qual ela era integrante a partir desse ponto mudaria. Como os destinatários do Manifesto o receberiam?

Como as peças do jogo da estratégia montada até o lançamento do Manifesto seriam mexidas? Pois o intento inicial já se corporificava. Segundo Xavier,

como todo e qualquer manifesto, seu objetivo intrínseco era gerar repercussão, causar impacto. Ao lançar ideias *novas* e clarear posições políticas o Manifesto estimulou o debate educacional fundamentando certas correntes de opinião e procurando neutralizar outras. Nesse sentido, o Manifesto teria introduzido um novo temário ao debate educacional com base na defesa da escola pública, obrigatória, gratuita e leiga, e da co-educação (2002, p.30).

A repercussão negativa do Manifesto encontrou seu ponto de segurança nos educadores católicos abancados no Centro Dom Vital e tendo como elemento difusor das suas críticas, a revista *A Ordem*. Esses intelectuais ligados à hierarquia católica apresentavam como alvos além do documento, os dois líderes do grupo reformador: Fernando de Azevedo e Anísio Teixeira (Xavier, 2002, p. 31).

Entre os críticos mais contundentes do Manifesto, um nome foi destacado: Tristão de Athayde. Nas palavras de Xavier:

Entre os críticos católicos a repercussão seguia outro rumo. Tristão de Athayde, um dos mais brilhantes defensores dos interesses do grupo católico, acusava o Manifesto de ser *anticristão* por negar a supremacia da finalidade espiritual; *antinacional*, pois desprezava a tradição religiosa do povo brasileiro; *antiliberal* porque baseado no que Athayde chamou de *absolutismo pedagógico do Estado* e na negação da liberdade de ensino. Acrescentava ainda que o Manifesto era *anti-humano*, pois desconhecia a natureza superior do homem, subordinando-o a uma finalidade apenas material e biológica. Por fim, o Manifesto era sim, *anticatólico*, pois pretendia impedir a Igreja de exercer qualquer intervenção pública na educação dos crentes (2002, p.33).

A publicação do Manifesto foi uma vitória parcial. Os “detratores” do escolanovismo eram estruturados e sabiam como atuar junto ao poder público. A disputa passou a ficar mais acirrada no segundo semestre de 1932. No discurso de Cecília Meireles os sinais de cansaço começam a aparecer. O grupo necessitava de novas cartas para prosseguir no jogo.

3 - A PÁGINA DE EDUCAÇÃO: ECOS E SILÊNCIOS NA DESPEDIDA DE CECÍLIA MEIRELES

3.1 – A saída de Nóbrega da cunha do *Diário de Notícias*: indícios do fim?

A 1ª página do jornal *Diário de Notícias*, que trazia com grande destaque “o momento nacional” e as fotos dos ministros Hermenegildo de Barros, Plínio Casado, Eduardo Espinola e do ministro Soriano de Souza e do Interventor Magalhães Barata, trazia também uma ilustração com o busto de Nóbrega da Cunha.

O título de “Prestação de contas à opinião pública” e o posicionamento do ex-diretor do jornal na mesma página dos ministros, sinalizava, mesmo com a sua saída o jogo de forças que ainda se mantinha no desenrolar do processo revolucionário. Temos como hipótese para a sua saída às pressões após o lançamento do seu livro “A Educação e a Revolução”, bem como o lançamento do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova.

Não podemos deixar de discutir a sua saída do jornal, pois foi através de seu convite que Cecília Meireles assumiu a *Página de Educação*. Nóbrega da Cunha fazia parte dos signatários do Manifesto, mas também integrava junto com Fernando de Azevedo, Anísio Teixeira, Lourenço Filho, Frota Pessoa, além de outros intelectuais, a rede de sociabilidade da editora da *Página de Educação*.

Segundo a nota que introduz a sua “prestação de contas”, podemos ler:

Nóbrega da Cunha deixou ontem o posto de diretor que vinha ocupando com dedicação e brilho desde o aparecimento do *Diário de Notícias*. Motivos de ordem **impessoal** (grifo nosso) e a necessidade de um longo repouso obrigaram o nosso companheiro a afastar-se, a nosso pesar, desta casa, a qual, durante quase dois anos ininterruptos, teve um orientador seguro e um colaborador insubstituível (*Diário de Notícias*. 02.04.1932, p. 1).

Nas suas “Palavras de despedida”, Nóbrega da Cunha iniciava discorrendo sobre a importância de ter guiado um órgão da imprensa livre para a população e por isso fazia referência “aos leitores”, “aos amigos de luta” e aos “imperativos da ética profissional”. Ele considerava que: “na sua verdadeira expressão, o jornalismo é um serviço social e da coletividade, cujo desempenho cumpre ao povo, como árbitro supremo conhecer e julgar em última instância” (*Diário de Notícias*, 02.04.1932, p. 1).



Diário de Notícias– Edição nº 650 – 02/04/1932. Páginas 1 e 4. Acesso em 25/05/2013, endereço eletrônico: <http://memoria.bn.br/hdb/periodo.aspx>.

Continuava o seu texto mostrando a importância do jornal, como um elemento capaz de refletir a efemeridade do mundo moderno e da influência que poderia ter na “grande massa de público”. Possibilitando-lhe de forma confortável o acesso a anúncios e informações por um preço muito baixo, sem que soubesse do ato de “heroísmo” que era produzir o jornal todos os dias. Por ter se firmado no período revolucionário, destaca a importância que o Diário de Notícias deu a causa educacional,

rasgando um horizonte largo para o futuro do Brasil, tanto pela maneira exata com que o situou no seu justo valor, quanto pela intransigência com que enfrenta, desde o primeiro dia, a resistência inerte e tremenda da rotina e as perniciosas conjurações das forças interesseiras (Diário de Notícias, 02/04/1932, p. 4).

Segundo Nóbrega da Cunha, a existência do jornal era o somatório dos elementos materiais e intelectuais e, essa soma, possibilitaria à humanidade a harmonia. O jornalista aponta para o período de crise, no qual o jornal foi criado, de um lado a campanha liberal e de outro, a “hipertrofia dos poderes oligárquicos” (Diário de Notícias, 02/04/1932, p. 4).

A saída de Nóbrega da Cunha não encerra a disputa entre o grupo dos reformadores e o grupo dos católicos. O segundo semestre do ano de 1932 foi marcado pelas

repercussões acerca do Manifesto e os ataques dos católicos ao grupo dos reformadores. Esse embate prosseguiu até a V Conferência Nacional de Educação, realizada em Niterói, Rio de Janeiro, em dezembro de 1932. Em plena Conferência a realização de um almoço ratificava a posição de luta dos reformadores: retomava a luta o cearense Frota Pessoa.

3.2 – Jogando os dados: Frota Pessoa, “o lutador que não envelhece”



Diário de Notícias, edição nº 621, 04/03/1932, p. 6. Foto do Professor Frota Pessoa. Acesso em 26/04/2013, endereço eletrônico: <http://memoria.bn.br/hdb/periodo.aspx>.

Para que o leitor possa entender a entrada em cena de Frota Pessoa recorreremos a sua biografia²⁵, pois da sua *trajetória*²⁶ de serviços prestados a educação e as causas sociais do Brasil foi cunhada a expressão “o lutador que não envelhece”. Conforme Sofia Lerche

²⁵ Cf. VEIRA, Sofia Lerche. *Frota Pessoa*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.

²⁶ São as “posições sucessivamente ocupadas por um mesmo agente (ou um mesmo grupo) num espaço que é ele próprio um devir, estando sujeito a incessantes transformações” (Cf. Bourdieu, 2006, p. 189).

Vieira²⁷, personagens como Anísio Teixeira, Lourenço Filho e Fernando de Azevedo foram estudados em vários artigos, teses e ensaios. Segundo Vieira, o mesmo não ocorre com outros nomes, independente dos esforços de historiadores e pesquisadores, pois “ainda há muitas sombras por desvendar a respeito daqueles que contribuíram para tornar ímpar tal momento (anos de 1920 e 1930) da história da educação no Brasil” (2010, p. 11).

Situaremos o leitor sobre a origem e as marcas trazidas pelo Jornalista e Administrador José Getúlio da Frota Pessoa a partir de dados biográficos, pois entendemos que “O homem é um reflexo do seu tempo, dele trazendo marcas e contradições”. Destacamos assim o Cearense, nascido no último quarto do século XIX, em 2 de Novembro de 1875, na Fazenda Bolívia, em Sobral, cidade situada no norte do Ceará, terra de lideranças políticas e econômicas do estado. (p. 11).

Segundo referências que constam no artigo “Notas Históricas da Cidade de Sobral”, publicadas pelo Padre Fortunato Alves, na revista do Instituto Histórico do Ceará, em 1922, a cidade era “próspera e possuidoras de belos edifícios e de magníficas igrejas” (p.14), com enorme fervor cultural, expressa através dos inúmeros jornais que surgiram, como o *Calabrote* e o *Estandarte*, de 1883; o *Betel* e o *Viajante*, de 1886; o *Sobralense*, publicado entre 1874-1887, e outros.

Os pais de Frota Pessoa, Emiliano Frederico de Andrade Pessoa (1836-1910) e Maria Adelaide Frota Pessoa (1842-1936) foram professores. Tiveram nove filhos, sendo que dois faleceram ainda na infância. Dessa família de pais professores, vários seguiram os passos do magistério. Ainda menino, José Getúlio Frota Pessoa, aprendeu as primeiras letras com os pais, com os quais recebeu também as instruções primária e secundária, visto que a Sobral naquele tempo não tinha muitas escolas.(p.15). Havia ainda o problema do financiamento da educação, como foi descrito na campanha do jornal *A Gazeta de Sobral* em defesa de contribuições dos alunos às “Caixas Econômicas Escolares”, os custos das aulas particulares e a falta de pagamento aos professores.(p.16)

Feitas tais considerações, retomamos a Frota Pessoa que se mudou para Fortaleza. Embora não se tenha dados precisos de quando ocorreu a mudança, sabe-se que ele concluiu seus estudos no colégio Anacleto de Queiroz e no Liceu do Ceará, entre 1891 e

²⁷ Os dados biográficos nos quais estamos nos baseando, foram retirados de VIEIRA (2010). Especialmente as páginas 11 a 20.

1892. O Liceu foi criado por lei de 1849 e concentrava os filhos da elite cearense que buscavam um modelo de escola orientada para ordem, disciplina e erudição. As disciplinas ministradas eram a filosofia racional e moral, retórica e poética, aritmética, geometria, trigonometria, geografia e história, latim, francês e inglês, sendo enfatizado o latim, visto as muitas horas dedicadas a esta disciplina.

O ambiente intelectual em que circulava Frota Pessoa era propício á escrita, já que “escrever era participar”. Nesse tempo a palavra sobressaia à imagem enquanto forma de comunicação. Foi nesse contexto, o jovem fez seus primeiros versos e forjou a militância através de uma expressão verbal forte e incisiva.

Em 1893, transferiu-se para o Rio de Janeiro, onde fez o ensino superior, e desenvolveu seu trabalho profissionalmente. Atuou e produziu reflexões acerca dos desafios que o ensino público provocou na primeira metade do século XX. Ultrapassou o desejo de buscar a cidade como fuga do sertão, mas percebeu a importância de dar voz as ideias inovadoras da sua geração..

Durante a juventude foi um intelectual combativo, além de poeta, bacharel, jornalista e crítico da chamada oligarquia Accioly, no Ceará. Já no Rio de Janeiro, manteve o espírito crítico inserindo novos elementos na busca de seus ideais. Segundo seu filho, Oswaldo da Frota – Pessoa, professor emérito da Universidade de São Paulo (USP), seu pai, foi um educador, de personalidade forte e com grande facilidade para a escrita.

Diferentemente de Anísio Teixeira, Lourenço Filho e Fernando de Azevedo, cujas obras circulam na atualidade com certa facilidade de localização em bibliotecas públicas, os escritos de Frota Pessoa não tiveram o mesmo destino, talvez por sua obra ter se restringido ao Ceará, ou mesmo pela singularidade de sua produção, que transformou-se em extensa produção jornalística através da coluna *Educação e Ensino*, publicada pelo *Jornal do Brasil* entre 1933 e 1948.

No Rio de Janeiro, Frota Pessoa desempenhou várias funções na diretoria da Instrução Pública do Distrito Federal. Ocupou o cargo de Secretário Geral da Instrução Pública, quando publicou o livro *A educação e a rotina* – theses heterodoxas, em 1924. Em 1928, era subdiretor da Instrução Pública, quando publicou o estudo *Divulgação Do Ensino Primário*. Foi nesse período que estreitou os laços de amizade com Fernando de Azevedo, durante a reforma de 1927-1930.

Entre as décadas de 1920 e 1940 testemunhou e protagonizou momentos importantes da educação, sem temer polêmicas e controvérsias. Fez da pena, seu instrumento de luta, principalmente depois de deixar o serviço público, em fins de 1932. A partir daí passou a assinar a coluna “Educação e Ensino” no *Jornal do Brasil*

Os escritos produzidos entre 1933 e 1948, representam um registro praticamente desconhecido daquele momento histórico, aonde para além do Rio Antigo, quando poucas crianças iam à escola e existiram os conflitos armados que afligiam o mundo. Frota Pessoa fez e pensou a educação, entre duas guerras, testemunhando movimentos e golpes políticos. Este foi o seu legado, material primoroso que alimenta sua obra, os recortes cotidianos dos problemas de uma sociedade em transformação. Em 1 de Agosto de 1951, Frota Pessoa falece de câncer pulmonar, pouco depois de encerrar sua coluna no *Jornal do Brasil*. Conforme Vieira, “a voz se cala, mas sua palavra permanece” (p.20).

Os renovadores ainda jogam os dados...

No dia 30 de dezembro de 1932, na *Página de Educação*, na coluna *Comentário*, com o título de “Uma conferência”, Cecília Meireles defendeu e enalteceu a apresentação de Fernando de Azevedo, no dia anterior, na V Conferência Nacional de Educação, realizada em Niterói, e ainda afirmou: “... a conferência do Dr. Fernando de Azevedo sobre “O Estado e a Educação” foi um acontecimento notável e pode dizer-se que data daí a inauguração verdadeira desse congresso técnico”. As qualidades e a liderança de Fernando de Azevedo foram exaltadas de maneira incisiva, a cronista não poupou elogios e nas suas palavras:

Todas as qualidades que se poderiam exigir para a abertura desses trabalhos se consubstanciaram no estudo meditado, sereno, imparcial, e, além disso, positivo como um fato científico e belo como uma obra de arte com que o diretor de Ensino de São Paulo elevou este congresso ao nível de interesse e de valor que desde o princípio lhe devia ter sido conferido (Meireles, 30/12/1932, p. 6).

A defesa e reafirmação de Fernando de Azevedo, enquanto liderança do grupo dos renovadores educacionais e a sua projeção como um nome nacional, encontrava nos textos da cronista o lugar de sustentação e exposição:

Trabalho de reflexão, de cultura, de entusiasmo e de franqueza, a contribuição do Dr. Fernando de Azevedo à educação nacional foi, mais uma vez, qualquer coisa

de grandioso, de luminoso, destacando-se de todas as vulgaridades, de todos os ceticismos, de todos os pretensiosos fingimentos com que facilmente se podem iludir assembleias, com uma vã retórica suscetível de perturbar, num dia, para decepcionar e morrer, na análise inexorável do dia seguinte (Meireles, 30/12/1932, Nº 917, p. 6).

A *Página de Educação* foi um dos lugares em que os renovadores encontravam eco para as suas explanações e divulgações. Nesse mesmo *Comentário*, a cronista reclama do esvaziamento da platéia e exalta a figura de outro personagem, Frota Pessoa, como podemos observar no fragmento abaixo:

Pena é que, desalentada talvez pela inauguração do Congresso, uma grande parte da assembléia não estivesse presente a essa conferência, que merece ser repetida ou publicada, para que a ouçam e nela se inspirem os responsáveis pela obra inadiável da educação nacional, cuja compreensão já se vem, aliás, ampliando de maneira notável, à força deste obstinado semear nas areias e construir nas dunas, a que ontem se referiu o **Dr. Frota Pessoa** em seu discurso, e que tem de ser a realidade alta e luminosa do futuro, apesar destes seus ares de hoje, ainda tão perfumados de mitológicas expressões (Meireles, 30/12/1932, p. 6). (Grifo nosso).

No mesmo dia, 30 de dezembro de 1932, na parte central da *Página*, com o título “Homenagem a um Educador”, era feita a reprodução do discurso do Dr. Fernando de Azevedo homenageando o Dr. Frota Pessoa. A cobertura do almoço e a reprodução do discurso na *Página de Educação* continuavam mostrando que ao longo da editoria de Cecília Meireles, esse foi um espaço para que o grupo de educadores renovadores, capitaneados por Fernando de Azevedo e Anísio Teixeira, encontrasse a chave que permitiria a expressão dos anseios de um grupo, que mesmo marcado pelas diferenças pessoais, ultrapassava o tom pessoal em busca de uma política renovadora da educação do país. Esse almoço oferecido a Frota Pessoa, realizado em Niterói, no período da 5ª Conferência Nacional de Educação, apresentava-se como mais um ato político para marcar a força do coletivo.



Algumas das pessoas presentes à homenagem

Página de Educação, Edição Nº 917 – 30/12/1932, página 6. Acesso em 26/04/2013, endereço eletrônico: <http://memoria.bn.br/hdb/periodo.aspx>.

No longo discurso proferido por Fernando de Azevedo, o orador reacendia as esperanças de mudança e renovação, compondo um retrato de Frota Pessoa e a retomada do Manifesto e dos ideais por eles propostos. Na introdução do discurso, com o aporte teórico de E. Durkheim, ele afirma:

Se há uma prova de que atravessamos um período de renovação, e se estão constituindo os grandes ideais sobre que deve repousar a reconstrução educacional, é, de certo, essa efervescência intelectual constantemente estimulada por ensaios e iniciativas de toda natureza e pela sucessão quase ininterrupta de reuniões e conferências, para o debate dos problemas de educação. “Os períodos criadores ou inovadores, como já observou E. Durkheim, são precisamente aqueles em que sob a influência de circunstâncias diversas, os homens são levados a se aproximarem mais intimamente, e, em que as reuniões e as assembleias são mais frequentes, as relações mais seguidas e as trocas de ideias mais ativas”. É nessas fases de renovação que os indivíduos, entrando em contato, em convívio e comunicação, aproximando-se e estreitando-se as relações entre si, começam a agir intensamente uns sobre os outros. “Os sentimentos que nascem e se desenvolvem no seio dos grupos tem, de fato, uma energia a qual não atingem os sentimentos puramente individuais. O homem que as experimenta, (é ainda de Durkheim a observação) tem a impressão de ser dominado por forças que não reconhecem como suas; que o arrastam e de quem não é senhor; e todo o meio, em que é mergulhado, lhe parece sulcado por forças do mesmo gênero. Ele se sente como que transportado a um mundo diferente daquele em que transcorre a sua existência privada. Arrastado pelo grupo, o indivíduo se desinteressa de si mesmo, esquece-se dá-se inteiro aos fins comuns. O pólo de sua conduta deslocou-se e transferiu-se para fora dele” (Diário de Notícias, 30/12/1932,p. 6).

Deste ponto em diante, Fernando de Azevedo discorre sobre a importância de um homem público com o qual trabalhou ao longo da Reforma Educacional de 1927-1930, momento em que estreitaram o relacionamento e a cumplicidade na tentativa de implementar as mudanças as quais acreditavam. A descrição que se segue faz uma alusão direta ao brasileiro descrito n'Os Sertões", de Euclides da Cunha, obra seminal na interpretação do Brasil. Assim o descreve:

Mas nesse homem de uma vitalidade singular, magro e enxuto, de estrutura mediana, que ainda conserva o aspecto de vigor e a solidez intrépida dos caboclos, o que me impressionou, como a todos impressiona, no primeiro contato, é a energia viril que se desprende, como um fluido, de toda sua personalidade. A cor de bronze, realçada pelos cabelos brancos; a marcha apressada e firme, em atitude ereta: a sua atitude enérgica, com qualquer coisa de áspero e bravio; os gestos cortantes e decisivos; o olhar vivo, franco e perscrutador, tudo indica nele, com as suas origens sertanejas, a bravura provocante, a tenacidade cavalheiresca e a vontade criadora dos homens de combate e ação. Ele não tem dos caboclos esse ar de fragilidade aparente, de indolência e de cansaço, que observou Euclides da Cunha, n'Os Sertões", e essa traçoieira lassidão de músculos a que basta, no entanto, uma provocação para retezá-los, transfigurando o indivíduo, acordando-lhe as energias indomáveis e desencadeando-as como uma força da natureza. Esse ar largado de frouxidão e de quase abandono que manifestam, no andar gigante e sinuoso, e essas atitudes que assumem, encostando-se sempre ou descansando sobre uma perna e olhando debaixo para cima, esquivos e desconfiados, são armas e reações de defesa, com que o homem do sertão, trabalhado pelas fadigas, pelos sóis ardentes e pelas emboscadas, procura, instrutivamente, não só "economizar" as suas forças, mas dissimulá-las para as descargas inesperadas (...) (Diário de Notícias, 30/12/1932, p. 6).

A partir deste momento, Fernando de Azevedo fazia, de forma cronológica, um relato da biografia do homenageado, elencando a sua caminhada de combate contra "a oligarquia dos Acciolys (1904-1911), até conseguir apeá-los do poder; nas lutas forenses que travou como advogado militante (1905-1912); e nas polêmicas sustentadas em torno do problema educacional" (idem). O orador não poupava elogios, marcando o homenageado com os adjetivos assentados na batalha que estava em andamento: polemista, crítico, homem de ação, ardor combativo, firmeza dialética, entre tantos outros.

Colocava o homenageado num patamar elevado e o destacava como um administrador inteligente e capaz que não ceder aos vícios da burocracia:

Compreende-se que uma inteligência desse vigor e um temperamento assim veemente e impetuoso o tenham resguardado contra o nivelamento, a rotina e a esterilidade, a que a burocracia costuma condenar, absorvendo-os e anulando-os a maior parte dos homens na administração. A vida burocrática a que consagrou mais de trinta anos, portanto, a maior parte de sua existência, longe de absorvê-lo, o levou a procurar isolamento no seu posto, que exerceu com atividade alerta,

atento a todas as reformas como uma sentinela avançada da instrução (...) (Diário de Notícias, 30/12/1932, p. 6).

Fernando de Azevedo não poupava elogios ao homenageado e no que se referia a condição de Frota Pessoa, como escritor, ele afirmava:

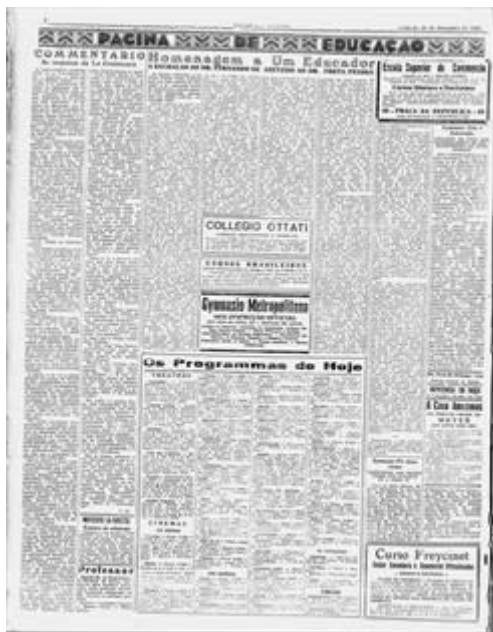
Nada na sua prosa como na sua poesia, de mistério, de penumbra e de linhas indecisas. As ideias e os fatos, os argumentos e os sonhos, as evocações e as préciências, tudo surge com o mesmo relevo, a mesma nitidez, numa frase firme e vigorosa, que lembra a beleza do modelado viril das estátuas antigas (...) (Diário de Notícias, 30/12/1932, p. 6).

No dia 31 de dezembro de 1932, na coluna *Comentário*, com o título “As surpresas da 5ª Conferência”, com uma forte dose de ironia, Cecília Meireles discorreu, de forma leve e dialogando com o leitor sobre os fatos observados por ela, na noite anterior. Segundo ela, a noite que deveria ser iniciada com a presença do Ministro da Educação, Sr. Washington Pires, não começara assim, pois o Ministro que “reunia em si, muito simpaticamente, as virtudes de ser, ao mesmo tempo, professor e estudante, ficara de comparecer a instalação dos trabalhos, o que dada – a significação do cargo que ocupa – só deixou de fazer por algum justo motivo inadiável” (...) (Diário de Notícias, 31.12.1932, Nº 918, p. 6).

Cecília Meireles afiava ainda mais a lâmina do seu texto e continuava ironizando o vazio dos discursos subsequentes e chamava atenção para a outra “surpresa” do evento ao tecer suas considerações construindo um trocadilho:

a renúncia do presidente efetivo da Conferência, que, alegando divergências de ideias, reconhecia, ao mesmo tempo, ao Congresso o direito de ser técnico e hipertécnico – tendo percebido, naturalmente, que, até a véspera, ele não fora senão hipotécnico e hipotético...” (Diário de Notícias, 31.12.1932, Nº 918, p. 6).

No mesmo dia, 31 de dezembro de 1932, foi publicada na *Página de Educação*, a conclusão do discurso de Fernando de Azevedo em homenagem a Frota Pessoa, iniciado no dia anterior. O orador prosseguia descrevendo as qualidades do homenageado e reforçando o seu comportamento de reformador, ao afirmar que “o Sr. Frota Pessoa é um desses espíritos inadaptados que, depois de entrarem na idade madura e, por toda a vida, conservam a afirmação revolucionária dos adolescentes” (Diário de Notícias, 31/12/1932, p. 6).



Página de Educação, Edição Nº 918 – 31/12/1932, p. 6. Acesso em 10/07/2013, endereço eletrônico: <http://memoria.bn.br/hdb/periodo.aspx>.

Fernando de Azevedo com intuito de mostrar que o homenageado não era um escritor que vivesse com pensamento distante da realidade nacional, afirmava:

Mas, nesse escritor de talento maduro, lúcido e escrupulosamente objetivo, vive o homem “menos livresco” do mundo, cujo pensamento se alimenta da substancia da realidade e da vida, como a seiva que das raízes mergulhadas o solo ascende e circula pelas árvores. O seu espírito positivo, cujas ideias são temperadas no contato da realidade e no atrito dos debates e das polêmicas, esquiva-se a submeter o pensamento a uma luz artificial com a qual poderia germinar e amadurecer mais depressa do que à luz da vida (...)(Diário de Notícias, 31/12/1932, p. 6).

O orador prosseguia enaltecendo a competência do homenageado, Frota Pessoa, por ser este um educador, “com uma perseverança obstinada, em todas as horas e de todos os modos: pela palavra, pela ação, pelo jornal e pela propaganda contínua do seu pensamento, imantado como a agulha para o polo magnético dos problemas da educação” (Diário de Notícias, 31/12/1932, p. 6).

De forma clara e marcando a importância política do coletivo, Fernando de Azevedo conclui:

Para nós, seus companheiros, fiéis à política educacional cujos princípios, aplicados em todas as reformas empreendidas sob nossa direção, se inscreveram no “manifesto” lançado ao povo e ao governo, esta homenagem tem significação

particular e servirá para nos fortalecer com uma vitalidade nova para as lutas futuras. O Sr. Frota Pessoa, dos primeiros que reagiram contra o meio embrutecido pelo automatismo da rotina profissional e das soluções empíricas, sem uma visão do conjunto, foi, de fato dos que mais colaboraram conosco, nesse esforço civilizador, em que se empenham, sem preconceitos, as novas correntes da educação. Essas ideias não penetrarão certamente por toda a parte, senão quando o magistério se familiarizar com elas e forem todos capazes de distinguir a inanidade das oposições e a solidez de nossa fé... O ambiente social e político ainda se apresenta, entre nós, como a atmosfera pesada e sufocante que, nos climas tropicais, funciona “como uma esponja”, capa de absorver as energias das vidas mais ricas e disciplinadas. As tempestades que às vezes rasgam o céu saturado de eletricidade não refrescam nem estimulam o homem de pensamento. Desencadeadas, eleva-se do solo esse vapor morno que faz pulular a vida exuberante dos instintos e das paixões e elimina o impulso, quando não a coragem dos idealistas que, no seu pensamento alto e generoso, aceitaram a luta contra o meio sem a consciência profunda de suas dificuldades e a vontade obstinada de vencê-las... (Diário de Notícias, 31.12.1932, Nº 918, p. 6).

Pelas palavras de Fernando de Azevedo, o grupo de reformadores ainda estava “rolando os dados no jogo político” e renunciava a saída de Cecília Meireles da sua tribuna de debates. Entretanto Fernando de Azevedo sinalizava que o jogo não havia terminado, pois do grupo, o nome de Frota Pessoa surgia para prosseguir nos embates que continuariam. Assim uma nova Tribuna seria erguida no *Jornal do Brasil*, uma nova seção seria criada com o título de *Educação e ensino*, as *armas* seriam as palavras e os opositores, os intelectuais católicos, continuariam sob a mira da sua escrita ferina.

3.3 – Ecos e silêncios: A seção de *Educação e ensino* e a *Página de Educação*.

A seção de *Educação e Ensino* do *Jornal do Brasil* foi criada no mês de maio de 1933 e prosseguiu até o ano de 1948. Ao longo da existência desta seção, Frota Pessoa publicou mais de 2.000 artigos com temáticas variadas e posteriormente deste universo, o próprio autor selecionou 380 artigos, entretanto apresentava um eixo temático que marcara Cecília Meireles na *Página de Educação*: o ensino religioso (Vieira, 2010, p. 39). Na apresentação da seção de *Educação e ensino*, Frota Pessoa indicava a linha editorial da seção. Para que o leitor perceba a interseção das duas colunas, transcrevemos a apresentação do dia 3 de maio de 1933, que naquela data informava:

Buscaremos torná-la cada dia mais variada e completa, de modo que todos os leitores possam sempre encontrar nela o que lhes aproveite ou lhes interesse.

Nela caberão também pequenas reportagens, comunicados breves, notícias de todas as procedências, dados estatísticos, bibliografia, movimento dos estabelecimentos e sociedade de educação, etc., tudo arranjado de maneira a tornar fácil a busca do assunto preferido e atraente à leitura.

Quando houver oportunidade, explicaremos a organização dos serviços de educação que poucas pessoas conhecem, já por serem complexos por sua natureza, já porque leis e regulamentos se sucedem rapidamente e alterações muitas vezes substanciais são introduzidas na legislação principal por meio de dispositivos intercalados em decretos de emergência. Isto já era assim no regime constitucional, quando mais lenta era elaboração de leis e assim continua. Aliás esta verificação não envolve uma censura. Os serviços de educação, em um país desprovido de organização, como o nosso, privados dos mais imprescindíveis recursos para seu custeio, têm que evoluir em constantes adaptações e experiências e, portanto, sua regulamentação tem que variar necessariamente. O que não se pode dispensar (e nem sempre se faz) é uma constante revisão das leis alteradas, para expurgo dos dispositivos revogados e introdução dos novos textos. As questões de educação são importantes para toda gente que tantas outras que ocupam habitualmente as colunas dos jornais. Pretendemos nesta seção dar a estas questões o relevo que elas merecem.

Queremos em suma ser úteis ao público e à administração. Nosso intuito é informar, cooperar e servir (Pessoa apud Vieira, 2010, p. 57).

Retomemos ao primeiro *Comentário* feito por Cecília Meireles, no dia 12 de junho de 1930, momento em que ela discorria sobre o que pretendia para que possamos tecer as devidas considerações:

Tudo que se relacionar com educação e ensino – desde a escola até a universidade – será nestas colunas objeto de uma constante preocupação. Comentando imparcialmente atos das autoridades, discutindo as novas idéias ou julgando os resultados de intensa experimentação que está se realizando em muitas escolas desta capital e de alguns estados, procurando proporcionar ao professorado argumentos para acompanhar de perto a renovação pedagógica do momento, e aos entendidos no assunto a oportunidade para um juízo seguro a respeito de todas as novas iniciativas (Meireles, 12/06/1930, p. 4).

Cotejando os dois textos, o que Frota Pessoa se propunha a fazer na seção de *Educação e Ensino*, ou seja, comentar “os assuntos referentes à educação e ao ensino no Distrito Federal, nos estados e no estrangeiro”, retomava o intento da *Página de Educação*, quando esta apontava que “tudo que se relacionasse com educação e ensino – desde a escola até a universidade – seria (...) objeto de uma constante preocupação”. Podemos observar que da primeira linha do *Comentário* de Cecília Meireles, talvez tenha saído as duas palavras que iriam dar título à seção de Frota Pessoa: *Educação e ensino*.

No que concernia aos temas, “o principal foco de seus pronunciamentos era o embate entre católicos e liberais, expresso na polêmica ensino público *versus* ensino

religioso” (Vieira, 2010, p. 41). Nessa perspectiva, defendia as posições tomadas pelos pioneiros, neutralidade e laicismo por parte do estado. Discussões que Cecília Meireles travou com dureza e rigor nos seus *Comentários*, principalmente depois da publicação do decreto assinado pelo Ministro Francisco Campos. Como apontam os fragmentos abaixo:

Todo mundo concorda: menos os católicos. E começam a levantar a suspeita (já tão conhecida que até dá má impressão dos recursos da sua inteligência) de que a Escola Leiga é uma coisa monstruosa; que é uma escola sem moral, sem Deus, sem Cristo; que é a perversão da infância e a desgraça da sociedade; o desmoroamento nacional e a condenação da humanidade para todo o sempre (Meireles, 2001c, p. 87-89).

Sugerimos que o leitor perceba os ecos da voz de Cecília Meireles no fragmento do texto do Frota Pessoa apresentado a seguir:

Ou o estado tem sua religião e a impõe a todos os que ele faz educar; ou não pode permitir que o regime escolar seja perturbado por pessoas que ele não prepara nem fiscaliza e que se propõem a ensinar matéria que ele não inseriu nos programas de ensino (Pessoa apud Vieira, 2010, p. 41).

Novamente Cecília Meireles sobre o ensino religioso:

O decreto *facultando o ensino religioso*, desde que o inventaram e atribuíram ao sr. Francisco Campos (pois eu ando ficando convencida de que ele não é seu autor), produziu uma singular situação. Todos os adeptos de todas as religiões protestaram e pediram, solicitaram e rogaram a sua revogação. Mas os da seita católica mandaram ao governo telegramas de parabéns. Como se *facultar o ensino religioso fosse tornar obrigatório o ensino católico...* (Meireles, 2001c, p. 79-81)

Outro exemplo de Frota Pessoa:

A neutralidade verdadeira não é esse suposto tratamento igual dado pelo estado a todos os credos, mas a abstenção de intervir entre o crer e o não crer, é a que impede que na escola se agitem problemas controvertidos. A escola tem de ser neutra, não permitindo que no seu ambiente tenham guarida às questões que agitam e dividem os homens. Porque a educação que ele tem o dever de dar às crianças há de ser comum e tender a formar um corpo social solidário. É assim que a neutralidade se define legitimamente (Pessoa apud, Vieira, 2010, p. 41).

As similaridades discursivas vão sendo retomadas a cada texto. Segundo Vieira, “a língua ferina de Frota Pessoa se abrandava, porém, quando se referia às figuras de sua admiração” (2010, p. 43). Esse abrandamento ocorria quando se referia a “Anísio Teixeira

e Fernando de Azevedo, com quem usufruiu estreita convivência”. Esses dois personagens eram recorrentes também na *Página de Educação*, sendo que Cecília Meireles, referia-se a Fernando de Azevedo tratando-o como “líder”, pois como Frota Pessoa, mantinha uma relação de proximidade com Fernando de Azevedo, com quem trocava cartas, esse procedimento evidencia uma certa intimidade entre esses atores.

Quando ocorreu a renúncia de Anísio Teixeira à Secretaria de Educação do Distrito Federal, em dezembro de 1935, assim se pronunciou Frota Pessoa:

Abandonando agora o posto em que, durante quase quatro anos, viveu a vida exclusiva de sua própria criação, encarnado nela como o espírito no corpo material, o Sr. Anísio Teixeira não será facilmente substituído.

Qualquer sucessor poderá facilmente destruir o que ele criou, mas poucos saberão prosseguir em sua obra, para fazê-la crescer e aperfeiçoar-se (Pessoa apud Vieira, 2010, p. 44).

Outro posicionamento similar de Frota Pessoa e Cecília Meireles foi ao tratamento dispensado ao Presidente Getúlio Vargas, chamando-o de *Sr. Ditador*. Usando de uma dose de ironia, Frota Pessoa publicou, em 31 de agosto de 1933, um texto intitulado: *A oração do ditador*. Nesse artigo ratificava as reivindicações feitas pelos pioneiros e mantinha viva na lembrança dos leitores a marca do coletivo do grupo e acesa a chama do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova. Dessa forma se posicionava Frota Pessoa:

O Chefe do Governo Provisório pronunciou na Bahia o seu anunciado discurso sobre a educação. Só disse coisas certas; não só falou, como qualquer dos pioneiros da educação moderna, como ainda se fez arauto de uma profunda reforma social.

(...)

Foi grande a nossa desilusão em verificar que o *Ditador*, conhece o problema educacional como os mais doutos signatários do famoso manifesto de 1932 e sabe o que cumpre ao governo fazer para resolver todos os seus enigmas. Porque, se ele se acha saturado dessas grandes verdades e, não obstante, deixou decorrerem três anos de sua administração sem uma tentativa realizadora, é que ele situa essa tese entre as que pertencem, por sua natureza, à literatura de ficção, propícia para gerar obras-primas de arte escrita e falada, mas nunca entre as que se destinam a uma execução prática, no domínio das realidades concretas.

(...)

Faltam poucos meses para que cessem os poderes discricionários do *nosso ditador*. Poderá ele nesse curto período de existência que lhe resta, cumprir esse dever que reconhece com desassombro, quando nada pode fazer nos três anos de exercício pleno de um poder ilimitado? (Pessoa apud Vieira, 2010, p. 59). (grifos nossos)

O termo *ditador* aparece, no *Comentário*, de 29 de maio de 1931, intitulado *Aquele desastrado decreto...*, quando Cecília Meireles trata o Chefe do Governo Provisório dessa forma, em texto que discutia mais uma vez o ensino religioso. Dessa forma ela iniciava o texto:

Em vão o *ditador* Getúlio Vargas tem explicado com a sua amabilidade costumeira – que já lhe ia conquistando tantas simpatias no Rio!... – o espírito eclético do desastrado decreto do ex-ministro da Educação. Em vão, - porque ninguém acredita desse ecletismo, e os próprios fatos todos os dias se estão encarregando de demonstrar a verdadeira acepção em que o decreto deve ser tomado (Meireles, 2001c, p. 27-29). (grifo nosso)

A intransigência que Cecília Meireles utilizou no período em que esteve à frente da *Página de Educação*, quando defendia e sonhava com as mudanças nos rumos da educação do país, encontrou na figura de Frota Pessoa um nome que agregava vários requisitos para continuar empunhando a bandeira do escolanovismo e das lutas até então travadas. O prosseguimento das discussões na imprensa continuaria, as cartas continuavam em jogo.

3.4 – A *Página de Educação*: Mais uma *Página* virada da Educação Brasileira?

Não sei como se possa viver sem um sonho grande, e sem a disposição heroica de o servir. Não sei como possa ser criatura humana sem uma aspiração para feitos maiores, e o gosto de aventura do espírito, e essa tentação do perigo – em que a gente se experimenta, pela inquietação de ganhar, ainda que, certamente, com a possibilidade também de perder. Faz-me mal ver a vida sem brilho, sem esperanças, sem glórias e sem desastres. Pensar que houve uma revolução e continuamos assim... (Meireles apud Lamego, 1996, p. 226)

Em correspondência datada de 23 de maio de 1932, da qual retiramos a epígrafe acima, Cecília Meireles escreve mais uma vez a um de seus interlocutores mais constante: Fernando de Azevedo. Recorremos a este tipo de documentação, pois podemos observar que nestes momentos mais particulares e menos publicizados, esses personagens ao trocarem suas confidências e impressões sobre o período, nos permitem buscar mais indícios sobre os bastidores das relações desses intelectuais.

Nessa mesma carta Cecília Meireles destaca um artigo escrito por Tristão de Ataíde, sobre o qual ela diz se tratar de mais um texto “venenoso” contra o Anísio Teixeira. Ela prossegue na carta discorrendo preocupada sobre o processo de desmoralização que sofria naquele momento a Escola Nova, sendo acusada pelos católicos de ser comunista.

O momento parecia marcado por certo desalento, que a faz desabafar com o seu interlocutor, parecendo buscar forças:

Se tivéssemos uma elite autêntica, a ela cumpriria situar o problema nos seus termos justos. Mas isto a que se costuma chamar elite, e que de fato veio orientando até os rumos brasileiros, não tem uma fisionomia nítida, não é força em que se possa confiar. Por isso é que andamos assim à mercê de qualquer audacioso ou maníaco, e é um verdadeiro milagre que não tenhamos ainda sucumbido definitivamente (Meireles apud Lamego, 1996, p. 225).

Na continuação da carta, Cecília Meireles alterna expressões como, “ando meio triste com essas coisas”, com “precisamos de um fogo contínuo” e afirma que “vencer é também obra de paciência e disciplina”. Entretanto o grupo do Manifesto, no seu entendimento, não apresenta mais a coesão necessária para prosseguir na luta e cita o a fadiga que se abate sobre Anísio Teixeira.

Em outra correspondência, essa datada de nove de novembro de 1932, ela faz menção à homenagem à Frota Pessoa, acreditamos que ela estivesse discorrendo sobre o almoço que ainda ocorreria em dezembro de 1932, mas não apresentava condições de responder a Fernando de Azevedo, porque não estava mantendo contato com do grupo.

Os indícios deixados por Cecília Meireles nessas duas cartas apontavam para um cansaço entre aqueles, que até então formavam um grupo que buscava imprimir novos rumos à educação do país. Como relatamos anteriormente, poderíamos trabalhar com a hipótese de que o almoço realizado em homenagem a Frota Pessoa, durante a V Conferência, funcionaria como um novo alento para o Grupo, como era o desejo de Cecília Meireles, expresso na carta para Fernando de Azevedo, citada anteriormente.

No entanto, no dia primeiro de janeiro de 1933, o *Comentário* apresentava um título simples, *1º de janeiro*, e a afirmativa que abria o texto era emblemática: “os homens gloriosos que sabem cultivar com afeição o pensamento da morte, são, por isso mesmo os mais admiráveis servidores da vida” (Meireles, 01/01/1933, p. 8).

No correr da sua escrita Cecília Meireles arrolava valores e situações que foram se repetindo na *Página*. Chamava atenção para a limitação e para o medo e a ausência desses fatores na infância e na velhice. Quanto à infância, preocupação recorrente no seu discurso, retomava a discussão a partir de Rousseau e de forma sensível e poética afirmava:

A infância não tem pátria nem língua, nem partidos, nem seitas. Seu convívio se estende, aliás, para além da própria definição humana: ela se comunica intimamente com toda a natureza, animais, plantas, minerais – e vive, como o homem primitivo, ainda envolta no deslumbramento do todo, de onde se desenovelaram as lendas que um dia se fizeram mais nítidas, para se chamarem verdades, até irem perdendo, mais tarde, essa nitidez, e esse nome, seguindo para o outro polo poético, onde se sabe que a vida é a lenda interpretada (Meireles, 01/01/1933, p. 8).

No *Comentário*, intitulado *Poesia e educação*, do dia 11 de janeiro de 1933, Cecília Meireles creditava a poesia a possibilidade da redescoberta do humano e afiançava:

Quando eu digo que, em matéria de educação, acredito na poesia, acima de tudo, é por saber que os poetas, pela sua maneira de verem as coisas, generalizadas, em suas linhas essenciais, despidas dos acessórios que limitam e situam no tempo, sabem distinguir a verdade mais pura dos fatos, se é que não a percebem por intuição, continuando o milagre artístico que, em suma, consiste em ver e revelar o que ainda não se evidenciou a clareza de todos os olhos (Meireles, 11/01/1933, p. 6).

No dia 12 de janeiro de 1933, Cecília Meireles encerrava a sua participação na *Página de Educação* do *Diário de Notícias*, lugar em que a crônica brasileira atravessou um período dos mais consistentes, a nosso ver, por ter conseguido unir na sua escrita e nos ecos da sua voz a energia e a sensibilidade, o sonho e a ação, na defesa “intransigente” de valores e ideais. Certo ar melancólico ficou na sua crônica “Despedida”, entretanto,

Nada mais simples; e nada tão imenso. Simples – que até pode ser feito por nós anos inteiros, dia a dia. Imenso – que já passou tanto tempo, e há sempre mais a fazer, e melhor e mais difícil – e, olhando-se para a frente, não se chega a saber em que lugar pode ser colocado o fim (Meireles, 12/06/1933, p. 6).

Ao amalgamar poesia e educação, Cecília Meireles legou-nos um caminho de construção e reconstrução educacional ao reiterar a importância do “educador verdadeiro” que traz em si um “poeta latente” e do “educador imprevisto” em cada poeta “na sua

profunda expressão”, pois que “a poesia disciplina o sonho, como a educação disciplina a vida” (Maireles, 11/01/1933, p. 6).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há um gosto de beleza nessa obra, rudemente amarga. Mas esse gosto contenta o espírito para sempre. E, depois dele, pode-se ficar para todo o tempo sem necessidade de mais nada que possa parecer ventura, e emancipado, também, de qualquer aflição (Meireles, 2001, vol. 3, p.214).

Não houve neutralidade de Cecília Meireles a frente da *Página de Educação*, no período em que editou o debate educacional na sua *Página*. A intencionalidade discursiva latente nos seus *Comentários*, ora ferinos, ora mordazes, ora finos, ora vorazes... Foram respostas apaixonadas de uma jornalista, poeta, educadora e sonhadora. Foram produzidas em consonância com o seu tempo.

O seu olhar agudo e irônico soube captar como poucos os debates na qual estava inserida, por isso o encantamento pela mulher e poeta Cecília Meireles, que sinalizamos como um dos pontos a nos chamar a atenção nas questões iniciais, não diminuiu, pelo contrário, aumentou. Neste momento em que vamos concluindo o nosso trabalho, acreditamos que a experiência deixou marcas indeléveis na minha formação.

No primeiro capítulo, buscamos situar o leitor sobre a nossa personagem principal, a sua importância nos debates educacionais, distinção desconhecida e marcada pelo apagamento. Essa direção da pesquisa nos levou para as questões ligadas a condição da mulher e percebemos que Cecília Meireles, mesmo na sua condição urbana e cosmopolita, não atrelou a sua luta as lutas pela emancipação da mulher, como Bertha Lutz, tão em voga naquele período.

Entretanto descobrimos uma vibrante jornalista forjada no dia a dia do jornal *Diário de Notícias*, periódico em que manteve sob sua editoria durante dois anos e sete meses a *Página de Educação*, suplemento do jornal criado para informar, discutir e interferir nos embates educacionais dos anos de 1930.

No segundo capítulo, procuramos mostrar a sua atuação direta nos debates antes do lançamento do *Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova* e a disputa entre os educadores católicos e os educadores reformadores, grupos distintos que pleiteavam a hegemonia sobre os assuntos educacionais do país. Jogamos luz nas suas Conferências na Liga Anticlerical, intituladas *Por que a escola deve ser leiga*. Selecionamos este momento por que consideramos marcante na exposição dos elementos fundantes da escola nova, pois o seu

discurso em defesa dos novos ideais da escola encontre o aporte seguro no “Emílio” de Rousseau, filósofo com quem dialogou ao longo das Conferências.

Outro ponto que valorizamos ao longo da nossa escrita, foi a descoberta de outro personagem: Nóbrega da Cunha. Um dos fundadores do Diário de Notícias e o personagem que deixou registrado o momento mais agudo dos reformadores, ou seja, a sua interferência na IV Conferência Nacional de Educação, ocasião preponderante que possibilitou o posterior lançamento do *Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova*. Nessa direção procuramos contextualizar o lançamento do Manifesto e mostramos as repercussões na imprensa.

No terceiro capítulo, apontamos as causas que foram sendo construídas para sua saída da editoria da *Página*. Apontamos nessa perspectiva, duas possibilidades que somadas nos ajudaram a responder ao questionamento: a saída de Nóbrega da Cunha da direção do jornal e o seu cansaço e a desilusão com os rumos da Revolução, que sua escrita deixa nas entrelinhas do segundo semestre de 1932.

No entanto a sua “despedida” nos legou os ecos da sua voz, que deu título à dissertação. A sua saída da *Página*, trouxe de volta a cena jornalística, outro ator que contribuiu com o movimento escolanovista: Frota Pessoa. O “velho” Frota como era chamado pelos intelectuais e amigos da época, colaborou com Fernando de Azevedo e Anísio Teixeira, em momentos distintos, quando esses intelectuais dirigiram o ensino no Rio de Janeiro.

A *Página* não foi virada na Educação Brasileira. No jornal *O Globo*, do dia 18 de junho de 2012 (p.4), a discussão foi retomada e o título não deixou dúvida: “Manifesto pela educação completa 80 anos na gaveta”. Essa matéria publicada num jornal de grande circulação, na nossa história atual, vendo estampadas as fotos de Anísio Teixeira, Cecília Meireles e Lourenço Filho, mostrou-nos que os ecos continuavam ecoando.

Sabemos que há muito por fazer. Entretanto fomos atravessados pela experiência de mergulhar no universo de engajamento intelectual de Cecília Meireles. Saímos desse trabalho embriagados, como Baudelaire, das suas discussões e intransigências. Mas, principalmente, embebidos de uma palavra repetida inúmeras vezes na *Página de Educação*: liberdade.

Para finalizar: “Tudo, em suma, foi educar uma questão”.

REFERÊNCIAS

Fontes primárias – Livros e periódicos

- Jornal *Diário de Notícias*, vinte e nove de Dezembro de 1931, p.5.
 _____, dezessete de Janeiro de 1932, p. 4.
 _____, vinte e oito de Fevereiro de 1932, p. 16.
 _____, primeiro de Março de 1932, p. 5.
 _____, dois de Março de 1932, p. 6.
 _____, quatro de Março de 1932, p. 6.
 _____, treze de dezembro de 1931, p.7 e 8.
 _____, quatorze de Dezembro de 1931, p. 1.
 _____, quinze de Dezembro de 1931, p. 5.
 _____, dezesseis de Dezembro de 1931, p. 1.
 _____, dezessete de Dezembro de 1931, p. 1.
 _____, dezoito de Dezembro de 1931, p. 6.
 _____, dezanove de Dezembro de 1931, p. 6.
 _____, vinte de Dezembro de 1931, p. 1.
 _____, vinte e um de Dezembro de 1931, p. 1.
 _____, quinze de Março de 1932, p. 5.
 _____, dezoito de Março de 1932, p. 6.
 _____, dezanove de Março de 1932, p. 5 e 6.
 _____, vinte de Março de 1932, p. 14.
 _____, vinte e cinco de Março de 1932, p. 6.
 _____, vinte e sete de março de 1932, p. 14.
 _____, vinte e nove de Março de 1932, p. 5.
 _____, trinta e um de Março de 1932, p. 5.
 _____, cinco de Abril de 1932, p. 5.
 _____, doze de Abril de 1932, p. 5.
 _____, dezanove de Abril de 1932, p. 6.
 _____, dois de Abril de 1932, p. 1 e 4.
 _____, trinta de Dezembro de 1932, p. 6.

_____, trinta e um de Dezembro de 1932, p. 6.

_____, primeiro de Janeiro de 1933, p. 8.

_____, onze de Janeiro de 1933, p. 6.

_____, doze de Janeiro de 1933, p. 6.

Jornal *O Globo*, 18 de junho de 2012, p. 4.

MEIRELES, Cecília. *Crônicas de educação*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: Fundação Biblioteca Nacional, 2001. 5 v.

LIVROS

ACHARD, Pierre [et al.]. *Papel da memória*. Campinas, SP: Pontes editores, 2010.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. *História da educação e da pedagogia : geral e Brasil*. São Paulo: Moderna, 2006.

BARBOSA, Marialva. *História cultural da imprensa : Brasil, 1900/2000*. Rio de Janeiro : Mauad X, 2007.

BARTHES, Roland. *Aula: aula inaugural da cadeira de semiologia literária do Colégio de França, pronunciada dia 7 de janeiro de 1977*. Tradução e posfácio de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 2007.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo : Editora Brasiliense, 1987.

BERNARDES, Maria Thereza Caiuby Crescenti. *Mulheres de ontem? Rio de Janeiro, século XIX*. São Paulo: T.A. Queiroz, 1988.

BLOCH, Marc. *Apologia da história, ou, O ofício de historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. 6ª ed. Org. Sérgio Miceli. São Paulo: Editora Perspectiva, 2009.

_____. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (orgs). *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Edito FGV, 2006.

BRAVO, Gian Majuo. Anarquismo. In BOBBIO, Norberto (org). *Dicionário de Política*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

BRITO, Mário da Silva. *Poesia do Modernismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

CAMARA, Sônia. “Progredir ou desaparecer”: o Manifesto dos Pioneiros da educação Nova de 1932 como itinerário para a construção do Brasil moderno. In: MAGALDI, Ana Maria; GONDRA, José G. (orgs.). *A organização do campo educacional no Brasil: manifestações, manifestos e manifestantes*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003.

_____. A Reforma Fernando de Azevedo e as Colmeias Laboriosas no Distrito Federal de 1927 a 1930. In: MIGUEL, Maria Elizabeth Blanck; VIDAL, Diana Gonçalves; ARAUJO, José Carlos Souza (orgs.). *Reformas educacionais: as manifestações da Escola no Brasil (1920 e 1946)*. Campinas, SP: Autores Associados; Uberlândia, MG: EDUFU, 2011 (Coleção memória da educação).

CANDIDO, Antonio. *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1987.

_____. A vida ao Rés-do-chão. In: Para gostar de ler: crônicas / Carlos Drummond de Andrade ... [et al.]. – Edição didática. São Paulo: Editora Ática, 1979-80.

CERTEAU, Michel de. *A Escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CHALHOUB, Sidney. *Visões da liberdade: uma história das últimas décadas da escravidão na corte*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

_____; NEVES, Margarida de Souza; PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda (orgs). *História em cousas miúdas: capítulos de história social da crônica no Brasil*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2005.

CUNHA, Marcus Vinicius da. *John Dewey. Biografia intelectual – Educador e filósofo da democracia*. *Revista da Educação. História da Pedagogia*, vol. 6. São Paulo. Editora Segmento, Dezembro/2010.

CUNHA, Nóbrega da. *A revolução e a educação*. Brasília: Plano Editora, 2003.

FÁVERO, Maria de Lourdes de Albuquerque; BRITO Jader de Medeiros. *Dicionário de educadores no Brasil – da colônia aos dias atuais*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/MEC-INEP-COMPED, 2002.

GOMES, Ângela de Castro. *Essa Gente do Rio... os intelectuais cariocas e o modernismo*. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 11, 1993.

HAHNER, June E. *A MULHER BRASILEIRA e suas lutas sociais e políticas: 1850-1937*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

LACAN, Jacques. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

LAMEGO, Valéria. *A farpa na lira: Cecília Meireles na Revolução de 30*. Rio de Janeiro: Record, 1996.

LÔBO, Yolanda. *Cecília Meireles*. Recife: MEC/Fundação Joaquim Nabuco/Editora Massangana, 2010.

_____. *Memória e Educação: O Espírito Victorioso, de Cecília Meireles*. Brasília : Rev. Bras. Est. Pedagógicos, nº 187, 1996.

_____. *Cecília Benevides de Carvalho Meireles*. (in) FÁVERO, Maria de Lourdes de Albuquerque; BRITO, Jader de Medeiros. *Dicionário de educadores no Brasil – da colônia aos dias atuais*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/MEC-INEP-COMPED, 2002.

MEIRELES, Cecília. *Crônicas de educação*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: Fundação Biblioteca nacional, 2001. 5 v.

_____. *Página de Educação. Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 12 de junho de 1930, p. 5.

MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. *Uma educadora pioneira. E pouco conhecida*. São Paulo: Ed. Segmento, Revista Educadores Brasileiros, 2010.

_____. *Sobre coisas de outros tempos: Rastros biográficos nas crônicas de Cecília Meireles na “Página de Educação”*. Pelotas: História da Educação, ASPHE/UFPel, v. 14, n. 30, 2010. Disponível em: <http://fae.ufpel.edu.br/asphe>. Acesso em 12.01.2013.

NEVES, Margarida de Souza; LÔBO, Yolanda Lima; MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio (orgs.) *Cecília Meireles: A Poética da Educação*. Rio de Janeiro : Ed. PUC-rio : Loyola, 2001.

_____. *Uma escrita do tempo: memória, ordem e progresso nas crônicas machadianas*. In: CANDIDO, Antonio *et al.* *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas, SP: Ed. Da Unicamp; Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1992. P. 75-92.

NOVAES, Adauto (org.). *O silêncio dos intelectuais*. São Paulo: Cia das Letras, 2006.

NUNES, Clarice. *Um manifesto e seus múltiplos sentidos*. In: MAGALDI, Ana Maria; GONDRA, José G.(orgs.). *A reorganização do campo educacional no Brasil: manifestações, manifestos e manifestantes*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003.

- PÉCAUT, Daniel. *Os intelectuais e a política no Brasil*. Entre o povo e a nação. São Paulo: Ática, 1990.
- PICCHIO, Lúcia Stegagno. *História da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997.
- PIMENTA, Jussara Santos. “*Fora do outono certo nem as aspirações amadurecem - Cecília Meireles e a criação da Biblioteca Infantil do Pavilhão Mourisco (1934-1937)*”. Dissertação de Mestrado. Departamento de Educação. PUC/RJ, 2001.
- PORTELLA, Eduardo. A cidade e a letra. In: *Dimensões I*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1958.
- ROCHA, Marlos Bessa Mendes da. *Carlos Alberto Nóbrega da Cunha*. (in) FÁVERO, Maria de Lourdes de Albuquerque; BRITO, Jader de Medeiros. *Dicionário de educadores no Brasil – da colônia aos dias atuais*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/MEC-INEP-COMPED, 2002.
- SILVA, Helenice Rodrigues da. *Fragmentos da história intelectual: Entre questionamentos e perspectivas*. Campinas: Papyrus, 2002.
- SIRINELLI, Jean-François. *Os intelectuais*. In: RÉMOND, René (org). *Por uma história política*. 2ª edição. Rio de Janeiro : FGV Editora, 2002.
- SOIHET, Rachel. *A pedagogia da conquista do espaço público pelas mulheres e a militância feminista de Bertha Lutz*. Revista Brasileira de Educação. Nº 15, 2000.
- STAROBINSKI, Jean. A literatura: o texto e o seu intérprete. In: LE GOFF, Jacques (comp.). *História: novas abordagens*, direção de Jacques Le Goff e Pierre Nora. Rio de Janeiro : Francisco Alves, 1988.
- VERRUCCI, Guido. Anticlericalismo. . In BOBBIO, Norberto (org). *Dicionário de Política*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.
- VIEIRA, Sofia Lercher. *Frota Pessoa*. Recife: MEC/Fundação Joaquim Nabuco/Editora Massangana, 2010.
- XAVIER, Libânia Nacif. *Para além do campo educacional: um estudo sobre o manifesto dos pioneiros da educação nova (1932)*. Bragança Paulista: EDUSF, 2002.
- _____. Manifestos, cartas, educação e democracia. In: MAGALDI, Ana Maria; GONDRA, José G.(orgs.). *A reorganização do campo educacional no Brasil: manifestações, manifestos e manifestantes*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003.

ZANONE, Valério. Laicismo. . In BOBBIO, Norberto (org). *Dicionário de Política*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

ANEXO 1 – Cronologia - Cecília Meireles

1901 - Nasce a sete de novembro, na cidade do Rio de Janeiro. Filha de Carlos Alberto de Carvalho Meireles, funcionário do Banco do Brasil, e de Mathilde Benevides Meireles, descendente de família açoriana de São Miguel, professora da rede pública de ensino primário do Distrito Federal. O pai faleceu antes do seu nascimento.

1904 – Fica órfã, aos três anos, com a morte da mãe; vai morar com a avó materna, Jacinta Garcia Benevides, na mesma cidade do Rio de Janeiro.

1910 – Conclui o curso primário na Escola Municipal Estácio de Sá no Rio de Janeiro.

1910 – Recebe a Medalha Olavo Bilac, prêmio pelo bom desempenho no curso primário.

1911 – Ingressa na Escola Normal do Distrito Federal.

1917 – Diploma-se professora pela Escola Normal do Distrito Federal.

1918 – Inicia o exercício de magistério como professora da rede pública municipal do Distrito Federal na Escola Deodoro da Fonseca no bairro da Glória, Rio de Janeiro.

1919 – Publica o livro de poesia *Espectros*, pela Editora Leite Ribeiro & Associados do Rio de Janeiro.

1920 – Ingressa no magistério do Ensino Médio, lecionando a disciplina Desenho na Escola Normal do Distrito Federal.

1922 – Casa-se com o artista plástico Fernando Correia Dias..

1922 – Publica poemas na revista *Árvore Nova*.

1923 – Nasce sua primeira filha, Maria Elvira.

1923 – Publica o livro *Nunca mais... e poema dos poemas*, pela Editora Leite Ribeiro & Associados do Rio de Janeiro.

1924 – Nasce sua segunda filha, Maria Mathilde.

1924 – Publica o livro *Criança, meu amor*, com ilustrações de Correia Dias, pelo Anuário do Brasil. Publica poemas na revista *Festa.(Juntar)*

1925 – Publica *Baladas para El-Rei*, também com ilustrações de Correia Dias, pela Editora Brasileira Lux, Rio de Janeiro.

1925 – Nasce sua terceira filha, Maria Fernanda.

1929 – publica a tese *O espírito victorioso*, pela Editora Lux, Rio de Janeiro.

1930 – Publica folheto, com ilustrações de Correia Dias, sob o título *Saudação à menina de Portugal*. Conferência pronunciada no Real Gabinete Português de Leitura.

1930 – Dirige a Página de Educação do *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, e, nesta página, passa a escrever a coluna diária *Comentário*.

1930 – Dirige a *Página das Crianças* no *Diário de Notícias*.

S/D – Traduz *As mil e uma noites*, com ilustrações de Correia Dias. Rio de Janeiro, Anuário do Brasil.

1932 – Assina o *Manifesto dos pioneiros da Educação Nova*.

1933 – Escreve seu último *Comentário* na Página de Educação do *Diário de Notícias*.

1933 – Expõe seus desenhos na Pró-Arte, no Rio de Janeiro, com a participação da escola de samba Portela na solenidade de abertura da exposição

1934 – É designada para o exercício no Instituto de Pesquisas Educacionais do Distrito Federal.

1934 – Organiza a primeira biblioteca infantil pública brasileira, no Pavilhão Mourisco, inaugurada em 15 de agosto com denominação de Centro de Cultura Infantil, na gestão de Anísio Teixeira na Secretaria de Educação do Distrito Federal.

1934 – Publica poemas na revista *Festa*.

1934 – Viaja, com o marido Correia Dias, a Portugal, a convite do Secretariado de Propaganda, onde faz conferências nas Universidades de Lisboa e Coimbra sobre Literatura Brasileira. Conhece a terra natal e a família de Correia Dias em Moledo de Penajóia.

1935 – Fica viúva, com a morte de seu marido Fernando Correia Dias.

1935 – Leciona as disciplinas Literatura Luso- Brasileira e Técnica Crítica Literária na Universidade do Distrito Federal.

1935 – Publica *Batuque, samba e macumba*. Lisboa, Separata do *Mundo português*.

1935 – Publica folheto *Notícia da poesia brasileira*. Coimbra, Biblioteca Geral da Universidade.

1938 – Ganha o prêmio de poesia da Academia Brasileira de Letras, com seu livro de poesia *Viagem*.

1939 – Publica o livro de poesia *Viagem*. Lisboa, Editora Ocidente.

1939 – Publica *Rute e Alberto resolveram ser turistas*. Porto Alegre, Editora Globo.

1939 - Retorna à Regência de turma, no Jardim de Infância Campos Salles, pertencente à rede municipal de ensino do Distrito Federal.

1939 – Trabalha como repórter para o jornal *Observador Econômico e Financeiro*.

1940 – Casa-se com o engenheiro Heitor Vinícius da Silveira Grillo, no Rio de Janeiro.

1940 - Leciona Literatura e Cultura Brasileira na Universidade do Texas.

1941 – Escreve a coluna *Professores e estudantes*, crônicas de Educação, no jornal *A Manhã*, Rio de Janeiro.

1941 – Edita a revista *Travel in Brazil*, do Departamento de Imprensa e Propaganda.

1942 – Publica *Vaga Música*, Rio de Janeiro, Editora Pongetti.

1942 – Escreve crônicas de educação em sua coluna *Professores e estudantes* no jornal *A Manhã*, Rio de Janeiro.

1944 – Publica *Poetas novos de Portugal* (Seleção e prefácio). Rio de Janeiro, Edições Dois Mundos.

1944 – Visita o México, Uruguai e a Argentina onde faz conferências sobre Literatura, folclore e Educação.

1945 – Publica *Rute e Alberto*. Boston, D.C. Heath.

1945 – Publica *Mar Absoluto e outros poemas*. Porto Alegre, Globo.

1945 – Publica crônicas intituladas *Rumo ao Sul*.

1946 – Escreve para o teatro de marionetes *A nau catarineta*.

1946 – Ministra cursos de teatro de bonecos na Sociedade Pestalozzi.

1947 – Traduz *A canção de amor e de morte do Porta-estandarte Cristóvão Rilke*, de Rainer Maria Rilke. Rio de Janeiro, Revista Acadêmica.

1948 – Traduz *Orlando*, de Virgínia Wolf. Porto Alegre, Globo.

1948 – Publica *Evocação lírica de Lisboa*. Lisboa, Separatha de Atlântico, Revista Luso-Brasileira, nº 6.

1948 – Participa de Seminário sobre Educação em Minas Gerais.

1949 – Publica *Rui*: pequena história de uma grande vida. Rio de Janeiro, Editora Livros de Portugal.

1949 – Publica *Retrato Natural*. Rio de Janeiro, Livros de Portugal.

1949 – Foi transferida para a Escola Medeiros e Albuquerque, da rede pública municipal do Distrito Federal.

- 1949** – Nomeada para a direção da Escola Bahia, da rede pública municipal do Distrito Federal.
- 1951** – Publica *Problemas da Literatura infantil*. Belo Horizonte, Imprensa Oficial.
- 1951** – Publica *Amor em Leonoreta*. Rio de Janeiro, Hipocampo.
- 1951** – Aposenta-se do cargo de professora da rede pública municipal do Distrito Federal.
- 1952** – Publica *Doze noturnos de Holanda & o aeronauta*. Rio de Janeiro, Livros de Portugal.
- 1952** – Publica o ensaio Artes Populares, In: *As artes plásticas no Brasil*. Rio de Janeiro, Instituto Larragoiti.
- 1953** – Pronuncia conferência *Gandhian Outlook and Techniques*, na Índia, em congresso sobre a obra de Gandhi. Nova Delhi, Ministry of Education.
- 1953** – Viaja à Índia, Goa e países da Europa.
- 1953** – Publica o *Romanceiro da Inconfidência*. Rio de Janeiro, Livros de Portugal.
- 1954** – Viaja à Europa e Açores.
- 1955** – Publica *Pequeno oratório de Santa Clara*, apresentado em caixa de madeira pintada, em forma de oratório. Rio de Janeiro, Philobiblion.
- 1955** – Publica *Pistoia, cemitério militar brasileira*, com Xilogravuras de Manuel Segalá. Rio de Janeiro, Philobiblion.
- 1956** – Publica *Canções*. Rio de Janeiro, Livros de Portugal.
- 1956** – Pronuncia conferência *O Elemento oriental em Garcia Lorca*, na Fundação Dulcina, em comemoração ao vigésimo aniversário da morte do poeta.
- 1956** – Publica *Giroflê, Giroflá*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.
- 1957** – Pronuncia conferência *O folclore na literatura brasileira*, em Porto Alegre.
- 1957** – Publica *Romance de Santa Cecília*. Rio de Janeiro, Philobiblion.
- 1957** – Publica *A rosa*, com ilustrações de Lygia Sampaio. Salvador, Dinamene.
- 1957** – Visita Porto Rico.
- 1958** – Viaja a Israel.
- 1958** - Traduz *Os caminhos de Deus*, de Kathryn Hulne. Rio de Janeiro, Seleções do Reader's Digest.
- 1958** – Publica o ensaio Panorama Folclórico dos Açores, especialmente da Ilha de São Miguel, In: *Revista Insulana*, vol XI, Ponte Delgada, 1 de setembro.

1958 – Publica *Obras Completas*, pela Aguilar.

S/D – publica folheto *A Bíblia na poesia brasileira*. Rio de Janeiro. Centro Cultural Brasil/Israel.

S/D – Publica o ensaio Gandhi, In: *Quatro apóstolos modernos*. São Paulo, Coleção Grandes Vocações, Donato Editores.

1959 – Publica *Eternidade de Israel*. Rio de Janeiro. Centro Cultural Brasil-Israel.

1959 – Publica o ensaio Expressão Feminina da Poesia na América. In: *Três Conferências sobre cultura hispano-americana*. Rio de Janeiro, Ministério da Educação, Coleção Cadernos de Cultura.

1960 – Publica *Metal Rosicler*. Rio de Janeiro, Livros de Portugal.

1960 – Traduz *Bodas de sangue*, de Federico Garcia Lorca. Rio de Janeiro, Editora Agir.

1960 – Traduz *Amado e glorioso médico*, e Taylor Caldwell. Rio de Janeiro, Seleções Reader's Digest.

1961 – Traduz *Sete poemas de Puravi, Minha bela vizinha, Conto, Mashi e O carteiro do rei*, de Rabindranath Tagore. Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Cultura, edição comemorativa do centenário de nascimento do autor.

1961 – Publica folheto *Rabindranath Tagore and the East West Unity*. Brazilian National Commission for Unesco.

1962 – Traduz *Poesia de Israel*, com ilustrações de Portinari. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.

1962 – Traduz *Caturanga*, de Rabindranath Tagore. Rio de Janeiro, Delta, Coleção Prêmios Nobel de Literatura.

1963 – Traduz *Yerma*, de Federico Garcia Lorca. Rio de Janeiro, Editora Agir.

1963 – Profere conferência na Associação Brasileira de Imprensa sobre a presença da poesia em textos litúrgicos e na Bíblia, por ocasião da quaresma, promovida pela juventude Independente Católica.

1963 – Publica *Solombra*. Rio de Janeiro, Livros de Portugal.

1964 – Publica *Escolha seu sonho*. Rio de Janeiro, Record.

1964 – Publica *Ou isto ou aquilo*. São Paulo, Editora Giroflê.

1964 – Recebe o título de Comendador da Ordem do Mérito no Chile.

1964 – Falece a nove de novembro, às 15 horas, no Hospital dos Servidores, na cidade do Rio de Janeiro.

ANEXO 2 - Cronologia - Frota Pessoa

1875 – Em 2 de novembro nasce José Getúlio Frota Pessoa na fazenda Bolívia, no município de Sobral, ao norte do Ceará. Filho do professor Emiliano Frederico de Andrade e da professora Maria Adelaide Frota.

1892 – Completa os estudos preparatórios ao curso de engenharia no Colégio Anacleto de Queiroz e no Liceu do Estado do Ceará.

1893 – A partir deste ano, residindo na cidade do Rio de Janeiro, leciona Matemática.

1894 – Com a participação de Frota Pessoa, são fundados em Fortaleza o Centro Literário e a Padaria Espiritual. Presta exames de acesso ao curso de engenharia da Escola Politécnica do Rio de Janeiro, sendo aprovado.

1896 – Inicia o curso de engenharia, abandonando-o no ano seguinte.

1898 – Submete-se a concurso para a função de amanuense, sendo classificado em 1º lugar e efetivado no ano seguinte.

1901 – Inicia o curso de direito na Faculdade Livre de Direito do Rio de Janeiro.

1904 – Diploma-se como bacharel em ciências jurídicas e sociais pela citada faculdade. Inicia campanha política e social contra a oligarquia Acioli que detém o poder no Estado do Ceará.

1905 – Casa-se com a professora Maria José Gomes da Cunha, assistente de pedagogia e psicologia da Escola Normal do Rio de Janeiro. A partir desse ano, exerce a profissão de advogado, além de funções públicas e de escrever para vários jornais cariocas.

1906 – Nasce seu primeiro filho, Renato, que veio a falecer em 1932, quando cursava engenharia.

1909 – Nasce seu segundo filho, Celso, formado em direito, vindo a ser o padrao do maestro Antônio Carlos Jobim.

1912 – Nasce sua filha Regina, que se casaria mais tarde com o pintor suíço Jean Pierre Chablaz. Assume o cargo de Secretário de Justiça do Ceará, permanecendo até julho do ano seguinte. Empreende então a reforma do Poder Judiciário desse estado.

1917 - Nasce seu filho Oswaldo. Formou-se em Medicina, tornando-se professor da Universidade de São Paulo. É o guardião da memória do pai.

1922 – Assume o cargo de Secretário Geral da Diretoria de Instrução Pública do Distrito Federal.

1924 – Publica seu estudo “A educação e a rotina – Theses heterodoxas”.

1928 – Edita seu trabalho “Divulgação do Ensino Primário”. Exerce o cargo de Subdiretor Administrativo da Instrução na gestão de Fernando de Azevedo à frente da Diretoria de Instrução Pública do Distrito Federal, quando este empreende importante reforma na rede de ensino. Funda com um grupo de professores e inspetores de ensino a Associação de Professores do Distrito Federal.

1931 – Publica seu livro *A Realidade Brasileira*.

1932 – É publicado pela Editora Nacional de São Paulo o *Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova*, intitulado “A Reconstrução Educacional no Brasil”, subscrito por vinte e seis educadores, Frota Pessoa entre eles. Aposentado do serviço público, como técnico da Prefeitura do Distrito Federal, Frota Pessoa é homenageado por um grupo de amigos pelos relevantes serviços prestados à causa da educação, sendo saudado por Fernando de Azevedo. Morre seu filho Renato.

1933 – A partir deste ano, é responsável pela seção “Educação e Ensino” do *Jornal do Brasil*, no Rio de Janeiro, até 1944, escrevendo mais de dois mil artigos.

1944 – Integra o Conselho Diretor da Associação Brasileira de Educação (ABE).

1951 – Aos 76 anos, Frota Pessoa falece na cidade do Rio de Janeiro, vítima de câncer pulmonar.

ANEXO 3 – Crônicas e Reportagens (1931 – 1932)

Crônicas e reportagens (1931-1932)

Data	Tema	Título	Referência
15/12/31	Reforma educacional	A IV Conferência	Memória.bn.br
16/12/31	Político	A propósito de crianças(Carta de uma menina falando das condições do prédio)	Memória.bn.br
17/12/31	Político	Sobre o comentário de ontem (confirmação que a carta foi escrita pela menina)	Memória.bn.br
18/12/31	Arte	Sugestões de música (concerto musical)	Memória.bn.br
18/12/31	Reforma educacional	A IV Conferência - Reportagem	Memória.bn.br
19/12/31	Reforma educacional	Questão de nome (Sobre a 4ª Conferência)	Memória.bn.br
20/12/31	Escola Nova-Ideais	Possibilidades	Vol. 2, p.251-252
22/12/31	Reforma educacional	A IV Conferência	Memória.bn.br
23/12/31	Escola Nova-Ideais	Escola única - Reportagem	Memória.bn.br
23/12/31	Infância	Natal	Vol.4, p.223-225
24/12/31	Escola Nova-Ideais	A nova orientação do ensino paulista -lourenço Filho - Reportagem	Memória.bn.br
24/12/31	Reforma educacional	Congresso de Educação	Vol. 2, p.89-90
25/12/31	Reforma educacional	Um líder	Vol. 2, p.253-254
26/12/31	Escola Tradicional - Crítica	Primeiro dia de aula. Lafcádio Mearn (japonês)	Memória.bn.br
27/12/31	Escola Nova-Ideais	O primeiro dia de aula	Memória.bn.br
29/12/31	Escola Nova-Ideais	A minha aposta	Vol. 2, p.255-257
30/12/31	Político	Quem é o Sr. Francisco Campos?	Memória.bn.br
31/12/31	Escola Nova-Ideais	O primeiro dia de aula	Memória.bn.br

31/12/31	Literatura	Biblioteca Nacional - Reportagem - Algumas considerações sobre o seu lastimável estado	Memória.bn.br
01/01/32	Filosófico	Fraternidade Universal	Memória.bn.br
02/01/32	Escola Nova-Ideais	Para começar (Compromisso de Cecília c/ a Página de Educação - Ideais educacionais	Memória.bn.br
03/01/32	Ensino religioso	Ensini Católico	Vol. 3, p.79-81
05/01/32	Ensino religioso	Para a monarquia	Memória.bn.br
06/01/32	Filosófico	Gandhi	Vol. 4, p.227-229
07/01/32	Filosófico	O poema do vendedor de frutas	Memória.bn.br
08/01/32	Infância	A canção do cárcere (Wilde e Gandhi)	Memória.bn.br
09/01/32	Filosófico	O brinquedo da guerra	Vol. 4, p.231-235
10/01/32	Relação adulto/criança	Os adultos	Memória.bn.br
12/01/32	Literatura	Cegueira	Memória.bn.br
13/01/32	Político	Desarmamento	Vol. 4, p.237-240
14/01/32	Político	Pela educação	Memória.bn.br
15/01/32	Filosófico	Uma questão de solidariedade	Vol. 4, p.241-242
16/01/32	Reforma educacional	O Ministério da Educação	Vol. 2, p.259-261
17/01/32	Escola Nova-Ideais	Kerschensteiner (a morte de George Kerschensteiner - Pedagogo da Universidade de Munique)	Memória.bn.br
19/01/32	Literatura	Pulgarcito (Revista Mexicana)	Memória.bn.br
19/01/32	Reforma educacional	V Conferência de Educação - Reportagem	Memória.bn.br
20/01/32	Literatura	O céu e os anjos	Memória.bn.br
21/01/32	Formação de Professores	O curso de férias	Vol. 3, p.215-217
22/01/32	Reforma educacional	Cruzada Nacional de Educação (Confronto com Francisco Campos)	Memória.bn.br
23/01/32	Filosófico	Fraternidade	Memória.bn.br

24/01/32	Político	Desarmamento	Vol. 4, p.243-245
26/01/32	Infância	A revolução e a criança	Vol. 3, p.86-87
27/01/32	Político	Fascismo e a educação (autoritarismo na demissão de um professor)	Memória.bn.br
28/01/32	Reforma educacional	A guerra santa (alfabetização)	Vol. 2, p.263-264
29/01/32	Arte	Educação artística	Vol. 4, p.61-63
30/01/32	Reforma educacional	Um Decreto do Dr. Pedro Ernesto	Vol. 2, p.265-266
31/01/32	Escola Nova-Ideais	China e Japão	Memória.bn.br
02/02/32	Formação de Professores	Psicologia	Vol. 3, p.219-221
03/02/32	Político	Desilusão da mocidade (Desarmamento)	Vol. 4, p.247-248
04/02/32	Diversidade	As crianças abandonadas	Vol. 1, p.231-232
05/02/32	Reforma educacional	Questão de educação	Vol. 1, p.29-31
06/02/32	Ensino religioso	Leigo e religioso	Vol. 3, p.87-89
07/02/32	Arte	Carnaval	Memória.bn.br
11/02/32	Relação adulto/criança	No meio do carnaval	Memória.bn.br
12/02/32	Reforma educacional	O recurso extremo	Vol. 4, p.249-251
13/02/32	Infância	Vamos brincar de rei?	Memória.bn.br
14/02/32	Formação de Professores	Uma palavra oportuna - Claparéde	Memória.bn.br
16/02/32	Ensino religioso	Por que a escola deve ser leiga? Reportagem	Memória.bn.br
16/02/32	Escola Tradicional - Crítica	Asas de borboleta	Vol. 4, p.65-66
17/02/32	Literatura	Reportagem na Biblioteca Nacional - Reportagem	Memória.bn.br
17/02/32	Político	Bina Das (estudante hindu condenado a 9 anos de prisão)	Memória.bn.br
18/02/32	Literatura	O músico cego (Livro de Korolenko)	Memória.bn.br
19/02/32	Político	Ensino agrícola	Memória.bn.br
20/02/32	Escola Nova-Ideais	Excesso de severidade (conto)	Memória.bn.br

20/02/32	Literatura	Reportagem na Biblioteca Nacional - Reportagem	Memória.bn.br
21/02/32	Relação adulto/criança	Uma criança infeliz	Memória.bn.br
23/02/32	Relação adulto/criança	A vantagem de ser adulto	Memória.bn.br
24/02/32	Escola Nova-Ideais	Cooperação	Vol. 3, p.91-93
25/02/32	Reforma educacional	A hora do fogo	Memória.bn.br
25/02/32	Reforma educacional	ABE (V Conferência Nacional de Educação) - Anísio Teixeira - Reportagem	Memória.bn.br
26/02/32	Literatura	Dois poemas chineses	Vol. 4, p.253-255
28/02/32	Ensino religioso	Por que a escola deve ser leiga? Reportagem	Memória.bn.br
28/02/32	Reforma educacional	Coisas da instrução	Vol. 2, p.267-269
01/03/32	Ensino religioso	O cavalo da estatua	Memória.bn.br
01/03/32	Ensino religioso	Por que a escola deve ser leiga? Reportagem	Memória.bn.br
02/03/32	Ensino religioso	Por que a escola deve ser leiga? Reportagem	Memória.bn.br
02/03/32	Filosófico	Uma prova a mais (guerra e relig.)	Memória.bn.br
03/03/32	Reforma educacional	Assim não	Vol. 2, p.91-94
03/03/32	Reforma educacional	Cinco entrevistas com o Diretor de Instrução (Anísio Teixeira) - Reportagem	Memória.bn.br
04/03/32	Diversidade	A escola da paciência	Memória.bn.br
04/03/32	Ensino religioso	Por que a escola deve ser leiga? Reportagem	Memória.bn.br
05/03/32	Literatura	O novo livro de um escritor (Bruno de Martino e um capítulo sobre a criança - Livro:Guerra aos sinos) - Reportagem	Memória.bn.br
05/03/32	Relação adulto/criança	A tristeza de ser criança	Vol. 1, p.233-234
06/03/32	Liberdade	Variações em torno da cadeira elétrica	Memória.bn.br

08/03/32	Escola Nova-Ideais	Orfeões escolares (Ref. A Villa Lobos)	Vol. 4, p.67-68
09/03/32	Escola Tradicional - Crítica	Dois dias de aula	Memória.bn.br
11/03/32	Ensino religioso	O dia de "engolir a capsula"	Vol. 3, p.95-96
12/03/32	Escola Nova-Ideais	As grandes vidas (homenagens póstumas)	Memória.bn.br
13/03/32	Liberdade	Libertação	Vol. 1, p.33-35
15/03/32	Relação adulto/criança	Um caso curioso	Memória.bn.br
16/03/32	Ensino religioso	O arrependimento	Vol. 3, p.97-99
17/03/32	Literatura	Por que não se lê	Memória.bn.br
17/03/32	Literatura	Reportagem na Biblioteca Nacional - Reportagem	Memória.bn.br
18/03/32	Reforma educacional	Um instante definitivo	Memória.bn.br
18/03/32	Reforma educacional	A Revolução e a Educação (Comentário sobre o livro de Nóbrega da Cunha)	Memória.bn.br
19/03/32	Reforma educacional	O valor dos manifestos	Memória.bn.br
19/03/32	Reforma educacional	Manifesto da Nova Educação ao governo e ao povo - Reportagem	Memória.bn.br
20/03/32	Jornalismo	A função educativa da imprensa	Memória.bn.br
22/03/32	Infância	Goethe (Centenário de Goethe na Alemanha)	Memória.bn.br
23/03/32	Infância	Goethe (A infância de Goethe)	Memória.bn.br
23/03/32	Literatura	Literatura infanti (O centenário de Lewis Carroll)	Memória.bn.br
24/03/32	Infância	Goethe	Memória.bn.br
25/03/32	Relação adulto/criança	Goethe (Educação como sonho e possibilidade)	Memória.bn.br
27/03/32	Relação adulto/criança	Goethe (Diálogo entre Goethe e Mephistóphedes)	Memória.bn.br
27/03/32	Relação adulto/criança	Goethe - Reportagem	Memória.bn.br
29/03/32	Escola Nova-Ideais	O pensamento educacional	Memória.bn.br
29/03/32	Reforma educacional	A reorganização do ensino normal e a fundação do Instituto	Memória.bn.br

		de Educação- Entrevista do Dr. Fernando de Azevedo	
30/03/32	Escola Nova-Ideais	Finalidade	Memória.bn.br
31/03/32	Reforma educacional	Manifesto da Nova Educação	Memória.bn.br
31/03/32	Social	O menino Lindbergh	Memória.bn.br
01/04/32	Filosófico	A propósito da paz	Memória.bn.br
02/04/32	Escola Tradicional - Crítica	O caso da Escola Epitacio Pessoa	Memória.bn.br
03/04/32	Jornalismo	Imprensa e educação	Memória.bn.br
06/04/32	Infância	Em homenagem a Goethe - Reportagem	Memória.bn.br
06/04/32	Reforma educacional	A questão dos técnicos I	Vol. 2, p.95-96
07/04/32	Arte	Sede de escandalo (Filme com alto valor educativo)	Memória.bn.br
08/04/32	Escola Nova-Ideais	Cruzada da juventude	Vol. 4, p.257-258
09/04/32	Jornalismo	Anonimato (Crítica de C M a reportagens que divulgam posturas "incorretas" de professores)	Memória.bn.br
10/04/32	Filosófico	Solidão	Memória.bn.br
12/04/32	Escola Nova-Ideais	A pena de aço	Memória.bn.br
13/04/32	Infância	Felicidade (Poema Felicidade - escrito por um poeta japonês)	Memória.bn.br
14/04/32	Infância	Em torno de uma lenda	Memória.bn.br
15/04/32	Literatura	Goethe e as meninas de Liceu	Memória.bn.br
16/04/32	Escola Nova-Ideais	Sobre um discurso de Alfonso Reyes	Memória.bn.br
17/04/32	Filosófico	A simples glória humana (guerra)	Memória.bn.br
19/04/32	Diversidade	A criança e a educação	Vol. 1, p.235-237
20/04/32	Infância	Um pouco de Panait Istrait (Livro que fala da infância de Istrait)	Memória.bn.br
21/04/32	Escola Nova-Ideais	Tiradentes	Memória.bn.br
22/04/32	Escola Nova-Ideais	Brincando de escola	Vol. 1, p.239-240
23/04/32	Literatura	Em louvor de Quijano	Memória.bn.br

		(Comemoração a Cervantes)	
24/04/32	Escola Nova-Ideais	As escolas italianas	Vol. 1, p.83-84
26/04/32	Literatura	Livros para crianças	Vol. 1, p.137-139
27/04/32	Relação adulto/criança	Proteção a criança	Vol. 1, p.241-243
27/04/32	Social	O dia do encarcerado - Reportagem	Memória.bn.br
28/04/32	Arte	O dia das mães	Memória.bn.br
29/04/32	Reforma educacional	Manifestação ao interventor	Vol. 2, p.275-277
30/04/32	Escola Tradicional - Crítica	Disciplina (Definição do termo)	Vol. 4, p.155-157
01/05/32	Escola Nova-Ideais	O destino das esperanças	Vol. 4, p.259-260
03/05/32	Escola Nova-Ideais	Atenea política (Alfonso Reyes. Obra educacional do México)	Memória.bn.br
04/05/32	Ética	Para Alfonso Reyes (Correção quanto à localização geográfica México)	Memória.bn.br
05/05/32	Reforma educacional	Inquéritos pedagógicos	Vol. 2, p.101-102
06/05/32	Ética	Ciclo de Helena (Livro do Sr. Francisco Campos)	Pesquisa
06/05/32	Infância	Crimes contra a infância (Filho de Lendbergh)	Memória.bn.br
07/05/32	Arte	Maternidade	Memória.bn.br
08/05/32	Diversidade	Hoje, que os órfãos recordarão sua mãe	Memória.bn.br
10/05/32	Diversidade	Favorecendo a criança brasileira	Vol. 1, p.245-246
11/05/32	Escola para todos	Escola para pobres	Vol. 3, p.223-224
12/05/32	Diversidade	As razões do Lobo	Memória.bn.br
13/05/32	Diversidade	13 de maio	Vol. 4, p.203-204
14/05/32	Reforma educacional	Cooperação	Vol. 3, p.225-226
27/05/32	Reforma educacional	Uma atitude histórica	Vol. 3, p.101-105
28/05/32	Escola Nova-Ideais	A propósito da escola pública	Vol. 3, p.227-229
29/05/32	Reforma educacional	Escrúpulos	Vol. 2, p.37-39
31/05/32	Reforma educacional	O gosto da responsabilidade	Memória.bn.br

01/06/32	Relação adulto/criança	Crianças e adultos	Memória.bn.br
02/06/32	Filosófico	No dia de Garibaldi	Memória.bn.br
03/06/32	Infância	A infância que sofre (Referência a obra de Panait Istrait)	Memória.bn.br
04/06/32	Escola Nova-Ideais	A nova educação	Vol. 3, p.231-233
05/06/32	Escola Nova-Ideais	Sobre a nova educação I	Vol. 3, p.235-237
07/06/32	Reforma educacional	Um por todos e todos por um	Vol. 1 p.247-248
07/06/32	Reforma educacional	Uma entrevista com o diretor (Mário Brito) da Escola Secundária do Instituto de Educação - Reportagem	Memória.bn.br
08/06/32	Escola Nova-Ideais	Revolução e Educação	Vol. 2, p.271-273
09/06/32	Escola Nova-Ideais	Nitidez de intuições	Vol. 3 p.107-109
10/06/32	Filosófico	Camões (A magia do poeta)	Memória.bn.br
11/06/32	Escola Nova-Ideais	Café e educação	Vol. 4, p.69-71
12/06/32	Página de Educação	Aniversário	Vol. 4, p.177-179
14/06/32	Escola Nova-Ideais	La Escuela em La Republica (Livro de Marcelino Domingo-Ministro da República Espanhola)	Memória.bn.br
14/06/32	Literatura	Quatro séculos de Rabelais (4º centenário de publicação de Pantahruel) - Reportagem	Memória.bn.br
15/06/32	Escola Nova-Ideais	O Caso dos estudantes pernambucanos I	Vol. 2, p.41-43
16/06/32	Escola Nova-Ideais	O Caso dos estudantes pernambucanos II	Vol. 2, p.45-47
17/06/32	Escola Nova-Ideais	Sobre a nova educação II	Vol. 3, p.239-240
18/06/32	Literatura	O "Plantie" (Sobre Mistral - Provençal)	Memória.bn.br
19/06/32	Formação de Professores	A formação do professor	Memória.bn.br
21/06/32	Escola Nova-Ideais	Beleza	Vol. 1, p.37-38
22/06/32	Literatura	Machado de Assis - Uma página de Mário de Alencar sobre o grande romancista - Reportagem	Memória.bn.br

22/06/32	Relação adulto/criança	Klims (Nomes de crianças expondo-os a situações delicadas)	Memória.bn.br
23/06/32	Formação de Professores	"Aleph, ba, ta ..."	Memória.bn.br
24/06/32	Filosófico	Atitude (Importância da cooperação)	Memória.bn.br
25/06/32	Métodos	Um pássaro (Importância de pequenas ações)	Memória.bn.br
26/06/32	Filosófico	Camaradagem (Referência de Remarque -memórias de guerra)	Vol. 4, p.159-160
28/06/32	Relação adulto/criança	Sooky (Filme realizado por crianças) - Sentido do humano - ressonâncias com os filmes de Chaplin	Vol. 4, p.73-75
29/06/32	Literatura	Cartas de estudantes mortos na guerra - Referência a Remarque	Vol. 4, p.261-265
30/06/32	Literatura	Cartas de estudantes alemães mortos na guerra	Memória.bn.br
01/07/32	Escola Nova-Ideais	Tagore e a educação	Memória.bn.br
02/07/32	Literatura	Carta de estudantes alemães mortos na guerra I	Vol. 4, p.267-271
03/07/32	Literatura	Carta de estudantes alemães mortos na guerra II	Vol. 4, p.273-276
05/07/32	Literatura	Cartas de estudantes alemães mortos na guerra III	Vol. 4, p.277-282
06/07/32	Literatura	Vida prática (Referência a Tagore)	Vol. 1, p.39-41
07/07/32	Filosófico	Veinemoinem	Vol. 1, p.85-87
08/07/32	Reforma educacional	Educação e política	Vol. 3, p.125-126
09/07/32	Filosófico	Deuses e mártires	Memória.bn.br
10/07/32	Reforma educacional	Manifesto da Nova Educação	Vol. 3, p.241-242
12/07/32	Diversidade	À margem do credo de Einstein	Memória.bn.br
13/07/32	Filosófico	Grandes considerações sobre um pequeno motivo	Memória.bn.br
14/07/32	Liberdade	14 de julho	Vol. 4, p.209-210

15/07/32	Diversidade	O crime de ser poeta	Memória.bn.br
16/07/32	Relação adulto/criança	Uma criança, mais quatro crianças, mais um cachorro (Castigos corporais)	Memória.bn.br
17/07/32	Social	Um suicídio	Memória.bn.br
19/07/32	Escola Nova-Ideais	Escola velha e escola nova	Vol. 3, p.243-245
20/07/32	Formação de Professores	Cursos de aperfeiçoamento do Instituto de Educação	Vol.3, p.247-249
21/07/32	Filosófico	Pró paz	Vol. 4, p.283-286
22/07/32	Escola Nova-Ideais	Escola nova	Vol. 3, p.251-252
23/07/32	Diversidade	Uma coisa maravilhosa	Memória.bn.br
24/07/32	Filosófico	Carlito, Gandhi, etc	Memória.bn.br
26/07/32	Morte	Santos Dumont – Morte S Dumont	Memória.bn.br
27/07/32	Diversidade	Brasil	Vol. 4, p.211-213
28/07/32	Escola Tradicional - Crítica	História do livro do colégio, do navio e da moça	Memória.bn.br
29/07/32	Escola Nova-Ideais	À hora do fogo (Guerra)	Vol. 4, p.287-288
30/07/32	Escola Nova-Ideais	Folclore e educação	Vol. 1, p.75-77
31/07/32	Escola Nova-Ideais	Educação (Educação da mocidade)	Vol. 3, p.111-112
02/08/32	Escola Tradicional - Crítica	Progresso... Cativoiro	Memória.bn.br
03/08/32	Filosófico	Paz	Vol. 4, p.289-290
04/08/32	Escola Nova-Ideais	O autor do bem (Livro de Oscar Wilde e a educação)	Memória.bn.br
05/08/32	Escola Nova-Ideais	Solução (Pensa na criança e no adulto)	Memória.bn.br
06/08/32	Filosófico	Mussolini e a paz	Vol. 4, p.291-294
07/08/32	Infância	Santos Dumont e a infância	Vol. 1 p.249-250
09/08/32	Filosófico	Continuação de Mussolini e a	Vol. 2, p.295-297

		paz	
10/08/32	Morte	Brinquedos (Crítica a armas de brinquedo)	Vol. 4, p.299-300
11/08/32	Escola Nova-Ideais	A paz pela educação	Vol. 4, p.301-30
12/08/32	Relação adulto/criança	Rodin e Rilke	Memória.bn.br
13/08/32	Filosófico	Fraternidade	Vol. 4, p.151-153
14/08/32	Jornalismo	Combate ao sensacionalismo	Memória.bn.br
16/08/32	Filosófico	Ternura chinesa (Poetas - Poemas de Chang-Wi-Kien - Século XIX) / Tagore	Memória.bn.br
16/08/32	Infância	A conferência de LucDurtain - Reportagem	Memória.bn.br
17/08/32	Escola Nova-Ideais	Cooperação	Vol. 1, p.43-44
18/08/32	Escola Nova-Ideais	Arte de educar (Conferência proferida por Cecília Meireles)	Memória.bn.br
18/08/32	Jornalismo	Sensacionalismo e educação	Memória.bn.br
19/08/32	Literatura	Frigyes Karinthy (Obra do novelista húngaro)	Memória.bn.br
20/08/32	Adolescência	Um grande exemplo (Movimento de jovens húngaros para reformar a República de Andorra)	Memória.bn.br
21/08/32	Morte	Um caso muito triste (Suicídio entre jovens)	Memória.bn.br
21/08/32	Social	Psicanálise do sensacionalismo (Conferência do Dr. Roberto Lyra)	Memória.bn.br
23/08/32	Formação de Professores	A dificuldade de ser professor	Vol. 3, p.253-255
24/08/32	Filosófico	Gandhi e a educação	Vol. 1, p.79-81
25/08/32	Reforma educacional	Considerações	Vol. 3, p.121-123
26/08/32	Político	À margem de uma conferência (Alfonso Reyes)	Memória.bn.br

27/08/32	Literatura	Notas de um caderno de Guerra	Vol. 4, p.305-307
28/08/32	Escola Nova-Ideais	Um símbolo	Vol. 3, p.257-259
28/08/32	Reforma educacional	O caso das promoções de profss	Memória.bn.br
30/08/32	Filosófico	Os educadores e a paz	Vol. 4, p.309-310
31/08/32	Escola Nova-Ideais	Tagore e a educação	Memória.bn.br
01/09/32	Diversidade	O exemplo do poeta (Laurindo Rabello - Poeta)	Memória.bn.br
02/09/32	Escola Nova-Ideais	Instruir e educar	Memória.bn.br
03/09/32	Literatura	As cantigas de embalar de Gabriela Mistral	Vol. 1, p.89-92
04/09/32	Literatura	La personalidad lírica de Goethe – Reportagem	Memória.bn.br
04/09/32	Morte	Adoradores de estátuas (Educador "Criatura de adorações vivas")	Memória.bn.br
06/09/32	Relação adulto/criança	Goethe, mais uma vez	Memória.bn.br
07/09/32	Escola Nova-Ideais	Bacharelado (Livro de Frederico Mistral "Moun espelido, memori raconte")	Memória.bn.br
08/09/32	Escola Nova-Ideais	Bacharelado II (continuação)	Memória.bn.br
09/09/32	Arte	Serviço de música e canto orfeônico	Vol. 4, p.77-79
10/09/32	Reforma educacional	Código do estudante brasileiro	Vol. 2, p.29-31
11/09/32	Diversidade	A criança preguiçosa (Livro de Gilbert Robin "L'enfant saus defaut")	Memória.bn.br
13/09/32	Diversidade	A criança preguiçosa (continuação)	Memória.bn.br
13/09/32	Reforma educacional	Precisamos de escolas para as crianças – Reportagem	Memória.bn.br
14/09/32	Diversidade	A criança preguiçosa (continuação)	Memória.bn.br
15/09/32	Filosófico	Uma esperança de educação	Memória.bn.br

		(Definição de educação para Cecília)	
16/09/32	Filosófico	Gandhi, o Mártir	Memória.bn.br
17/09/32	Adolescência	Adolescência	Memória.bn.br
18/09/32	Literatura	Livros infantis	Vol. 4, p.141-142
20/09/32	Infância	Não há título (Criança de 15 anos trocada por alguns pertences)	Memória.bn.br
21/09/32	Escola Nova-Ideais	Educação , acima de tudo	Vol. 1, p.45-46
22/09/32	Filosófico	Gandhi	Memória.bn.br
23/09/32	Formação de Professores	A educação do samurai (Livro do professor Inazo Nitobé "Le Bushido, l'ame du Japon")	Memória.bn.br
24/09/32	Reforma educacional	Um pouco de luz (Pedro Ernesto encerra crise da Diretoria de Instrução)	Memória.bn.br
25/09/32	Filosófico	A penitência da fraternidade	Memória.bn.br
27/09/32	Escola Nova-Ideais	Amor	Memória.bn.br
28/09/32	Reforma educacional	Um memorável discurso	Memória.bn.br
29/09/32	Filosófico	Herriot e Von Papen (paz)	Memória.bn.br
30/09/32	Filosófico	Vida e educação	Vol. 1, p.47-49
01/10/32	Função do Educador	Armistício (Guerra / Paz)	Memória.bn.br
02/10/32	Filosófico	Um instrumento de tortura	Memória.bn.br
04/10/32	Escola Nova-Ideais	O sonho da educação	Vol. 1, p.51-53
05/10/32	Filosófico	Ivan Montalwo (Equador)	Memória.bn.br
06/10/32	Filosófico	Esse glorioso México	Memória.bn.br
07/10/32	Relação adulto/criança	Precocidade	Memória.bn.br
08/10/32	Política e educação	Política, liberdade, educação (Palavras escritas Simon Bolivar - Venezuela)	Memória.bn.br

09/10/32	Diversidade	Vida	Memória.bn.br
11/10/32	Reforma educacional	Um discurso	Memória.bn.br
12/10/32	Filosófico	O simpósio - O que disse o Dr. Anísio Teixeira - Reportagem sobre "A contribuição de escolas estrangeiras ... "	Memória.bn.br
12/10/32	Político	12 de outubro (Comemoração ao Dia da América)	Memória.bn.br
13/10/32	Métodos	O sacrifício dos heróis	Memória.bn.br
13/10/32	Métodos	O simpósio (Continuação)	Memória.bn.br
14/10/32	Filosófico	O sacrifício dos heróis (continuação)	Memória.bn.br
15/10/32	Diversidade	Um poema de Costis Palamas (poeta grego)	Memória.bn.br
15/10/32	Métodos	Na ABE - O Simpósio - Dr Gustavo Lessa - EUA como possível inspirador de modelos educacionais - Reportagem	Memória.bn.br
16/10/32	Métodos	Na ABE - O Simpósio (continuação) Reportagem	Memória.bn.br
16/10/32	Reforma educacional	A questão dos técnicos II	Vol. 2, p.97-99
18/10/32	Infância	"Romance del Camino de mi infancia - Livro do poeta argentino Luiz Cané)	Memória.bn.br
19/10/32	Reforma educacional	Considerações	Memória.bn.br
20/10/32	Escola Nova-Ideais	Abrigo de proteção aos animais (Escola de fraternidade)	Memória.bn.br
21/10/32	Reforma educacional	Uma curiosa contradição	Memória.bn.br
22/10/32	Arte	A propósito de Chopin	Memória.bn.br
23/10/32	Arte	O ponto de vista de Chaplin	Memória.bn.br
25/10/32	Escola Nova-Ideais	Fênix	Memória.bn.br
26/10/32	Diversidade	Nossa ignorância	Memória.bn.br
27/10/32	Jornalismo	Combatendo o plágio (Papel	Memória.bn.br

		educativo da imprensa)	
28/10/32	Arte	O "Suplemento de Arte da Enciclopédia de Educacion" - suplemento uruguaio	Memória.bn.br
29/10/32	Filosófico	Para acabar com a guerra	Vol. 4, p.311-312
30/10/32	Escola Nova-Ideais	Equilíbrio	Vol. 1, p.55-57
01/11/32	Reforma educacional	Boletim de educação pública	Vol. 4, p.81-83
02/11/32	Escola Nova-Ideais	Os mortos (Dia de finados / Mortos que nos inspiram)	Memória.bn.br
03/11/32	Escola Nova-Ideais	Esse fantasma da guerra (Perfil educativo e deseducativo)	Vol. 4, p.313-314
04/11/32	Arte	Teatro e educação	Vol. 4, p.85-86
05/11/32	Diversidade	Preconceito	Memória.bn.br
06/11/32	Político	Tolstói (Aniversário da Revolução Russa e aniversário da morte de Tolstói - coincidência de datas)	Memória.bn.br
07/11/32	Filosófico	Os químicos e a paz (Letônia)	Vol. 4, p.317-318
09/11/32	Infância	Musset e nós (Musset - Poeta francês)	Memória.bn.br
10/11/32	Infância	Musset e nós (continuação)	Memória.bn.br
11/11/32	Infância	Musset e nós (continuação)	Memória.bn.br
12/11/32	Literatura	Fábulas	Memória.bn.br
13/11/32	Filosófico	O homem mais forte	Vol. 1, p.93-95
15/11/32	Formação de Professores	Uma conferência - Mme. Artus Perrelet	Memória.bn.br
16/11/32	Escola Nova-Ideais	Nossas escolas	Vol. 4, p.111-112
17/11/32	Escola Nova-Ideais	A educação e o jogo	Memória.bn.br
18/11/32	Escola Nova-Ideais	Idealismo	Memória.bn.br
19/11/32	Escola Nova-Ideais	Despertar	Vol. 1, p.59-60

22/11/32	Diversidade	Desigualdade	Memória.bn.br
23/11/32	Arte	Arte e educação	Vol. 1, p.61-62
24/11/32	Política e educação	Política e educação	Vol. 3, p.113-115
25/11/32	Filosófico	Justiça	Vol. 1, p.99-100
26/11/32	Filosófico	Compreensão	Vol. 1, p.101-103
27/11/32	Relação adulto/criança	Flaubert e a infância	Memória.bn.br
29/11/32	Escola Nova-Ideais	Uma coisa que me disseram	Memória.bn.br
30/11/32	Infância	A infância e a sua atmosfera	Memória.bn.br
30/11/32	Infância	A criança e a sua atmosfera	Vol. 1, p.127-129
01/12/32	Escola Nova-Ideais	A escola chinesa (Referência a Confúcio / China e Goethe / Alemanha)	Memória.bn.br
02/12/32	Diversidade	Khariton Efruss (Livro escrito por um judeu russo - fala de discriminação)	Memória.bn.br
03/12/32	Filosófico	A duração das rosas	Memória.bn.br
04/12/32	Escola Tradicional - Crítica	O suicídio de uma criança	Memória.bn.br
06/12/32	Arte	Um critério de educação física	Memória.bn.br
07/12/32	Reforma educacional	Uma atitude e o seu reflexo	Vol. 3, p.261-262
08/12/32	Filosófico	Ambiente	Vol. 4, p.113-114
09/12/32	Filosófico	Meninos e homens	Memória.bn.br
10/12/32	Escola Nova-Ideais	Aprender	Vol. 1, p.63-64
11/12/32	Função do Educador	Deformação profissional	Memória.bn.br
13/12/32	Escola Nova-Ideais	Exposições de fim de ano	Memória.bn.br
14/12/32	Escola Nova-Ideais	Extensão das pátrias	Vol. 4, p.205-207
15/12/32	Escola Nova-Ideais	Por falar em exposições	Memória.bn.br
16/12/32	Escola Nova-Ideais	Variações sobre o mesmo tempo	Memória.bn.br

17/12/32	Escola Nova-Ideais	A escola e a obra da paz	Vol. 4, p.319-320
18/12/32	Escola Nova-Ideais	Uma sugestão	Vol. 1, p.251-252
20/12/32	Escola Nova-Ideais	Beleza	Vol. 4, p.87-89
21/12/32	Infância	Andar (Referência a Tagore)	Memória.bn.br
22/12/32	Reforma educacional	Prédios escolares	Vol. 4, p.115-116
23/12/32	Reforma educacional	O que o Sr. Sud Menucci fez e o que pretendia fazer	Memória.bn.br
24/12/32	Reforma educacional	A V Conferência de Educação	Memória.bn.br
25/12/32	Escola Nova-Ideais	Árvore de Natal (Educação Física como base para a Educação Espiritual)	Memória.bn.br
27/12/32	Política e educação	O governo e a educação	Vol. 3, p.117-118
28/12/32	Política e educação	Oratória e educação	Vol. 3, p.119-120
29/12/32	Arte	Teatro da criança	Vol. 4, p.91-93
30/12/32	Escola Nova-Ideais	Uma Conferência (Conferência de Fernando de Azevedo na V Conferência Nacional de Educação)	Memória.bn.br
31/12/32	Política e educação	As surpresas da 5ª Conferência Nacional de Educação	Memória.bn.br
01/01/33	Infância	1 de janeiro	Memória.bn.br
03/01/33	Reforma educacional	Prposta (V Conferência Nacional de Educação)	Memória.bn.br
03/01/33	Reforma educacional	V Conferência Nacional de Educação - Sessão de Encerramento - Reportagem	Memória.bn.br
04/01/33	Reforma educacional	Homenagem a um educador - Reportagem	Memória.bn.br
05/01/33	Literatura	Tiko (Comentário sobre o livro)	Memória.bn.br
06/01/33	Arte	Convênio Cinematográfico educativo	Memória.bn.br
06/01/33	Reforma educacional	V Conf. Nacional de Educação - Discurso de Anísio Teixeira	Memória.bn.br

07/01/33	Escola Nova-Ideais	Santos Dumont	Memória.bn.br
10/01/33	Escola Tradicional - Crítica	El Libro Yel Pueblo (Revista Mexicana - Crítica)	Memória.bn.br
11/01/33	Escola Nova-Ideais	Poesia e Educação	Memória.bn.br
12/01/33	Página de educação	Despedida	Memória.bn.br

ANEXO 4 - Artigo de Menotti Del Picchia

Artigo de Menotti Del Picchia – publicado na “Folha da Manhã” (SP)



Página de Educação, Edição nº 642, 25/03/1932 - Artigo de Menotti Del Picchia sobre o Manifesto da Nova Educação, página 6. Acesso em 25/05/2013, endereço eletrônico: <http://memoria.bn.br/hdb/periodo.aspx>.

Um grupo de professores ilustres do país publica um documento para reorganização da nossa nacionalidade, sugerindo uma “Reconstrução Educacional”.

Com razão, observou Laboulaye que toda Revolução provoca a fecunda fermentação de um levedo de ideias, tanto boas quanto más, quebrando a estagnação da velha ordem. Nesse sentido, eu sempre achei a Revolução uma calamidade útil, uma paradoxal desgraça feliz.

Diante de todos os manifestos, proclamações, programas, que expluiu capitosa e grotesca após a batalha de Itararé, esse trabalho se destaca pelo seu imenso alcance e urgente necessidade. Exame global das falhas da nossa organização instrucional é ao mesmo tempo, remédio basilar a essa insensata sequencia de “disparates anárquicos” que mais ou menos têm sido as precipitadas, unilaterais e inconsequentes reformas do ensino no Brasil.

Pela primeira vez, um dos nossos problemas cardeais é visto pelo seu único e justo ponto de perspectiva: de conjunto. Nossos males resultam da falta de enquadração das soluções apontadas a um problema num plano geral. Resolver pelo aspecto lateral é, deformar ainda mais o conjunto.

O plano magistral de reforma educacional do Brasil, elaborado pelos eminentes Fernando Azevedo, Afranio Peixoto, Sampaio Doria e outros é o trabalho mais sério e gigantesco aparecido ultimamente.

Não há negar a recíproca influência dos dois grandes fatores do progresso humano: O econômico e o espiritual. A sistematização racional dos processos mentais reage na boa organização econômica. Toda a anarquia mental reflete-se na organização material de um povo.

A utilização lógica das suas utilidades, o desdobramento crescente da riqueza, depende do processo intelectual aplicado no seu aproveitamento. Sem uma base instrucional sadia e lógica não há boa economia.

Mas, na educação de um povo é mister que haja uma unidade educacional para o aproveitamento máximo. Só assim, se creará o que nos falta. Isto é cultura.

Cultura-que não se confunde com instrução- é num povo a suprema racionalização da sua índole, um patrimônio que intelectualiza e sistematiza sua maneira de ser. Um povo pode ser instruído sem ser culto. A ausência de um mecanismo educativo articulado dentro de um plano global que atinja as várias etapas instrucionais resulta na especialização artificial e a não integração de um indivíduo num espírito de cultura. Chega-se assim a um nível de instrução e não a um tesouro nacional de cultura. Cria-se o tecnicismo superficial, sem a visão ampla e global da complexidade dos problemas gerais.

O vasto programa elaborado por eminentes mestres é de tal importância, que por si só, justificaria uma revolução. Revolução pacífica, sem heróis nem o martírio precursor dos conspiradores, revolução mental e leal e por isso eficiente e útil.

Um ponto, porém me preocupa: a vastidão territorial do Brasil. Não que falte uma plástica elasticidade ao plano, amoldando-o às condições várias da nossa complexa diversidade étnico-econômica.

Parece-me, porém, que com o nosso regime, viciado pela falta de continuidade administrativa, sua aplicação se torna difícil. Somente uma ditadura pedagógica, conseguiria implantá-lo num país em que se faz uma bernarda por causa da vacina obrigatória e se alarmam os quartéis devido a higiênica agressividade dos mata-mosquitos.

A Reconstrução Educacional do país é uma obra de gigante. Dentro dela está, certamente, a força capaz de transformar o Brasil.

(repblicado na *Página de Educação*)

ANEXO 5 - Artigo publicado no jornal “Estado de São Paulo”

Artigo publicado no jornal “Estado de São Paulo” – s/autoria.



Página de Educação, Edição nº 644, 27/03/1932 – Artigo publicado no jornal “Estado de São Paulo” e reproduzido na Página 14. Acesso em 25/05/2013, endereço eletrônico: <http://memoria.bn.br/hdb/periodo.aspx>.

Mostra-se, neste trabalho-que a educação, com ser uma função essencialmente pública, não dispensa o concurso particular da família, demonstrando-se também que a escola deve ser organizada de modo tal que se torne acessível, em todos os seus graus, inclusive nos superiores, aos cidadãos a quem a estrutura social do país mantém em condições de inferioridade econômica.

A famosa questão “escola única”, o manifesto a explica como sendo ou, como devendo ser, a escola para todos, a escola comum em que todas as crianças de 7 a 15 anos, tenham uma educação comum igual para todos. Sem proibir as escolas particulares, antes favorecendo-as, o manifesto reclama para o ensino oficial os característicos fundamentais da laicidade, gratuidade, obrigatoriedade, coeducação. A função educacional, para ser perfeita, exige unicidade, autonomia e descentralização.

Traçadas as diretrizes do plano de educação, o manifesto passa a demonstrar como ele deve ser executado, através da escola primária, secundária e da escola superior, assinalando que o ponto nevrálgico da questão reside na escola secundária. Esta deverá ser

unificada para se evitar o divórcio entre os trabalhadores manuais e intelectuais, proporcionando uma base comum de cultura geral.

“Montada na sua estrutura tradicional para a classe média (burguesia) enquanto a escola primária servia à classe popular, como se tivesse uma finalidade em si mesma, a escola secundária, ou do terceiro grau, não forma apenas o reduto dos interesses de classe que criaram e mantêm o dualismo dos sistemas escolares.” O plano sugerido levanta” os obstáculos opostos pela escola tradicional à interpretação das classes sociais, se inspira na necessidade de adaptar essa educação à diversidade nascente de gostos e à variedade crescente de aptidões que a observação psicológica registra nos adolescentes”. Observa muito bem o manifesto que a escola do passado, descurou a própria formação do espírito e a função, que lhe cabia, de conduzir o adolescente ao limiar das profissões e da vida.

O problema universitário leva o manifesto ao estudo do problema das “elites”, cuja organização e renovação constitui para as democracias uma necessidade vital. Essa seleção dos melhores, segundo o manifesto, deve-se processar não por diferenciação econômica, mas por diferenciação de todas as capacidades. Dessa “elite” há de fazer parte o professorado de todos os graus e este, precisa possuir uma formação universitária que “elevando-lhe em verticalidade a cultura e abrindo-lhe a vida sobre todos os horizontes, estabeleça entre todos, para a realização da obra educacional uma compreensão recíproca, uma vida sentimental comum e um vigoroso espírito comum nas aspirações e nos ideais”.

Os signatários do manifesto estão convencidos de que, com a execução integral do plano que propõem a reconstrução do Brasil estará feita na base de uma educação inteiramente nova.

Ainda que não concordássemos com todas as afirmativas do manifesto, nem aceitássemos sem debates todos os seus pontos de vista, não o deixaríamos de receber, pelo que ele representa de estudo sério e de meditação profunda.

Quem quiser construir para o amanhã, quem quiser fazer obra nacional sólida e duradoura, tem que principiar pelos alicerces, que são a educação das massas, as escolas e as universidades.

(republicado na *Página de Educação*)